



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Contributo para a Carta Arqueológica do Concelho
de Arronches**

Vol. 1

António Miguel Fernandes Lopes

Orientação: Professora Doutora Leonor Maria Pereira
Rocha

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Contributo para a Carta Arqueológica do Concelho
de Arronches**

Vol. 1

António Miguel Fernandes Lopes

Orientação: Professora Doutora Leonor Maria Pereira
Rocha

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: *Avaliação de Impacte Ambiental*

Dissertação

Évora, 2015

Agradecimentos

A todas as pessoas que permitiram e ajudaram na realização deste trabalho, nomeadamente:

À minha orientadora, Professora Leonor Rocha, pelos constantes incentivos, compreensão, disponibilidade e pelos ensinamentos transmitidos durante inúmeras saídas de campo.

Aos meus pais, Leonel e Ester Lopes, pelo constante apoio e motivação. Por serem o meu exemplo de vida.

À mulher da minha vida, Elizangela Oliveira, por todo apoio.

À minha irmã, Helena e ao meu cunhado Tiago, pela força, motivação e amizade.

À minha avó Antónia por tudo que lhe devo na vida.

Ao professor André Carneiro por todo conhecimento transmitido, assim como insistência e apoio para realização deste trabalho.

A todos meus amigos que me ajudaram que ajudaram a limar certas arestas, pelo apoio e companheirismo e amizade. Ao Carlos, Andreia e Ulrico pela sua ajuda nos trabalhos e companhia nas saídas de campo.

A Custódia Araújo por todo seu apoio, amizade e companheirismo ao longo de meu caminho universitário.

A todos, um muito obrigado.

Contribution to the Archaeological Chart of Arronches Municipality

Abstract

Presents the results of the archaeological prospection developed between the years 2008 and 2012 in the municipality of Arronches, given the knowledge, preservation and safeguarding of the archaeological heritage.

Contributo para a Carta Arqueológica do concelho de Arronches.

Resumo

Apresentam-se os resultados dos trabalhos de prospeção arqueológica desenvolvidos, entre os anos de 2008 e 2012 no concelho de Arronches, tendo em vista o conhecimento, a preservação e a salvaguarda do património arqueológico.

Índice

Introdução.....	7
1. Caracterização do território.....	9
1.1. Geologia e Geomorfologia.....	10
1.2. Os Solos e Hidrografia.....	11
1.3. Hidrografia.....	12
1.4. Clima.....	12
1.5. Vegetação.....	13
2. Metodologia do Trabalho.....	15
2.1. Primeira fase: recolha e seleção da informação disponível sobre o concelho e a região.....	15
2.2- Segunda fase: trabalho de campo - prospeção.....	16
3. História da Investigação Arqueológica no concelho de Arronches.....	19
4. Povoamento do Paleolítico.....	24
4.1. Sítios Paleolíticos no Concelho de Arronches.....	25
4.2. Breve análise.....	26
5. O Povoamento da Pré-história Recente.....	28
5.1. Povoados Neo-Calcolíticos.....	28
5.1.1. Sítios da Pré-história Recente no Concelho de Arronches.....	29
5.1.2. Breve análise.....	36
5.2. Megalitismo de Arronches.....	37
5.2.1. Monumentos Megalíticos Funerários.....	38
5.2.2. Monumentos Megalíticos Não Funerários.....	43
5.2.3. Breve análise.....	44
Arte rupestre da freguesia da Esperança.....	46
6.1. Abrigos com arte rupestre da freguesia da Esperança.....	46
6.2. Breve análise.....	53
7. Povoamento da Idade do Bronze.....	56
7.1. Povoados da Idade do Bronze.....	56
7.2. Breve análise.....	57
8. Povoamento da Idade do Ferro.....	59
8.1. Povoados da Idade do Ferro do Concelho de Arronches.....	60
8.2. Breve análise.....	64
9. A ocupação romana.....	66
9.1. Povoamento romano no Norte do concelho.....	68
9.1.1. Sítios romanos do Norte do concelho de Arronches.....	68
9.1.2. Breve análise.....	71
9.2. Povoamento na zona central do concelho.....	73
9.2.1. Sítios romanos do território central do concelho.....	73
9.2.2. Breve análise.....	78
9.3. Sítios romanos ao longo da via XV.....	79
9.3.2- Breve análise.....	92
9.4. Povoamento romano no regolfo da Barragem do Caia.....	93
9.4.1. Os Sítios romanos no regolfo da barragem do Caia.....	93
9.4.2. Breve análise.....	98
10. Sítios e Estruturas de Época Medieval e Moderna.....	100
10.1. Lista de estruturas e sítios localizados.....	100
11. Considerações finais.....	105
12. Bibliografia.....	109
13. Anexos.....	
13.1 – Cartografia.....	
13.2 – Fotografias.....	
13.3 – Fichas de Sítio.....	

Índice de Mapas

Mapa 1 – Localização geográfica do concelho de Arronches.....	9
Mapa 2 – Litologia do concelho de Arronches.....	11
Mapa 3 – Mapa hidrológico de concelho de Arronches.....	12

Índice dos gráficos

Gráfico 1- Distribuição dos sítios de habitat de pré-historia recente existentes na base dados do Endovélico (Portal do Arqueólogo).....	29
Gráfico 2 - Distribuição dos sitio romanos localizados pelas tipologias.....	67
Gráfico 3 - Distribuição dos sítios por tipologias da Base dados do Portal do Arqueólogo respeitante ao concelho de Arrorrches.	105
Gráfico 4 - Distribuição de sítios por freguesias do concelho.....	106
Gráfico 5 - Distribuição dos sítios por período cronológico.....	107

Introdução

Localizado na região Noroeste do Alentejo, o concelho “*raiano*” de Arronches distribui-se por uma superfície com uma área de 314,5 km² compreendendo três freguesias: Assunção, Esperança e Mosteiros, e com uma população de pouco mais de 3000 habitantes. É um concelho de fronteira entre Portugal e Espanha, mas também território de fronteira natural entre a Peneplanície alentejana e o Maciço Ibérico. A região apresenta uma grande variedade de paisagens naturais, com condições que permitiram a ocupação humana desde os períodos mais remotos do Paleolítico.

Desde dos finais do século XIX que se conhece o potencial arqueológico do território, com diversos achados isolados noticiados no *Arqueólogo Português*. Mas será só após as descobertas das pinturas rupestres da freguesia da Esperança, a partir de 1919, que o concelho de Arronches passou a surgir no mapa arqueológico nacional. Ainda assim, no território de Arronches não ocorreram estudos de prospeção arqueológica centrados na totalidade da área concelhia. O estudo aqui apresentado procura colmatar, parcialmente, a ausência de trabalhos nesta área, dando continuidade ao seminário de final de licenciatura apresentado em 2009, intitulado “*Povoamento romano do atual concelho de Arronches*”.

A elaboração de uma futura Carta Arqueológica de Arronches servirá de ponto de partida documental para a implementação de políticas patrimoniais, de forma a orientar as linhas de atuação em três vertentes fundamentais: o conhecimento científico, a conservação e proteção do património e a difusão de património arqueológico. Sendo que as cartas arqueológicas são cada vez mais uma ferramenta de trabalho de uso quotidiano tanto em investigações arqueológicas, como em estudos de impacto ambiental, trabalhos de requalificação e cada vez mais em trabalhos de difusão turística. Uma carta arqueológica é um documento inacabado, necessitando de constantes atualizações e revisões, devido ao ritmo acelerado de alteração da paisagem por ação do homem. Este tipo de ações é sempre suscetível de provocar o aparecimento de novos vestígios arqueológicos e destruição de outros.

O trabalho apresentado pretende assim dar a conhecer os dados recolhidos em campo, nos últimos anos, no território do concelho, complementado com as informações bibliografias anteriormente existentes.

Devido à limitação de meios materiais e humanos, que impediram cobrir a totalidade do território, o trabalho corresponde apenas a um contributo para uma futura realização de uma carta arqueológica concelhia.

No seguimento desta Introdução, apresentamos um capítulo intitulado de Caracterização do Território, onde se fará a descrição dos elementos caracterizadores do território natural como são a Geologia e Geomorfologia; Características do Solos e Hidrografia; Clima e Vegetação.

No segundo capítulo descreve-se a História da Investigação Arqueológica em Arronches, fazendo uma breve descrição dos principais trabalhos e descobertas arqueológicas ocorridas no concelho.

O terceiro capítulo define os métodos e critérios utilizados na elaboração do trabalho.

Nos restantes capítulos procede-se a uma análise aos dados recolhidos no campo, distribuídos pelas diferentes cronologias e tipologias – Povoamento do Paleolítico; Povoamento da Pré-história Recente; Megalitismo de Arronches; Arte Rupestre da Esperança; Povoamento da Idade do Bronze, Povoamento da Idade do Ferro; Povoamento Romano e Povoamento Medieval e Moderno.

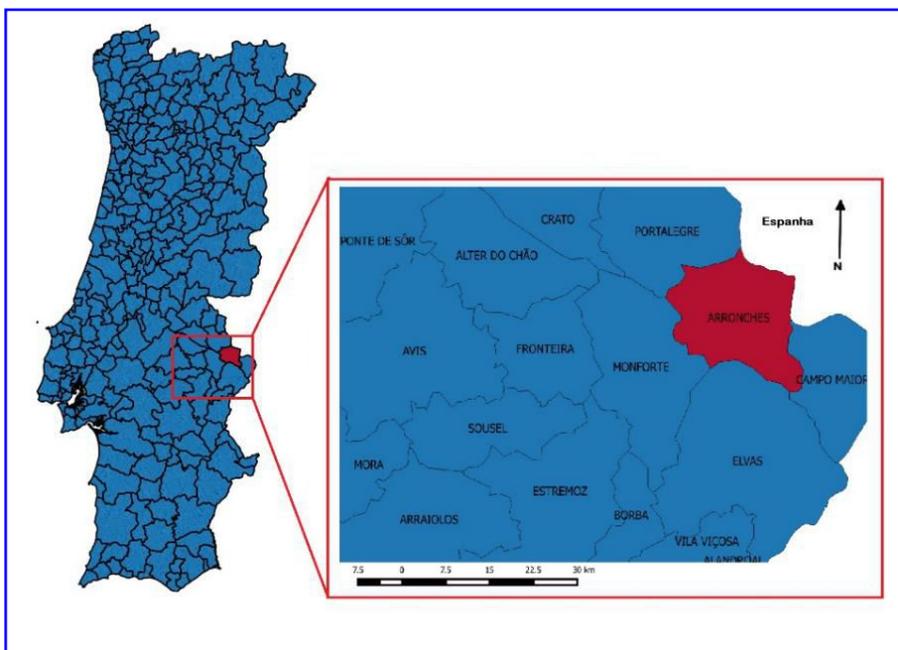
1. Caracterização do território.

Na elaboração de um trabalho que procure estudar a ocupação humana de um território ao longo de séculos ou até mesmo de milénios ter-se-á forçosamente de ter em conta os fatores ambientais, como elementos estruturais na análise.

A definição da área geográfica do estudo é a primeira tarefa da investigação arqueológica. Esta ação torna-se essencial quando se trata do estudo de povoamento, delimitado a um determinado espaço, onde se pretende estabelecer uma análise da distribuição das comunidades humanas que ali viveram (Bernardes,2007).

Na presente investigação os critérios de delimitação geográfica estavam antecipadamente escolhidos, pois respeitam simples critérios administrativos, atuais, do território do concelho. Assim, apesar das fronteiras territoriais estarem definidas, constituindo-se como um espaço individualizado, procurou-se neste estudo não se formar como um espaço isolado mas antes correlacionado com regiões limítrofes.

Definido o território de estudo aos 314.5 km² do território do concelho de Arronches, era necessário fazer uma caracterização dos diferentes elementos que compõem a paisagem, tanto do ponto de vista geológico como, geomorfológico, qualidade dos solos, climático e de vegetação.



Mapa 1 – Localização geográfica do concelho de Arronches.

1.1. Geologia e Geomorfologia.

Geologicamente o território é composto na sua totalidade por formações do Maciço Antigo que engloba, formações do complexo xisto-grauváquico paleozóico e formações hercínica de granitos alcalinos. Os depósitos aluvionares holocénicos e terraços fluviais do pliocénico restringem-se às zonas próximas dos principais cursos de água – rio Caia, Abrilongo, ribeira de Arronches e ribeira de Manguens (Gonçalves, 1978), sendo estas zonas residuais do território. O território apresenta semelhanças a uma manta de retalhos “*geológica*” que de uma forma marcante, mas suave, faz uma transição harmoniosa entre os contrafortes da Serra de S. Mamede, a Norte, e a peneplanície norte-alentejana, a Sul (Idem, Ibidem).

O Norte do concelho é preenchido pelas freguesias de Esperança e Mosteiros, sendo marcado paisagisticamente pelo atravessamento de imponentes cristas quartzíticas e por relevos proeminentes, como são as Serra do Almo (584m), ponto mais elevado do concelho e as serras de Monte Novo (523m), Serra dos Louções (452m) e Serra da Cabaça (460m). As cristas quartzíticas pré-câmbricas elevam-se sobre formações de xisto-grauvaques, que na zona dos Mosteiros adquirem uma cor esverdeada. Os terraços terciários aparecem de uma forma residual na zona Sul da freguesia da Esperança, perto do monte do Baldiozinho (Idem, Ibidem).

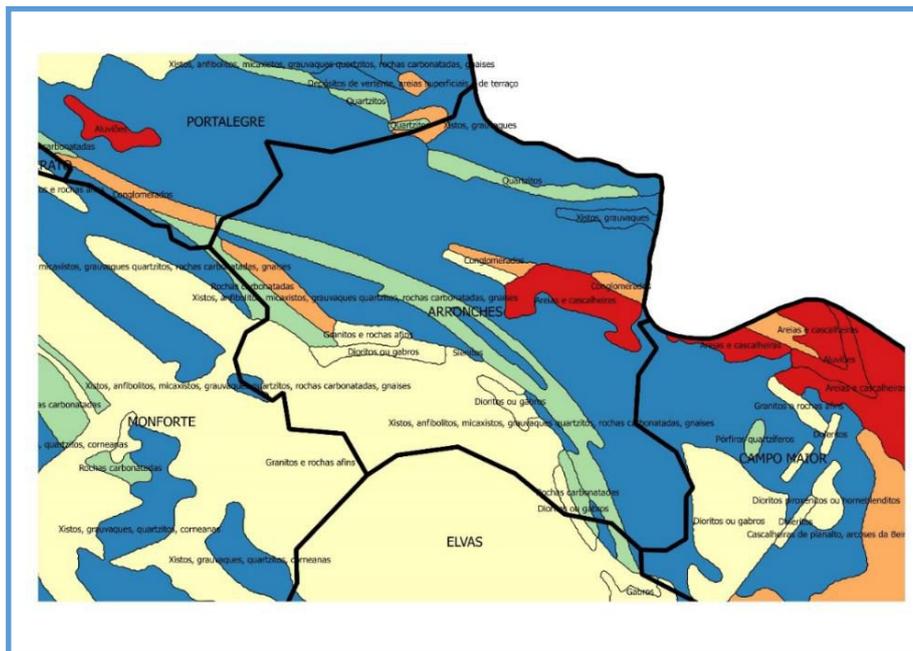
A Sul domina uma paisagem suave, apenas alterada pela passagem do rio Caia e da ribeira de Arronches, ou por alguns afloramentos graníticos que se destacam na paisagem. As cotas raramente ultrapassam os 320 metros, sendo apenas de assinalar acima dessa altura, o Alto da Safra com 337 metros de altitude e a Coutada com 354 metros.

Geologicamente a região é bastante variada e complexa. Nela ocorrem formações de idade pré-câmbrica e câmbria, nas quais são intrusivas rochas eruptivas de diferentes naturezas. Numa faixa que atravessa o concelho de Noroeste/Sudeste, a Norte do rio Caia, e fundamentalmente composta por xistos, quartzitos negros, grauvaques e garbos. (Idem, Ibidem). Esta área corresponde, também, aos terrenos mais férteis do território do concelho.

No território a sul do concelho dominam os granitos alcalinos de tonalidades diversas, que podem ir do cinzento ao rosa (Gonçalves,1978). No regolfo da albufeira do Caia e

em algumas zonas de aluvião, os afloramentos graníticos dão lugar a áreas de areias graníticas.

A diversidade geológica potencializou a exploração de diversos minerais em diferentes zonas do território do concelho, destacando-se as inúmeras pedreiras do Baldio, monte das Furadas, monte dos Reguengos e Montinho, que exploraram recentemente filões graníticos de grande valor económico. Destaca-se ainda a existência de minas de cobre e ferro, no monte da Tinoca e Baloco, que poderão ter iniciado exploração ainda em época romana.



Mapa 2 – Litologia do concelho de Arronches.

1.2. Os Solos e Hidrografia

Os solos são na generalidade de fraca capacidade agrícola, classificados na categoria C, D e E na carta de uso de solos, de acordo com as classificações atuais. Existe apenas uma faixa central de território, correspondente em grande parte aos terrenos próximos da margem esquerda do Rio Caia, que apresenta solos mais aptos a cultura cerealífera (Cardozo, 1965).

O restante território é utilizado como terreno de pastoreio para o gado bovino, ovino e suíno. Nesse domínio, refira-se a importância histórica para o concelho da criação do porco preto, que encontra nos solos pobres de granito e nos extensos montados de azinho um habitat de excelência.

Os terrenos a Norte, com altimetrias mais elevadas, são preenchidos por matas de pinheiros, eucaliptos, matagal de estevas e urzes. Nas franjas das serras existem manchas de olival, mas sem uma densidade significativa (Idem, Ibidem).

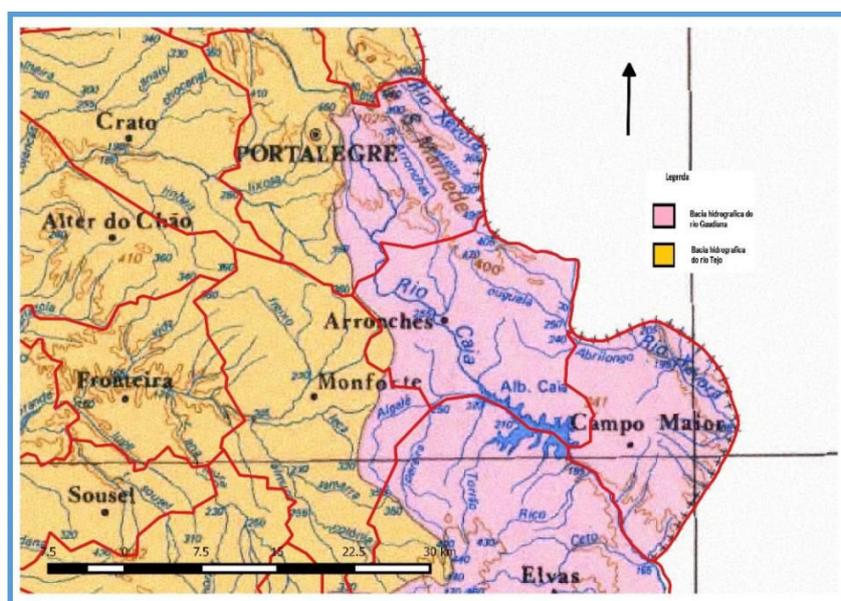
Nos arrabaldes dos três núcleos urbanos e próximos das linhas de água mais significativas existem pequenas hortas, onde se pratica ainda uma agricultura de subsistência de regadio.

1.3. Hidrografia

A hidrografia do concelho é marcada pela existência de duas bacias hidrográficas, ambas subsidiárias do rio Guadiana – os rios Caia e Abrilongo.

O rio Caia atravessa o concelho na sua parte central, criando uma linha natural no mapa, dividindo-o em duas partes. A sua passagem é suave, sem grandes declives, encontrando na sua passagem diferentes cursos de água de menor dimensão, como a ribeira de Arronches e Argalé. No final do seu percurso no concelho, o rio encontra a barragem do Caia, criando um enorme lençol de água.

A Norte fica o rio Abrilongo que nasce no concelho, e que em grande parte do seu caminho serve de fronteira entre Portugal e Espanha. Pequeno mas caudaloso durante grande parte do Inverno e Primavera, termina igualmente numa barragem com o mesmo nome.



Mapa 3 – Mapa hidrológico de concelho de Arronches.

1.4. Clima

Em termos climáticos, a região insere-se nas características marcadamente mediterrânicas (Daveau, 1980). Na sua globalidade, o clima apresenta uma estação muito quente e seca e uma estação fria e húmida. A estação quente decorre de Maio a Setembro. A estação húmida decorre normalmente entre os meses de Outubro a Março, sendo caracterizada por uma precipitação irregular (Idem, Ibidem).

A temperatura média anual é de 17,8°C, sendo a temperatura média nos meses mais quentes de 23,3°C. No mês mais frio, Janeiro, centra-se em torno dos 8,5°C, podendo atingir temperaturas mínimas de -5°C.

Em termos de precipitação, Julho é o mês que apresenta uma menor precipitação. 3,6mm/m², e Janeiro é o mês de maior índice com 92,5 3,6mm/. A evaporação atinge os valores mais elevados nos meses mais quentes de Julho e Agosto, sendo também os meses de menor humidade relativa do ar; atinge os valores mínimos em Janeiro e Fevereiro, apresentando uma maior humidade relativa do ar nos meses de Janeiro e Dezembro (INMG).

1.5. Vegetação

A vegetação acompanha de forma paralela a morfologia do território, marcando uma transição gradual, de uma vegetação de caráter “*serrana*” no Norte do concelho, para uma vegetação de charneca, de tipo mediterrânico, plantada nos campos de baixa altitude da peneplanície norte-alentejana do Sul (Mateus, Queirós, 1993).

Assim na freguesia da Esperança e Norte da freguesia dos Mosteiros, nos pontos mais elevados, como são as serras de Monte Novo, Almo e Louçães, prevalece o matagal composto pelas *estevas* (*Cistus ladanifer*), codesso (*Adenocarpus anisochilus*), tojo gadanho (*Genista falcata*), giesta amarela (*Cytisus striatus*), urzes (*Erica umbellata*) sargaço peludo (*Cistus psilosepalus*) e pelo orvalho-do-sol (*Drosophyllum lusitanicum*). Cobrindo de forma esporádica o mato, sobreiros (*Quercus suber*) e azinheiras (*Quercus rotundifolia*), de grande porte, que deixam clareira debaixo das suas copas, aproveitadas por plantas gramíneas, que permitem a criação de pastagens para gado doméstico e para animais selvagens como o coelho, javali e alguns veados e gamos. Nas últimas décadas esta mata natural foi substituída, em grande parte do norte do concelho, por matas de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) e de eucalipto.

À medida que se vai baixando de cotas, surge a oliveira (*Olea europaea*), em culturas mais ou menos cuidadas, criando zonas de clareiras que permitem o aparecimento de faixas de pastoreio onde imperam as espécies de gramíneas. Nos terrenos mais baixos e propícias à fixação humana predominam as pequenas hortas e áreas de pastagem para o gado ovino e caprino. Ao longo das margens da ribeira de Arronches, Manguens e Abrilongo existe exuberante vegetação ripícola (Mateus, Queirós, 1993).

Na peneplanície do sul prevalece uma vegetação tipicamente mediterrânea, constituída principalmente pelo montado de sobro (*quercus suber*) e azinho (*quercus rotundifolia*). A par destas espécies arbóreas, mas em menor escala, encontram-se a oliveira (*olea europea sp. europea*) e o zambujeiro (*olea europea sp. sylvestris*).

As culturas de sequeiro extensivo registam-se igualmente na área de estudo, predominando contudo as áreas de pasto – maioritariamente compostas por vegetação forrageira mas onde também se encontram campos de restolho de vegetação cerealífera. Refira-se ainda o aparecimento recentemente de algumas áreas extensivas de vinha.

Nas zonas abandonadas pelo uso agrícola e pecuária intensiva, ressurge a vegetação espontânea que inclui os tojos, aroeiras (*Pistacia lentiscus*L.), urzes, estevas, piornos (*Cytisus striatus*) e espinheiros, característico do coberto arbustivo meso-mediterrânico com influências atlânticas. A par destas espécies, registam-se igualmente as azinheiras e zambujeiros (*Olea europaea var sylvestris*) de gestação espontânea (*idem*). (Idem, *Ibidem*).

2. Metodologia do Trabalho

O presente trabalho desenvolveu-se em três fases principais. A primeira fase, que correspondeu a um trabalho de gabinete, incidiu essencialmente sobre a recolha do máximo de informação disponível acerca da região (bibliográfica, toponímica, geomorfológica e cartográfica). Após a análise das informações obtidas, partiu-se para a segunda fase do trabalho que consistiu na prospeção de campo, onde se identificaram e realocalizaram inúmeros sítios arqueológicos e inquiriu-se a população acerca da existência de outros dados de natureza arqueológica. Finalmente e novamente no “gabinete”, compilaram-se e analisaram-se informaticamente os dados obtidos, com vista à elaboração do trabalho final.

2.1. Primeira fase: recolha e seleção da informação disponível sobre o concelho e a região.

Como se referiu anteriormente, esta primeira etapa do trabalho consistiu na recolha exhaustiva de todas as informações bibliográficas, nomeadamente acerca da arqueologia local e regional. A bibliografia consultada aproximou-se da centena de títulos, entre, trabalhos diretamente relacionados com a arqueologia do concelho de Arronches e da região norte-alentejana, e outros relacionados com os aspetos mais alargados, de âmbito geográfico, ambiental, histórico e cultural da região.

Fonte de indiscutível importância nesta primeira abordagem foi a consulta à base de dados do “Portal do Arqueólogo”, o “Endovélico” do qual se obteve informação sobre 44 sítios arqueológicos registados, que se distribuem pelas seguintes cronologias: Paleolítico (3), Neolítico (5), Calcolítico (6), Idade do Bronze (2), Idade do Ferro (1), Romano (13), Medieval cristão (1), Moderno (1), Contemporâneo (1), Indeterminado (7) e Pré-histórico (3), das três freguesias de Arronches.

Para além do recurso à base de dados do “Endovélico¹”, fez-se uso de uma ampla bibliografia de caráter arqueológico, histórico e natural sobre o concelho, tanto de origem nacional, como internacional. Foi importante, nesta fase, a consulta de algumas

¹<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioarqueologico-portaldoarqueologo/>

A base de dados Endovélico possibilitou ainda saber, o número de processo CNS, os trabalhos arqueológicos realizados, a bibliografia existente sobre o sítio, a tipologia e a freguesia de localização.

obras de referência, como: “*As Memórias Paroquiais de 1758*”² manuscritas pelos párocos da época, os diversos artigos publicados no “*Arqueólogo Português*” da autoria de diferentes autores, a obra de Mário de Saa, “*As grandes vias da Lusitânia*” e sua posterior revisitação por André Carneiro e, o “*Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede*”, com os quais se obtiveram importantes dados sobre o norte do concelho.

2.2- Segunda fase: trabalho de campo - prospeção.

Após a análise de toda a massa de informação bibliográfica disponível sobre o território, passou-se à segunda fase que consistiu na prospeção arqueológica o mais sistemática possível.

Assim definiu-se a área de intervenção que correspondeu aos 314,5 km² do concelho de Arronches, distribuídos em três freguesias: Assunção (204,5 km²), Mosteiros (52,87 km²) e Esperança (57,12 km²).

A cartografia de base utilizada nas saídas de campo foi uma série de cinco Cartas Militares de Portugal (372, 373, 385, 386, 400), à escala 1:25 000, complementada pelas Cartas Geológicas de Portugal, à escala 1:50 00 e por imagens de satélite obtidas a partir do *Google Earth*. As imagens do *Google Earth* foram objeto de uma análise prévia às saídas para o campo, de modo a tentar identificar-se estruturas de difícil identificação ao nível do solo, além de que foram especialmente úteis na visualização de alguns aspetos orográficos particulares, que não seriam perceptíveis com os meios cartográficos convencionais.

Os trabalhos de campo desenvolveram-se ao longo de cinco anos, entre Outubro de 2009 e Agosto de 2013, com mais de uma centena de saídas para o terreno, distribuídas o mais equitativamente possível pelas três freguesias do concelho.

Para além da identificação, realocização e verificação do estado de conservação de vestígios arqueológicos, já publicados, foram confirmadas notícias vagas e registado um conjunto significativo de novos sítios desconhecidos.

Devido às limitações de tempo e de meios humanos, foram empregues nos trabalhos de prospeções uma metodologia intensiva, mas bastante flexível em algumas zonas do território devido também a condicionantes de ordem natural. Neste âmbito, salienta-se a

²Procedeu-se a transcrição das memórias das seguintes paróquias: Arronches, N^a Sr. da Esperança, Mosteiros, S. Bartolomeu, N^a Sr. das Lameiras, N^a Sr. do Rosário.

região norte do concelho, que devido às difíceis condições de relevo e vegetação impossibilitaram a utilização de um modelo de prospeção mais rigorosa. Nesta área aplicou-se uma prévia seleção dos locais a visitar. Mas, na generalidade do território, empregou-se uma prospeção sistemática, com corredores de cerca de 200 metros entre si.

Para cada sítio arqueológico/ patrimonial encontrado foi preenchida uma ficha individual – “*A Ficha de Carta Arqueológica*”, com 14 campos individualizados, a referir: *Número de ordem, Nome do sítio arqueológico, Topónimo, Tipologia, Cronologia, Altitude, Freguesia, Carta Militar de Portugal, Coordenadas Geográficas, Tipologia de Solo, Litologia, Descrição, Materiais Encontrados, Bibliografia (Ver Anexo)*.

Não importará aqui detalhar exaustivamente os critérios e conteúdos de cada campo das Fichas, mas interessará esclarecer alguns pontos:

- O número de ordem de cada local arqueológico é sequencial e aleatório, atribuído apenas para individualizar cada um dos sítios, à medida que foi registado.
- A classificação de *Tipo* de sítio arqueológico (Abrigo; Achado Isolado; Anta; Atalaia; Casal; Chafurdão; Coluna; Cruzeiro; Depósito; Ermida; Escorial; Estação de Ar Livre; Esteio; Estruturas; *Habitat*; Lagar; Lagareta; Mancha de Materiais/ Cerâmica; *Mansio*; Mina; Necrópole; Ponte; Povoado; Recinto; Santuário; Terraço Paleolítico; Via romana; *Villa*) é empregue sempre que se encontre no local uma concentração de materiais ou estruturas que testemunhem vestígios materiais da ação humana no passado. Os *achados isolados* aparecem referidos como sítios, mas é feita referência ao facto de serem elementos arqueológicos aparentemente deslocados dos seus pontos de origem.
- A atribuição tipológica e cronológica está condicionada pelos dados obtidos pela análise dos elementos superficiais, fato sabido que muitas das vezes é bastante redutor do conhecimento total de sítio e também muitas vezes enganador. Por esse motivo considera-se provisória essa atribuição.
- Devido a razões operativas excluiu-se deste estudo elementos de cronologias mais recentes, como sejam os imóveis de período moderno e contemporâneo,

limitando-se a pesquisa ao contexto rural, excluindo os três núcleos urbanos do concelho.

- A localização dos sítios arqueológicos foi efetuada através de recurso a um aparelho de *GPS*, que possibilitou atribuição de coordenadas geográficas de grande precisão, ainda assim, as coordenadas foram confirmadas no local através de medidas manuais e pontos de referência já cartografados. Usaram-se coordenadas geográficas *WGS84*.
- Todos os sítios identificados foram registados fotograficamente, e feita uma descrição sumária, sendo que não se procedeu à recolha de qualquer material. A informação obtida, adveio da observação *in situ* dos diferentes elementos arqueológicos superficiais.

3. História da Investigação Arqueológica no concelho de Arronches.

A informação mais antiga conhecida fazendo menção a elementos de carácter arqueológico no concelho, foi retirada das “*Memorias Paroquias de 1758*”, onde o pároco de S. Bartolomeu descreve a existência de uma ponte romana, no lugar de Porto das Escarninhas. No manuscrito o religioso, menciona - “ *na ditto ribeyra (de Caya) se acha huma – ponte – por nome – Ponte velha – cuja antiguidade se não sabe, porem suponsse foram feita no tempo, que os Romanos habitaram as Espanhas, dizem que fora feita pello Emperador Trajano com huma calçada que se diz hia direitta a Madrid que pella mesma freguezia se descobrem em alguns partes muita parte da calçada: esta ditto ponte aruinada que tam somente tem tres arcos, e segundo parece era de extraordinaria grandeza; a factura della de pedra de cantaria e está por numero encaxando humas pedras e noutras sem que houvessem materiaes alguns segundo se descobrem nos tres Arcos, que ainda presentemente conserva, igualmente eram os alicerces a correspondencia da factura da mesma pontte, passa a dita Ribeyra como já disse pellomeyo dos Baldios.*” (Azevedo, 1896, p.264).

Dos inícios do século XIX existe uma outra nota, de particular interesse arqueológico, da autoria de frei Cláudio Conceição, em 1827. Este religioso escreveu: “*Andando alguns camponeses trabalhando na herdade de Revelhos, situada na Freguesia. de S. Bartolomeu, termo da Vila de Arronches, onde havia uma nobre, e autorizada Casa de Campo, da antiga, e nobre Casa dos Sequeiras, que então possuía, e primorosamente, enobreceu Fr. D. Rodrigo de Aguilar Brito e Monroy, Cavaleiro de Malta, seu descendente, se observou a poucos passos da Quinta (incluída na mesma herdade) uma pequena abertura na terra, I que examinada' mostrou concavidade, e cavando-se no mesmo lugar se achou, a três palmos de fundo, uma abóbada formada de tijolo: rota e desfeita esta se descobriu outra mais singela, que cobria uma laje de mármore branco, e fino, tam delgada, que não chegava a igualar a grossura do dedo dum homem. Esta descansava sobre quatro barras de ferro quadradas, que atravessavam a sua largura, que era de pouco mais de três palmos, sendo de nove o seu comprimento. Levantada, se reconheceu que cobria o vão duma sepultura, em que apareceu um cadáver da mesma grandeza, cujos ossos se achavam convertidos em cinzas, conservando ainda em algumas pequenas partes sua forma, mas pegando-se nestas se desfaziam do mesmo*

modo: argumento da remota antiguidade, e distinta graduação do sepultado, que se deve entender precedeu não só ao Domínio dos Mouros, e dos Godos, mas dos Romanos, que costumavam queimar os corpos, e conservar em urnas suas cinzas; e que talvez seria alguma pessoa grande entre os celtas, ou dos Povos Hélvios, que habitaram naquele distrito.” (Conceição, 1827, p.182-184). A narração do padre Cláudio Conceição é certamente a descrição mais antiga de uma “recolha” arqueológica no território do concelho, feita nas vizinhanças do monte de Revelhos.

As descobertas descritas por frei Cláudio poderão estar diretamente relacionadas com a posterior notícia publicada pelo arqueólogo José Leite de Vasconcelos, décadas mais tarde, no “*Arqueólogo Português*” de 1895, onde este refere a recolha feita por António Thomaz Pires, na época responsável pela biblioteca de Elvas, de um *cippo* funerário com uma inscrição dedicada às deusas Libera e Prosérpina, do mesmo monte de Revelhos (Azevedo, 1897; Vasconcelos, 1895). Será este o primeiro artigo de caráter científico sobre uma descoberta arqueológica no concelho de Arronches.

Após esta primeira publicação, assiste-se a um intervalo de duas décadas de ausência completa de notícias arqueológicas, interrompida em 1914 pela primeira descoberta de um abrigo com arte rupestre. A descoberta, da autoria dos arqueólogos espanhóis Eduardo Hernandez – Pacheco e Aurélio Cabrera, que efetuavam prospeções arqueológicas no território estremenho de Albuquerque, aconteceu após a incursão na freguesia da Esperança, o que lhes permitiu localizar o abrigo dos Gaivões numa crista quartzítica da encosta sul da Serra dos Louções. Os painéis com representações pictóricas esquemáticas de figuras humanas e animais foi notícia no mundo científico da época, ao ponto da sua descoberta merecer publicação em 1915, no “*El arte Rupestre en España*” da autoria de Juan Cabré e Aguiló, uma prestigiada publicação sobre arte pré-histórica do país vizinho (Oliveira, 2009).

A divulgação da descoberta do Abrigo dos Gaivões, em Espanha, despertaria o interesse de um dos mais importantes especialistas mundiais à época em pré-história e arte rupestre, o francês Henri Breuil. No ano 1917, desloca-se à Esperança, onde procederia ao primeiro decalque e estudo das pinturas, que publicará em seguida na revista “*Terra Portuguesa*”, sendo este o primeiro estudo sobre a arte rupestre a sul do Tejo (Oliveira, 2009; Breuil, 1917).

Uma permanência mais prolongada do arqueólogo francês em Arronches proporcionou-lhe a descoberta de uma jazida paleolítica próxima da vila de Arronches. Esta descoberta foi particularmente importante, visto ser o primeiro sítio Paleolítico a ser

referenciado no Sul de Portugal e no interior do país. Na estação, o abade francês recolheu várias ferramentas líticas (lascas, seixos talhados), que atribuiu ao Paleolítico Inferior e que levou para França, e que anos mais tarde devolve ao Museu Nacional de Arqueologia. A recolha de materiais nas margens do Caia, pelo francês, foi matéria de publicação do artigo intitulado “*La Station Paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)*” no “*Arqueólogo Português*” de 1920 (Breuil, 1920: 47-55). Henri Breuil fez ainda outra descoberta importante na freguesia da Esperança. Foi uma estela do Bronze, do qual se desconhece (Oliveira, 2009). Já octogenário, Henri Breuil regressará uma terceira vez à freguesia da Esperança, em 2 de Fevereiro de 1957. Desta vez acompanhado de Octávio Veiga Ferreira, Georges Zbyszewski e Maxime Vaultier, onde procederam, em conjunto, ao desenho das figuras do Abrigo dos Gaivões.

Da primeira metade do século destacam-se ainda dois artigos de José Leite de Vasconcelos ambos de 1929, no “*Arqueólogo Português*”. No primeiro, notícia a descoberta na Coutada do Povo de um mosaico policromado com a representação de um veado, que decoraria o pavimento de uma *villa* romana associado a estruturas habitacionais bem conservadas, as quais designa de “*alicerces*” (Vasconcelos, 1929). No segundo artigo Vasconcelos descreve a entrega por um habitante local, de artefactos arqueológicos provenientes das proximidades do Monte de Vale de Junco e da Lapa dos Gaivões “*um machado, isto é, a parte metálica de um machado, de 0,22 cm de comprimento*” e “*uma lança de ferro, de 0,24 cm de comprimento, com expansões laterais laminiformes*” (Vasconcelos, 1929 (a) e 1929 (b)). Estas descobertas ocorreram durante uma visita que Leite de Vasconcelos fez à Lapa dos Gaivões, acompanhado de Manuel Heleno (Oliveira, 2009; Vasconcelos, 1929).

Após um longo período de inércia, nas décadas de 30 e 40, na investigação arqueológica em Arronches, a arqueologia no concelho ganhou uma maior dinâmica a partir de finais da década de 50 e princípio de 60, com presença no concelho de diversas equipas arqueológicas, interessadas fundamentalmente na arte rupestre. O grupo liderado por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira, em 1960, descobre mais dois abrigos com arte esquemática, a Igreja dos Mouros e o Abrigo dos Louções. Estas descobertas foram o fruto dos primeiros trabalhos de prospeção arqueológica no território de Arronches e os seus resultados foram divulgados em algumas revistas especializadas da época “*Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros*”, “*Conimbriga*” e “*Revista Engenho*” (Oliveira, 2009; Castro e Ferreira, 1960-61).

Para além dos trabalhos relacionados com a arte rupestre da Esperança, na década de 50 o concelho é amplamente mencionado na obra “*As grandes vias da Lusitânia - o itinerário de Antonino Pio*” do autor alentejano Mário Saa. O autor descreve pormenorizadamente todo o troço do bem preservado caminho romano que passava por Arronches, fazendo referência a um significativo número de sítios ao longo do caminho romano, que o autor identifica como sendo a via número XV do itinerário romano (Carneiro, 2008; Saa, 1956 – 1959).

Nas últimas três décadas do século XX, os trabalhos arqueológicos em Arronches tornaram-se mais frequentes, ocorrendo nesse período importantes trabalhos arqueológicos. O primeiro trabalho a destacar-se durante esse período, foi a publicação, em 1972, no “*Arqueólogo Português*” de um trabalho de Victor Oliveira Jorge (Jorge, 1972). No artigo é descrita a descoberta de um conjunto de jazidas paleolítica ao longo do curso do Rio Caia, duas dessas jazidas localizam-se nas proximidades do monte da Faia, no centro do concelho de Arronches. Estes dois sítios juntam-se aos encontrados anteriormente, na década de 20 do século XX, pelo abade Henry Breuil, fazendo do concelho de Arronches o maior detentor de sítios do Paleolítico Inferior da região norte alentejana.

Entre 1981 /82 uma equipa dirigida pelos arqueólogos Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes localizaram um novo abrigo com arte rupestre, desta vez na Serra do Cavaleiro/Cabaça, que anos mais tarde atribuíram o nome de abrigo Pinho Monteiro em homenagem ao seu descobridor, falecido prematuramente. No interior do abrigo, Mário Varela Gomes realizou uma sondagem em 1982, onde recolheu materiais cerâmicos elíticos com cronologias atribuíveis ao Calcolítico e Idade do Bronze (Gomes, 1985).

Igualmente durante esses primeiros anos da década de 80, Teresa Gamito levou a cabo duas campanhas de escavação no povoado fortificado do Baldio. Os resultados obtidos foram posteriormente publicados nas revistas, nacionais “*Revista História*” (Gamito, 1981), “*Vipasca*” (Gamito, 1996) e nas internacionais “*Aqvitania*” e “*e-Keitoi*” (Gamito, 2005).

Os finais da década de 80 e inícios da década de 90 são de um período de aparente desinteresse arqueológico pelo concelho, só interrompido já bem dentro da década de 90, com diversos trabalhos em torno das pinturas da Esperança e da região Norte do concelho, destacando-se os trabalhos dirigidos pelo arqueólogo Jorge de Oliveira. O primeiro trabalho foi um importante inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de São Mamede, no qual foram localizados cerca de uma dezena de

sítios arqueológicos com uma ampla cronologia do Neolítico à Idade Moderna (Oliveira, Bairrinhas e Balesteros, 1996). Posteriormente ao estudo de inventariação centrada na parte norte do concelho, num segundo trabalho de 1998, Jorge de Oliveira coordena um projeto de realocação de todos os monumentos e manifestações materiais, enquadráveis na cultura megalítica, na totalidade do território do distrito de Portalegre. Esse trabalho possibilitou a identificação de nove antas, uma sepultura de falsa cúpula, dois esteios deslocados de uma anta de grandes dimensões e um pequeno menir, em Arronches (Oliveira, Moita e Oliveira, 2005).

No decurso das últimas duas décadas foram realizados vários projetos de investigação nesta área de que resultaram importantes descobertas. Além de trabalhos de prospeção e escavação mais regulares, que permitiram ampliar consideravelmente o conhecimento arqueológico sobre o concelho de Arronches, em diferentes períodos cronológicos. Foram os casos das escavações realizadas na *villa* do Monte da Capela em 2000/01, no âmbito do Projeto de Investigação “*PNTA/98 – Estudo do Povoamento Rural no atual Concelho de Arronches*”, da responsabilidade científica de Isabel Pinto, a descoberta da epígrafe do Monte do Coelho (Carneiro, Encarnação, Oliveira e Teixeira, 2008), a revisitação das Vias da Lusitânia de Mário Sá (Carneiro, 2008), a tese de mestrado de Clara Oliveira (Oliveira, 2009) e a tese de doutoramento de André Carneiro (Carneiro, 2011). Destaca-se ainda a elaboração de um trabalho de seminário, da autoria do signatário, intitulado de “*Povoamento romano do concelho de Arronches*” e por último os diferentes trabalhos realizados no âmbito de projetos de investigação, nomeadamente o “*PNTA/2005 – Arte Rupestre do Norte Alentejano*”, da responsabilidade científica de Margarida Ribeiro, do “*PNTA/ 2009 – Arte Rupestre de Arronches*”, da responsabilidade científica de Jorge de Oliveira e Clara Oliveira e ainda do “*PNTA/ 2011 – Levantamento da Arte Rupestre da Serra de São Mamede*” da responsabilidade científica de Clara Oliveira.

4. Povoamento do Paleolítico

O estudo dos primeiros caçadores recoletores no interior alentejano foi durante muitas décadas completamente abandonado pelos pré-historiadores, criando lacunas que as frutíferas últimas décadas de investigação na região ainda não conseguiram colmatar. Fato estranho, se pensarmos que os primeiros achados de sítios com indústria lítica paleolíticas ocorreram ainda nos inícios do século XX, chamando a atenção dos mais prolíferos investigadores da época.

As primeiras investigações sobre a pré-história antiga da região norte alentejana ocorreram no ano de 1916, altura em que Henri Breuil (Breuil, 1917, 1920; Rodrigues, 1996; Almeida, 2002) recolheu um conjunto de quarenta e cinco artefactos líticos associados a um terraço fluvial, na margem esquerda do rio Caia, junto do cemitério da vila de Arronches. Publicaria o resultado do estudo do sítio e dos materiais recolhidos em dois artigos, num primeiro artigo intitulado, “*Glans paleolithiques dans le bassin du Guadiana*” (Breuil, 1917; Almeida, 2005), publicado em 1917, em França. Três anos depois publica em Portugal no “*Archeólogo português*”, com o título “*La Station Paleolithique Ancienne d’Arronches*”. Posteriormente, em 1929, J. Leite de Vasconcellos retomará ao tema, num artigo com o título “*Estação Paleolítica de Arronches*”, onde relata a descoberta do investigador francês e faz o estudo de algumas peças, recém entradas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia.

Entre 1925 – 1939, L. Antunes Barradas identifica no curso inferior do rio Caia, (Elvas), vários terraços com materiais paleolíticos, que publica em dois artigos (Barradas, 1925-1926, 1939).

No início da década de setenta, uma equipa liderada pelo arqueólogo Vitor Oliveira Jorge, percorreu o curso do rio Caia, identificando vários terraços com indústria paleolítica. Entre os sítios identificados, no decurso desta campanha merecem destaque, os dois sítios do monte da Faia, pelo facto de se localizarem no território do concelho de Arronches, mas também por terem merecido por parte do arqueólogo um artigo no número 6 da terceira serie da revista “*Arqueólogo Português*” do ano de 1972, com o título “*Jazidas 1 e 2 do Monte da Faia (Rio Caia, Portalegre): Noticias preliminares*”. Mais recentemente, em 1996, o arqueólogo Sérgio Rodrigues (Rodrigues, 1996), retomou o tema da ocupação paleolítica no curso do rio Caia.

Foram igualmente recolhidos materiais paleolíticos no sítio Vidais, Marvão, que estão depositados no Museu de Marvão. Por último merece nota, pela sua proximidade geográfica e pela sua atualidade, os trabalhos desenvolvidos por Nelson Almeida na região norte do distrito de Portalegre (Almeida, 2002, 2007, 2014).

Apesar da existência deste conjunto de trabalhos anteriormente relatados subsistem inúmeras dúvidas, que só o desenvolvimento de uma investigação futura poderá responder.

Apesar destas referências antigas, no início deste trabalho existiam apenas três sítios no concelho registados na base de dados Endovélico (Arronches, Faia 1 e 2), que se veio juntar um novo sítio encontrado no decorrer deste trabalho.

4.1. Sítios Paleolíticos no Concelho de Arronches

Faia 1

A jazida lítica do monte da Faia 1 foi encontrada na década de 70 do século passado por uma equipa de arqueólogos dirigida pelo arqueólogo Victor Oliveira Jorge. Localiza-se na margem direita do rio Caia em uma zona de meandro, nas imediações do monte que dá nome aos sítios arqueológicos. Como refere o seu descobridor a estação situar-se-ia nos terraços mais profundos do rio (Jorge, 1972), e terá aparecido à superfície após o corte efetuado para construção da estrada municipal, na ligação que faz à vila do Assumar.

Na jazida foram recolhidos um total de trinta e oito peças - seis fragmentos de seixo afeiçãoados; sete seixos afeiçãoados bifaciais; cinco seixos afeiçãoados unifaciais; quatro núcleos, cinco lascas afeiçãoadas, um biface de estilo abevilense, dois picos, um denticulado, quatro raspadores, uma lasca utilizada, duas lascas residuais e quatro núcleos.

Atualmente, o local tem sofrido constantes lavouras e a ocupação permanente de uma suinicultura, impossibilitaram a identificação de mais elementos arqueológicos.

Bibliografia: Jorge, 1972; Rodrigues, 1996.

Faia 2

A jazida paleolítica Faia 2 foi descoberta em simultâneo com a jazida Faia 1, mas esta localiza-se na margem esquerda do rio Caia. Foram recolhidos por Vítor Oliveira Jorge,

dez peças: dois seixos afeiçãoados unifaciais, dois seixos afeiçãoados bifaciais, dois fragmentos de seixo afeiçãoados, um raspador, duas lascas residuais e um núcleo.

Bibliografia: Jorge, 1972; Rodrigues, 1996.

Porto de Manes 1

Pequena mancha de dispersão de seixos de rio com talhe simples (indústria macrolítica) que se encontram na margem esquerda do rio Caia, perto da estação de tratamento de águas residuais (ETAR). Os materiais estendem-se por uma mancha muito restrita e concentrada de cerca de 80 m².

Bibliografia: Inédito.

Arronches

Identificada em 1916 por Henri Breuil, durante a estadia do investigador francês no concelho de Arronches, aquando da sua visita à Lapa dos Gaivões. A estação paleolítica de Arronches fica na margem esquerda do rio Caia, perto do cemitério da vila de Arronches. Foram recolhidos por H. Breuil quarenta e cinco artefactos líticos associados a um terraço fluvial (Breuil, 1919-1920; Rodrigues, 1996). De entre os diversos artefactos recolhidos destacam-se vários bifaces, núcleos (alguns dos quais discoides), *hachereaux*, raspadores e lascas com retoque. Esses materiais acabaram por dar entrada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, em 1920. Posteriormente, em 1995, Sérgio Rodrigues recolheu mais doze peças, entre as quais se contam quatro lascas e oito núcleos.

Atualmente, a pouca limpeza das margens do rio, nessa área, impossibilitou a identificação de qualquer material arqueológico durante este trabalho.

Bibliografia: Breuil, 1919-1920; Vasconcelos, 1929; Rodrigues, 1996.

4.2. Breve análise

Como se referiu anteriormente, a ausência de trabalhos relacionados com a pré-história antiga em grande parte do norte alentejano, impossibilita a realização de uma análise alargada deste período. No entanto, podemos referir que Arronches apresenta um número significativo de sítios arqueológicos atribuídos ao Paleolítico. Registamos assim a necessidade da elaboração de mais estudos sistemáticos e atualizados, que permitam fazer comparações tipológicas e cronológicas com outros sítios da região.

A totalidade dos sítios localizados estão no vale fluvial do rio Caia, correspondendo a terraços fluviais que os processos antrópicos colocaram à superfície, possivelmente em contexto secundário. Apresentam uma cultura material característica do Paleolítico inferior e médio, com matérias-primas locais.

5.1. Povoados Neo-Calcolíticos

Com a existência de escassos dados científicos acerca do Neolítico antigo no atual território português, torna-se difícil perceber quando se fizeram as primeiras fixações de populações sedentárias no interior alentejano. Aparentemente estas primeiras incursões poderão ter sido posteriores às ocupações no litoral (Diniz, 2000; 2004; Zilhão, 2000; Calado, 2006). É de acreditar que durante vários séculos as comunidades de caçadores recoletores mesolíticos coexistissem com grupos sedentários de pastores-agricultores. Este processo de assimilação das inovações neolíticas, crê-se que foi progressivo e seletivo, entre meados do VI milénios a. C. e os finais do IV (Silva, 1993, Cardoso, 2002).

Os espaços de habitat do Neolítico antigo são ainda mal compreendidos, por razões que se prendem com as técnicas construtivas que utilizaram, exclusivamente materiais perecíveis que, com o tempo, os processos taxonómicos apagaram do registo arqueológico. Os registos mais completos (escavação) obtidos para a região provêm do sítio de Valada do Mato, no concelho de Évora (Calado & Diniz, 1997; Diniz 2000; Diniz 2001), e mais recentemente os sítios da Barroca, Chaminé e Cabeção, em Mora (Rocha & Calado, 2007; Calado, Rocha & Alvim, 2012) e os habitats da Porta do Tempo e do Reguengo, na Coudelaria de Alter do Chão (Oliveira, 2006, 2011). Os *habitats* do Neolítico antigo implantavam-se em zonas planas, perto de afloramentos rochosos de preferência em planícies fluviais. Os solos de implantação são arenoso com relativa fertilidade, que seguramente permitiam os trabalhos agrícolas com ferramentas de pedra.

Em termos da cultura material destacam-se pela presença de cerâmica com decorações impressas e uma indústria lítica de base micro-laminar em que predominam as lamelas e os geométricos, com grande destaque para os crescentes. Durante o Neolítico médio/final ocorre um gradual incremento da economia de produção de alimentos, permitindo dessa forma, o reforço das relações de parentesco, criando uma estrutura social segmentaria em formação, que tem na construção megalítica a sua maior manifestação. Os espaços de *habitat* durante este período começam a distinguir-se do período precedente pela sua colocação em zonas de maior

destaque na paisagem, com proximidade às necrópoles megalíticas e o relativo afastamento dos cursos de água.

A cultura material desse período é composta por cerâmica maioritariamente lisa, pratos de bordos simples, taças largas de bordo espessado e taças carenadas. A indústria de pedra lascada compreende, trapézios, lâminas largas e sem retoque, pontas de seta de base peduncular. A pedra polida é representada por machados e enxós (Silva, 1993). Na fase final do Neolítico, regra geral, os povoados assumem cotas mais elevadas, fixando-se em topos de outeiros sobranceiros a linhas de água, com boas condições de defesa embora se evidencie a existência de muralhas em alguns casos. Em termos gerais, e de acordo com o registo da base de dados Endovélico, existem 233 sítios deste período no Norte Alentejano. Do universo dos sítios existentes na região destacam-se pela sua proximidade geográfica, assim como pelas características de implantação os povoados localizados no decorrer da carta arqueológica de Marvão (Oliveira 2007).



Gráfico 1- Distribuição dos sítios de habitat de pré-história recente existentes na base de dados do Endovélico (Portal do Arqueólogo).

5.1.1. Sítios da Pré-história Recente no Concelho de Arronches.

No presente trabalho foram registados os seguintes habitats da Pré-história Recente:

Areias 1

Povoado aberto na margem esquerda do rio Caia, implantado em plataforma natural com excelentes condições de visibilidade sobre o vale fluvial que fica em baixo. A dispersão de materiais arqueológicos, com cerca de 2000 m², centra-se fundamentalmente em torno dos grandes afloramentos graníticos. Foram identificados fragmentos de cerâmica manual muito rolada, seixos talhados, lascas de quartzito e percutores.

Bibliografia: Inédito.

Areias 3

O povoado Neolítico/Calcolítico de Areias 2 encontra-se nas imediações do povoado de Areias 1. O sítio implanta-se em uma plataforma natural com uma ligeira inclinação para Sul. O lugar é pontuado pela existência de elevados afloramentos graníticos, que em alguns dos casos formam pequenos abrigos. Na visita ao local foi possível registrar quatro percutores sobre seixo do rio, duas lascas com retoque, ambas em quartzito. A cerâmica existente é manual, muito rolada e fragmentada, concentrando-se fundamentalmente em redor dos afloramentos de granito.

Bibliografia: Inédito.

Areias 4

Extenso povoado Neolítico/ Calcolítico (?) localizado no topo de uma elevação, virada a Sul, na margem esquerda do rio Caia. O local é marcado por dois patamares artificiais, onde existe grande concentração de pedras de granito resultantes de despregas. A Este dos socalcos, estão dois imponentes afloramentos de granito.

Percorrendo toda essa área minuciosamente registou-se abundante cerâmica manual, alguma com decoração incisa, um dormente de mó manual, vários percutores com marcas de muito uso e lascas em quartzito. Na pendente, mais a ocidente, são ainda visíveis estruturas colocadas à superfície por lavouras recentes. Não foi possível fazer uma associação direta entre as estruturas a descoberto e os restantes vestígios.

Bibliografia: Inédito.

Areias 5

À semelhança dos outros espaços de *habitat* pré-históricos localizados na área do geodésico das Areias, este encontra-se no topo de uma elevação próximo do vale fluvial do Caia, em redor de afloramentos graníticos que proporcionam a existência de pequenos abrigos com sinais de ocupação humana. A cerâmica identificada é toda de fabrico manual, muito rolada. Foram igualmente identificados percutores e um machado de pedra polida.

Bibliografia: Inédito.

Casas Brancas 2

O sítio implanta-se numa suave encosta virada a Sul, que regularmente sofre lavouras profundas, próximo do monte de Casas Brancas. À superfície foram encontrados dois

fragmentos de mó manual (dormentes), três percutores e dois fragmentos de cerâmica manual. Todos estes elementos estavam junto do caminho de acesso ao monte da Casa Branca. Refira-se ainda a presença de alguma pedra de grandes dimensões que poderá ter pertencido a monumentos megalíticos (?).

Bibliografia: Inédito.

Belo

Implantado em zona plana. No local foram realizados trabalhos de prospeção em 2001, que permitiram identificar num aceiro, um percutor e um fragmento de seixo, possivelmente talhado. Um pouco mais acima (cerca de 10 m) existiriam duas estruturas que se assemelham a duas mamoadas geminadas, ainda que se coloquem reservas. Não foi realocado no decorrer destes trabalhos.

Bibliografia: Boaventura, 2001.

Baldio 10

Espaço de habitat pré-histórico (Neolítico) em zona de afloramentos graníticos, na margem direita do regolfo da albufeira do Caia. Alguns dos afloramentos formam pequenos abrigos naturais que apresentam marcas de ocupação (recentes). Foi em torno dos rochedos que se identificou a maior concentração de cerâmica manual, algumas com decorações incisas, e cinco lascas de quartzito.

Bibliografia: Inédito.

Fragoso 3

Localizado próximo do monte do Fragoso. De acordo com a informação existente foi identificada uma mó (movente) em 2001, no decorrer de trabalhos de prospeção desenvolvidos por Rui Boaventura. O resultado desse trabalho foi publicado sob título de: *“As Comunidades Pré-históricas do 4º e 3º milénio na Região de Monforte.”* (Boaventura, 2006). No decorrer do presente trabalho não foi possível visitar o local.

Bibliografia: Boaventura, 2006.

Fragoso 4

Implantado próximo do monte de Fragoso, em zona plana. Recolheu-se em 2001 (Boaventura, 2001) uma peça de quartzo talhada, tipo raspador. Possivelmente correspondente um habitat neolítico.

Bibliografia: Boaventura, 2001.

Freiras 2

Povoado Neolítico/ Calcolítico implantado em plataforma sobranceira ao rio Caia, que mesmo não sendo muito elevada, destaca-se perfeitamente da paisagem envolvente. A sua localização, no interior do regolho da ribeira do Caia, leva a que por longos períodos essa elevação se transforme numa ilha.

Na superfície arenosa por entre os afloramentos de granito, deteta-se uma mancha de materiais neolíticos/ calcolíticos: cerâmica de fabrico manual (bordos de taça espessada e almendrados), pesos de tear retangulares de um e dois furos, instrumentos de pedra polida de anfíbolito, percutores de quartzo, restos de talhe de xisto jaspóide e moventes de granito. Observam-se vestígios de muralha no topo de uma plataforma artificial. Podemos estar na presença de um povoado com um longo período de ocupação, abarcando um horizonte cronológico que vai do Neolítico final ao Calcolítico.

Bibliografia: Inédito.

Freiras 4

Núcleo de sílex talhado encontrado na encosta virada a sul no Monte das Freiras. O local tem boa implantação e grande domínio sobre o rio Caia.

Bibliografia: Inédito.

Furadas 1

Povoado neolítico que se implanta num sítio elevado, mas sem grande destaque na paisagem, a Este do monte das Furadas. O sítio encontra-se parcialmente destruído pela plantação de pinheiros. Em torno dos afloramentos e nas zonas das valas dos pinheiros foram identificados fragmentos de cerâmica manual, núcleos e lascas de quartzo, uma lâmina e um núcleo, ambos em sílex.

Bibliografia: Inédito.

Furadas 3

Afloramento com cerca de uma dezena e meia de covinhas, que fica na margem esquerda da ribeira da Horta Nova, em local plano. A rocha fica perto de dois outros afloramentos que tinham em seu redor cerâmica manual pré-histórica.

Bibliografia: Inédito.

Furadas 5

Localizado em zona plana da margem esquerda da ribeira da Agulha, a Sul da horta do Monte das Furadas. Os vestígios arqueológicos apontam para a possibilidade de existência de um espaço de *habitat*, com o registo de cerâmica manual rolada, um machado (?) e um percutor.

Bibliografia: Inédito.

Menisa 1

Local com grande destaque na margem esquerda do rio Caia, devido à existência de enormes blocos graníticos que se distinguem perfeitamente da paisagem em redor. Por entre os maciços rochosos dispersos à superfície foram registados numerosos fragmentos cerâmicos e líticos, espólio que testemunha a existência local de um sítio de *habitat*, datável, muito provavelmente do Neolítico/ Calcolítico.

Dentro do regolho da albufeira a cerâmica aparece bastante rolada e mais concentrada, provocado pela erosão das subidas constantes da água da albufeira. Nessa zona foi identificada cerâmica comum manual; bordos simples; mamilo; lasca de sílex; seixos talhados; percutor e encostada a um dos rochedos um elemento de mó manual (dormente). Junto está uma anta encoberta por vegetação.

Bibliografia: Boaventura, 2001.

Menisa 4

Achados dispersos em torno de um afloramento granítico, a meia encosta virada a Este. Os vestígios são fundamentalmente constituídos por alguns seixos talhados, cerâmica manual bastante rolada e sem elementos decorativos identificáveis e pequenos núcleos de sílex.

Bibliografia: Inédito.

Monte de El-Rei 3

Espaço de *habitat* no topo de uma cumeada, próximo do caminho romano XV (Olissipo - Emerita Augusta), que neste local se conserva como caminho rural.

Foi registada a presença de cerâmica manual, núcleos de quartzitos com marcas de talhe e um machado de pedra anfibolítica. Além dos elementos pré-históricos surge alguma cerâmica romana, proveniente de um pequeno casal que se implanta a meio encosta.

Bibliografia: Inédito.

Monte de Paiva 2

O sítio fica numa plataforma sobranceira a duas pequenas linhas de água, a poente do monte de Paiva. No local estão afloramentos graníticos de grande dimensão, em redor dos quais surge uma mancha expressiva de cerâmica manual pré-histórica, possivelmente neolítica.

Bibliografia: Inédito.

Montinho 3

Dispersão de materiais em torno de um afloramento granítico, no topo de uma elevação. Foram identificados vários fragmentos de cerâmica manual (bojo) e seixos talhados.

Bibliografia: Inédito.

Pedras do Medo 2

Situado no lugar com o singular topónimo de Pedra do Medo, este habitat pré-histórico aproveitou os grandes afloramentos rochosos para se implantar no topo. O material arqueológico registado no sítio foi cerâmica manual, três seixos talhados e um percutor.

Bibliografia: Inédito.

Penedo

Abrigo em afloramento granítico virado a ponte, junto do marco geodésico do Penedo. No interior do abrigo foi possível identificar três fragmentos de cerâmica pré-histórica e duas lascas de quartzo com marcas de talhe.

Bibliografia: Inédito.

Pisão 3

Pequeno povoado, situado numa cumeada. No solo recém-lavrado identificaram-se alguns fragmentos de cerâmica manual, artefactos líticos e um fragmento de mó manual (movente).

Bibliografia: Inédito.

Pisão 4

Elemento de mó pré-histórica (movente) a meia encosta sobre a ribeira da Tinoca. O local é marcado pela presença de muita pedra solta. A lavoura intensiva tem levado à destruição do solo e afloramento.

Bibliografia: Inédito.

Quinta do Carrefe 1

O *habitat* pré-histórico da Quinta do Carrefe situa-se na envolvente de um pequeno afloramento, no topo, que fica a poucas centenas metros da estrada municipal que liga Arronches a Monforte. À superfície foi encontrado um percutor, dois fragmentos de quartzito talhado e um fragmento de um bordo de cerâmica manual. Existe igualmente alguma cerâmica vidrada de cronologia moderna em grande quantidade.

Bibliografia: Inédito.

Quinta do Marouço 3

Trata-se de um espaço de povoamento pré-histórico em redor de dois afloramentos rochosos destacados na paisagem, próximo da Quinta do Marouço. Foram identificados no local um fragmento de cerâmica manual sem decoração, cerâmica “*mamilada*”, lascas de quartzo e um percutor.

Bibliografia: Inédito.

Reguengo 7

O povoado situa-se na encosta Sul da uma elevação que fica a Este do monte do Reguengo. Foram identificadas, à superfície do terreno, dois núcleos com maior densidade de materiais, designadamente de fragmentos de barro cozido. Existem algumas estruturas que poderão pertencer ainda ao povoado. Os grandes rochedos protegeram o sítio arqueológico das lavouras.

Bibliografia: Inédito.

Reguengo 12

No interior e em redor de um abrigo natural formado por rochedos graníticos, implantado em elevação destacada da margem esquerda do rio Caia, foi registada a existência de uma pequena mancha de cerâmica manual pré-histórica.

Bibliografia: Inédito.

Reguengo 13

Abrigo natural formado por rochedos, implantado próximo do regolfo da albufeira do Caia, numa área plana. No seu interior foram identificados fragmentos de cerâmica manual e seixos talhados.

Bibliografia: Inédito.

Ribeiro das Figueira

Desconhece-se o local de implantação do sítio da Ribeira das Figueiras que se encontra descrito na base dados do Endovélico. Na base de dados consta que foi encontrado aí um grande percutor de quartzo. Os trabalhos de prospeção decorreram em 2001 (Boaventura, 2001).

Bibliografia: Boaventura, 2001.

5.1.2. Breve análise.

Os sítios de *habitat* da pré-história recente identificados no concelho apresentam no geral, um conjunto de elementos comuns, que lhe conferem grande paralelismo ao nível da implantação, observando-se grande proximidade às linhas de água, sendo que a grande maioria estabeleceu-se nas margens do rio Caia e seus afluentes. Os rios certamente constituíam-se como fonte de recursos bióticos, oferecendo condições favoráveis à fixação para as comunidades agro-pastoris do Neolítico e Calcolítico. A maior concentração de sítios identificados ocorreu nos terrenos ribeirinhas em torno do geodésico das Areias, monte do Baldio, Furadas e monte do Reguengos. Lembramos que hoje esta paisagem está ocupada pelo regolfo da albufeira do Caia, mas em épocas pré-históricas, seriam amplos terrenos aluviais que permitiam agricultura em grande parte do ano, para além da provável existência de outras fontes de alimentação (caça e pesca).

Outros elementos que caracterizam a sua implantação é a preferência dada para elevações, ou encostas em pendente a nascente, que não ultrapassam os 350 metros de altitude. Locais que permitiam aos seus habitantes um bom controlo visual do território.

A presença de maior quantidade de materiais em torno dos rochedos de maior dimensão faz entender, que os espaços de habitat se desenvolviam preferencialmente nessas áreas,

servindo-se da proteção natural por eles oferecida, fenómeno que é comum a outras áreas (Oliveira, 2006, 2011).

A cultura material é constituída maioritariamente por cerâmica manual sem decoração, muito rolada, concentrando-se principalmente em redor dos rochedos. Os elementos líticos registados foram principalmente seixos talhados, percutores, lascas quartzíticas. Somente em Furadas 1 foi encontrado um núcleo de sílex.

5.2. Megalitismo de Arronches.

O desenvolvimento dos processos de neolitização durante o Neolítico médio permitiu o crescimento da produção de alimentos, possibilitando dessa forma o reforço das relações de parentesco, sem as quais a exploração agrícola organizada de um determinado território não se poderia realizar. Estas alterações no sistema agro-pastoril e na sociedade neolítica decorreram no Alentejo durante todo o IV milénio a. C. sendo que nos inícios do III milénio a. C. já estavam completamente implementadas nas zonas mais interiores. É neste contexto de alterações culturais abrangentes que emerge a cultura megalítica, representada pelas sepulturas coletivas (antas), menires e cromeleques. O fenómeno megalítico apresentou uma grande longevidade e uma vasta difusão geográfica, apresentando situações muito variadas à escala de Portugal.

Os monumentos de Arronches enquadram-se no complexo megalítico meridional do Alto Alentejo, com características idênticas aos do Baixo Alentejo, do Algarve, da Extremadura, do sul das Beiras, e aos monumentos dos territórios espanhóis da Andaluzia Ocidental e Extremadura (Oliveira, 1998, Rocha, 2005, Silva, 1993).

Durante largas décadas ausentes das bibliografias especializadas, os monumentos megalíticos de Arronches só nas últimas duas décadas têm merecido a atenção devida. Como se referiu anteriormente, o primeiro levantamento direcionado ao megalitismo do concelho ocorreu somente em 1998, da autoria dos arqueólogos Jorge de Oliveira e Clara Oliveira, e do técnico de turismo Emílio Moitas. O resultado desse trabalho foi a identificação de nove antas, uma provável sepultura de falsa cúpula, dois esteios removidos de uma grande anta e um pequeno menir deslocado (Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011). Na base de dados da DGPC encontram-se registados onze monumentos megalíticos funerários.

Com o término do presente trabalho podemos adicionar mais alguns dados, ao levantamento de 1998, contabilizando agora dezasseis ocorrências em todo o território,

entre monumentos relocados, monumentos inéditos e monumentos para os quais dispomos apenas de breves informações bibliográficas.

5.2.1. Monumentos Megalíticos Funerários

Anta de Menisa

Anta inédita, de pequena dimensão, implantada na encosta esquerda do rio Caia, próxima do Monte de Menisa. Na altura da sua descoberta encontrava-se encoberta por várias azinheiras jovens, impossibilitando a completa compreensão do monumento. O monumento está localizado nas proximidades do extenso povoado neolítico/calcolítico de Menisa.

Câmara: A câmara com cerca de dois metros de diâmetro, conserva “*in situ*” cinco esteios, todos em granito. O esteio de maior dimensão tem cerca de 1,60m. Não foi possível encontrar o chapéu da câmara.

Corredor: O corredor ligeiramente virado a sul, mantém visíveis quatro esteios. Teria uma dimensão aproximada de dois metros.

Mamoas: Quase totalmente destruídas pelas lavouras, com pedras dos anéis de contenção dispersas em redor.

Bibliografia: Inédita.

Anta da Rasquilha

Anta com um excelente enquadramento paisagístico, em zona ligeiramente destacada nas proximidades de uma linha água. É visível da estrada nacional que liga Arronches a Campo Maior, no quilómetro 21, do lado esquerdo e a 200 metros da estrada. Totalmente construída em granito local.

Câmara: Apresenta uma câmara forma elíptica, com 2,80 de diâmetro interno, constituída por dez esteios em granito, todos eles *in situ* e bastante fraturados.

Corredor: O corredor, muito destruído, teria um tamanho original de aproximadamente nove metros de comprimento, restando ainda algumas bases de esteios de corredor *in situ*.

Mamoas: Pouco resta da mamoa.

Bibliografia: Boaventura, 1998; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta das Sarnadas

Situada em esporão sobranceiro ao rio Caia, na margem esquerda, a anta das Sarnadas é a mais monumental do concelho de Arronches. O acesso ao monumento faz-se pela estrada que liga Arronches a Portalegre. Toma-se o caminho situado à esquerda ao km 44+200. Segue-se este caminho até chegar à ribeira. Toma-se o caminho à direita. Segue-se de 300 m pela linha de cumeada. Consta do “*Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*” (Leisner e Leisner, 1965 p. 28).

Câmara: A câmara, de planta poligonal é constituída por oito esteios em granito *in situ*, com um diâmetro interno de 3,30 metros. O esteio de cabeceira tem uma altura de 2 metros. O chapéu, fraturado, encontra-se caído por detrás do esteio da cabeceira. O maior esteio da câmara tem 2,20m de altura.

Corredor: O corredor em muito bom estado de conservação, mantém ainda doze esteios, com um comprimento total de aproximadamente sete metros.

Mamoá: Em redor da estrutura existe grande quantidade de pedras de pequena dimensão que seriam certamente dos anéis de contenção da mamoá, remexidos pelas lavouras.

Bibliografia: Leisner e Leisner, 1965; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta de S. António

A anta de S. António fica perto da ermida e bairro homónimos da vila de Arronches. Trata-se do monumento megalítico mais perto da sede de concelho. O dólmen de pequena dimensão, feito totalmente em granito local, implanta-se em zona plana perto do Barranco de S. Miguel. Atualmente a área é ocupada pelo regolfo da barragem do Pisão, o que faz com que o monumento esteja submerso em grandes períodos do ano. As constantes subidas e descidas das águas da represa têm provocado danos estruturais na anta, correndo o risco de destruição total. Foi identificada pelos arqueólogos Jorge de Oliveira, Clara Oliveira e Emílio Moitas (1998).

Câmara: Composta por sete esteios *in situ*, mas bastante fraturados, com um diâmetro interno de 1,40 m.

Corredor: Mantêm-se ainda algumas bases de esteios. Teria um comprimento aproximado de cinco metros.

Mamoá: Pedras soltas em torno do monumento “*arrancadas*” pela água que pertenceriam aos anéis da estrutura da mamoá.

Bibliografia: Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta dos Fartos

Trata-se de um monumento construído em granito local, de câmara poligonal que conserva sete esteios da câmara *in situ*. Implantado em zona elevada na margem esquerda do rio Caia. Consta do levantamento feito por Jorge de Oliveira, Clara Oliveira e Emílio Moita (1998).

Bibliografia: Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta das Casas Brancas

Anta implantada na margem direita do rio Caia, próxima da estrada municipal Arronches-Assumar. Totalmente esventrada pelas lavras profundas feitas para a plantação de um montado.

Câmara: A câmara sepulcral tem uma planta poligonal, conservando *in situ*, três esteios, dois em granito e um terceiro em diorito.

Corredor: Conservam-se poucos vestígios do corredor do monumento. Possivelmente destruído pelas lavouras.

Mamoas: Não se conserva.

Bibliografia: Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta Herdade de Vale de Bêbedas

Descoberta nos inícios do século XX, possivelmente por um correspondente de José Leite Vasconcelos. A anta do monte vale de Bêbedas foi o primeiro monumento megalítico do concelho a constar na bibliografia especializada com artigo de J. Leite Vasconcelos, no “*Arqueólogo Português*” (Vasconcelos, 1929), posteriormente o casal Leisner incluem o monumento na sua obra de referência “*Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*” (Leisner e Leinsner, 1965).

Câmara: A zona da câmara apresenta uma grande depressão, resultado de uma violação e posteriormente entulhada, onde aflora um esteio fraturado. Existem ainda bases dos restantes esteios de câmara “*in situ*”. Tem uma planta poligonal.

Corredor: A intensa atividade destrutiva que o monumento tem vindo a sofrer, teve como principal resultado o aparente desmantelamento do corredor. Não são visíveis esteios de corredor a superfície.

Mamoas: Conserva parte da mamoa com o anel de contenção a aflorar. Correndo risco de destruição total.

Bibliografia: Vasconcelos, 1929; Leisner e Leisner, 1965; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Anta Nave Fria 1

Pequeno monumento que se encontra no quintal de uma casa no lugar da Nave Fria. Não foi possível visitar a anta durante a elaboração deste trabalho. De acordo com a informação existente” *A estrutura lítica que define a câmara funerária apresenta-se interrompida na face virada ligeiramente a sudeste fazendo adivinhar a presença de um corredor, provavelmente ainda soterrado. Nas imediações do monumento podem observar-se várias lajes de xisto, algumas reaproveitadas nas construções agrícolas anexas à casa que aí se localiza. O interior da câmara funerária e parte dos ortóstatos, in situ, apresentam uma coloração branca decorrente da não muito recuada utilização deste espaço para “derregar” cal, destinada às repetidas caições das habitações das redondezas. Se este monumento se vier a definir, como tudo indica, como um sepulcro de falsa cúpula, então estaremos em presença do monumento funerário com estas características que mais a norte do Alentejo se conhece e poderá estar em estreita relação quer com a fase calcolítica da arte rupestre da Esperança e com alguns dos testemunhos de habitat envolventes da ermida do Rei Santo.” (Portal do Arqueólogo – Endovélico) (Oliveira, Moitas e Oliveira, 2011).*

Trabalhos arqueológicos: o monumento teve, segundo a informação constante no Portal do Arqueólogo (DGPC), trabalhos de limpeza e valorização em 2002, no âmbito do projeto “Paisagens Megalíticas do Norte Alentejano”, coordenado por Jorge de Oliveira. Em 2013, no âmbito do projeto “Arte Rupestre de Arronches”, foi realizada uma curta intervenção, coordenada por Jorge de Oliveira e Clara Oliveira.

Bibliografia: Oliveira, Bairinhas, Balesteros, 1996; Oliveira Moitas & Oliveira, 2011.

Anta Nave Fria 2

Anta totalmente em xisto, junto do lugar da Nave Fria (monte do Moio). É a anta de maior dimensão em xisto. É visível da estrada de acesso à localidade.

Câmara: Conserva três esteios *“in situ”*, todos eles muito fraturados. Mantém-se o esteio de cabeceira.

Corredor: Poderão existir ainda parte dos esteios iniciais do corredor.

Mamoa: Apresenta restos da mamoa, apesar de ter sofrido lavouras constantes. Abundância de quartzo em torno do monumento e alguma cerâmica manual muito rolada.

Trabalhos arqueológicos: o monumento teve, segundo a informação constante no Portal do Arqueólogo (DGPC), trabalhos de limpeza e valorização em 2002, no âmbito do projeto “Paisagens Megalíticas do Norte Alentejano”, coordenado por Jorge de Oliveira.

Bibliografia: Oliveira, Bairinhas, Balesteros, 1996; Oliveira Moitas & Oliveira, 2011.

Fragoso 1

Não foi possível ter acesso ao monumento no decurso deste trabalho, pelo que as informações obtidas constam de trabalhos anteriores.

A anta localiza-se a cerca de 370 metros a noroeste do Monte Fragoso, próximo da linha de caminho-de-ferro. A anta seria construída na íntegra em granito local. Serviu recentemente como maroiço de desprega, da qual ficou salvaguardada pelas árvores que a circundavam (Boaventura, 2001).

Câmara: A câmara apresenta três esteios de pé, *in situ*, dois para o lado norte e um para lado oeste. O provável esteio da cabeceira apenas aflora e aparece ligeiramente tombado. Em marouço próximo encontra-se outro esteio deslocado.

Corredor: Não foram registados à superfície presença de elementos do corredor.

Mamoa: Os trabalhos de desprega com *ripers* e as lavouras profundas para cultivo cerealífero, destruíram totalmente a estrutura da mamoa.

Trabalhos arqueológicos: Segundo informação existente no Portal do Arqueólogo (DGPC) foram efetuados trabalhos de limpeza e valorização em 1995 e 1998, coordenados por Rui Boaventura, no âmbito do projeto “As comunidades pré-históricas dos 4º e 3º milénios na Região de Monforte”, onde foi recolhido um percutor.

Bibliografia: Gonçalves, Assunção, Coelho & Pinto, 1972; Boaventura, 2001; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Moreiros

Anta localizada nas imediações do monte dos Moreiros, próximo da linha de caminho-de-ferro, segundo Jorge de Oliveira e Clara Oliveira e Emílio Moitas (1998) é totalmente em granito local. Não foi localizado no decurso deste trabalho nem existe informação (descrição) sobre este monumento no Portal do Arqueólogo (DGPC)

Bibliografia: Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

Rasquilha 3

Junto do caminho de acesso ao monte da Rasquilha estão depositados dois esteios de anta em granito de grandes dimensões. O esteio, na berma nascente do caminho encontra-se tombado e fraturado, a poente está outro esteio deslocado mas erguido. A proveniência dos dois blocos é incerta, poderão ter pertencido à anta da Rasquilha, ou a outro monumento ainda não identificado ou possivelmente totalmente desmantelado (Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011).

Bibliografia: Oliveira Moitas & Oliveira, 2011.

Baldio 6

Em elevação artificial, na margem de uma pequena linha de água subsidiária da ribeira Argalé, encontram-se dois possíveis esteios de anta em granito. Desconhece-se a sua proveniência, estão claramente deslocados, merecendo uma possível atenção em trabalhos futuros. A presença de diversas pedreiras nas proximidades em redor faz acreditar terem sido deslocadas por maquinaria, em tempos recentes.

Bibliografia: Inédito.

Tinoca 1

No pátio da casa agrícola da Tinoca encontra-se erguido o que parece ser um esteio em granito de grande dimensão.

Bibliografia: Inédito.

Tapada da Pina

Referência bibliográfica feita por José Leite Vasconcelos, de uma anta no sítio da Pina. Monumento atualmente desaparecido poderá encontrar-se encoberto pelos inúmeros marouços de desprega que existem neste monte.

O sítio consta na base de dados da DGPC (CNS 3929) sem qualquer descrição.

Bibliografia: Vasconcelos, 1929.

5.2.2. Monumentos Megalíticos Não Funerários

Menir do Monte do Reguengo

O menir do monte do Reguengo encontra-se depositado num marouço a meia encosta nas proximidades do monte homónimo. Identificado pelos arqueólogos Jorge de Oliveira e Clara Oliveira nos finais da década de noventa, e que o deram a conhecer num artigo intitulado de “*Menires do Distrito de Portalegre*”.

O monólito, em granito, tem cerca 150 cm de comprimento e 80 cm de diâmetro, e apresenta algumas *covinhas* pouco evidentes. Como referem os seus descobridores o monumento está fora do seu local original, e a sua remoção deve remontar pelo menos a Alta Idade Média, devido à existência, na proximidade, de estruturas desse período cronológico. O menir do Reguengo foi até ao momento o único monumento megalítico não funerário encontrado no concelho.

Bibliografia: Oliveira & Oliveira, 1999; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011.

5.2.3. Breve análise.

O megalitismo de Arronches foi ignorado pela comunidade arqueológica portuguesa, fazendo dele um dos mais desconhecidos de todo o distrito de Portalegre. Fato estranho, se pensarmos que, em termo de comparação, os concelhos vizinhos de Monforte e Elvas, apresentam na base de dados do “*Endovélico*” cinquenta e duas antas e vinte seis antas, respetivamente. Ambos os concelhos com condições geográficas próximas de Arronches, mas que desde cedo foram privilegiadas por várias gerações de investigadores.

Relembramos, como importante é esse facto, já que com a mecanização dos campos tem havido um processo contínuo de destruição de monumentos (Rocha, 2005), processo que o território de Arronches não ficou poupado. Assim é de crer que a baixa densidade de sítios encontrados no concelho de Arronches, é mais o resultado da ausência de investigação em períodos mais recuados, do que poderiam ter produzido um registo atempado.

Se o panorama quanto à contabilização do número de monumentos identificados estará seguramente abaixo do que teria sido uma realidade mais antiga, a ausência de dados não é menos redutora quanto ao estudo dos próprios monumentos, desconhecendo-se caracterizações das estruturas, cronologias e o espólio conservado.

A partir dos poucos dados bibliográficos e dos limitados conhecimentos que o trabalho de prospeção oferece, podemos dizer que megalitismo de Arronches se inscreve plenamente, nas variantes já reconhecidas para esta região da Península Ibérica

(Oliveira, 1998; Oliveira, Moitas & Oliveira, 2011), percebendo-se os seguintes elementos:

- 1) Preferência para a fixação na região de rochas granitoides, ou na proximidade, embora também existem as duas antas da Nave Fria, em plena área dos xisto-quartzitos da Serra de S. Mamede.
- 2) Localização das estruturas próximas de linhas de água, principalmente do rio Caia (Sarnadas, Fartos, Casa Branca, Menisa e Reguengos), mas também de cursos de água mais modestos como a ribeira de Ouguela (Nave Fria 1 e 2), Barranco S. Miguel (S. António), ribeira da Sancha (Rasquilha), ribeira das Figueiras (Fragoso e Moreiros).
- 3) Diferentes zonas de implantação, com diferentes graus de visibilidade na paisagem. Encontram-se monumentos em zonas elevadas com bom domínio visual, caso da anta das Sarnadas, Fartos, Raquilha, Moreiros, Fragoso, em zonas planas mas com destaque, casos das Antas Nave Fria e Reguengo e antas em zonas sem destaque da paisagem envolvente, com é o caso da anta de S. António, Casa Branca, Menisa.
- 4) Proximidade das necrópoles aos povoados. Esta vizinhança assinala uma relação direta entre as comunidades locais e os monumentos, à semelhança do que acontece por todo Alentejo neste período. Igualmente importante, a possível ligação entre as duas antas da Nave Fria e os abrigos com arte rupestre próximos da serra de Monte Novo e Cavaleiro.
- 5) As antas apresentam uma planta formando câmaras poligonais de sete ou nove esteios com corredores longos.
- 6) Aparente ausência do megalitismo não funerário uma vez que o único monumento registado até ao momento é o pequeno menir do monte do Reguengo.

Arte rupestre da freguesia da Esperança.

A arte rupestre pictórica representa uma das mais importantes manifestações culturais da Pré-história. O seu estudo permite esclarecer alguns aspetos das sociedades que as fizeram, sobre os seus costumes, religiosidades ou mesmo sobre a fauna e a flora da época.

Não sendo um fenómeno arqueológico exclusivo da Península Ibérica, fato é que ocorre nas mais variadas partes do mundo, embora com culturas e cronologias bem variadas. Na Península Ibérica está associado a uma ampla cronologia que vai do Neolítico final, às primeiras sociedades metalúrgicas do Calcolítico e da Idade do Bronze, com sobrevivência marginal na primeira idade do Ferro.

Com uma ampla dispersão geográfica por todo o território peninsular, a arte esquemática pintada, tem na província de Estremadura (Espanha) e serra de S. Mamede (Portugal), uma das maiores concentrações de sítios registados. Nas províncias espanholas de Cáceres e Badajoz conhecem-se mais de trezentos abrigos (Giraldo, 1997; Perelló, 1997). Em território nacional é na freguesia da Esperança que se concentram o maior número de abrigos com pinturas, contando-se até ao momento onze sítios arqueológicos registados (Oliveira & Oliveira, 2013; Oliveira, 2009). Conhecem-se igualmente abrigos nos concelhos vizinhos de Arronches, dois abrigos no concelho de Portalegre (Oliveira & Oliveira: 2013; Martins: 2013) e um em Marvão (Ribeiro: 2003). A arte esquemática pós-paleolítica contrariamente ao que acontecia com a chamada arte paleolítica, conhecida pela sua homogeneidade de temáticas e de cores, com um estilo reconhecidamente mais naturalista, apresenta uma maior variabilidade (abrigos do Norte Alentejo e Estremadura (Espanha) com um número variado de motivos de pequenas dimensões, geométricos e geometrizados, antropomórficos, zoomórficos, idoliformes e, por vezes representação de artefactos, prevalecendo o esquematismo. (Oliveira & Borges, 1998).

6.1. Abrigos com arte rupestre da freguesia da Esperança.

Abrigo dos Gaivões

Descoberto em 1914 pelos arqueólogos espanhóis Aurélio Cabrera y Gallardo e Eduardo Hernández-Pacheco y Esteban, durante trabalhos de prospeção que esses investigadores efetuavam no território espanhol de Albuquerque (Oliveira, 2009).

O abrigo já foi objeto de um amplo número de trabalhos e publicações, entre os quais se destacam os realizados por Eduardo Hernández-Pacheco y Esteban (1916, 1917), Henri Breuil (1917; 1933; 1940), Virgílio Correia (1916; 1917), Rui de Serpa Pinto (1932) e Joaquim Santos Júnior (1936, 1940), Jorge de Oliveira (projeto ARA de 2009 à atualidade) Clara Oliveira (2009). Além destes trabalhos e publicações existem ainda um significativo número de breves referências e apontamentos em diversas publicações arqueológicas. Por esses fatos poderá considerar-se o abrigo do Gaivões como o sítio arqueológico mais conhecido e estudado do concelho de Arronches.

O sítio dos Gaivões compõe-se de um pequeno abrigo escavado na parede vertical do afloramento quartzítico, orientado a sul. O acesso faz-se facilmente a partir do caminho de ligação ao monte de Vale de Junco.

As pinturas estão distribuídas ao longo das paredes exteriores e interiores do abrigo, sendo que as exteriores se encontram completamente expostas. Estão organizadas em nove painéis. Apresentam uma grande policromia, distinguindo-se várias tonalidades de vermelho, laranja e negro.

A partir dos trabalhos desenvolvidos pelos diferentes investigadores, principalmente pelos últimos, do projeto ARA e a tese de dissertação de mestrado da arqueóloga Clara Oliveira é possível fazer uma distribuição e análise aos nove painéis.

Painel 1: Localizado na parede mais a Oeste do abrigo. Nele parece estar representado um antropomorfo masculino e uma figura de maiores dimensões possivelmente um zoomorfo interpretado em 1960, por Luís Albuquerque e Octávio da Veiga Ferreira, como sendo um elefante. A possível representação do elefante é hoje em dia considerada como pouco provável, devido ao distanciamento entre a contemporaneidade das pinturas e megafauna do Pleistoceno, altura que existiriam grandes paquidermes na Península Ibérica (Castro, Ferreira, 1969-61, p.218; Oliveira, 2009, p.60).

Painel 2: Neste painel figuram diferentes elementos antropomorfos, zoomorfos e serpentiformes em diferentes cenas. Numa das cenas existe um antropomorfo bem definido, sobreposto por um pectiniforme e uma mancha à esquerda indefinida. Henri Breuil, em 1917, interpretou esta cena como uma representação estilizada de dois ídolos femininos de tipo *almeriense*, associado a um animal de seis patas (Breuil, 1917, Oliveira, 2009). O estudo posterior de Luís Albuquerque e Octávio da Veiga Ferreira concluiu tratar-se de um bóvido. Em uma segunda cena, com um tom vermelho alaranjado, aparecem representados dois antropomorfos aparentemente “*femininos*” e um serpentiforme bem definido. Com uma tinta de coloração mais escura, vermelho

escuro, está a terceira cena. O seu significado levanta inúmeras dúvidas, principalmente pela figura de maior dimensão da esquerda, pois não tem paralelos na arte rupestre peninsular. Possivelmente será a representação de um zoomorfo, acompanhado de dois serpentiformes.

Painel 3: Em posição destacada de forma a receber a exposição da luminosidade matinal, como refere a arqueóloga Clara Oliveira, está isolado um antropomorfo sexuado (Oliveira, 2009). A figura representará uma figura masculina, em vermelho alaranjado, sobre uma zona mais clara do quartzito. Parece ter um toucado na cabeça (Oliveira, 2009, p.64-65).

Painel 4: Os pictogramas deste painel foram desenhados na zona central do teto do abrigo, dividido em três cenas. Na primeira cena, Albuquerque e Veiga Ferreira atribuem uma temática cinegética, em que a figura humana arremessa um laço a cervídeos (Castro; Ferreira, 1960-61, p. 217, Oliveira, 2009, p.66). Na segunda cena aparecem representados diversos antropomorfos, no que foi designado por Henri Breuil com um ritual de dança. Por último, existe um triplo arco concêntrico em conexão com representações antropomorfas e zoomorfas.

Painel 5: Este painel é o único painel vertical no interior do abrigo. Numa extrema centralidade e de uma grande visibilidade de todos os ângulos. As figuras são antropomorfos e zoomorfos realizados em vários tons de vermelho e a carvão, fazendo deste painel aquele que mais diferenças cromáticas apresenta.

Painel 6: Colocado na zona mais a oriente do teto do abrigo, parece corresponder a dois antropomorfos incompletos.

Painel 7: Representação de um antropomorfo, ao lado de quatro sequências horizontais de barras verticais. A mancha de escorrimento natural terá ocultado uma segunda figura antropomórfica, que Henri Breuil terá ainda registado em 1917 (Oliveira, 2009, p.71). Este painel localiza-se na parte exterior do abrigo.

Painel 8: Representação de três antropomorfos em vermelho escuro. A figura central apresenta uma aparente disposição ascendente dos membros superiores., Henri Breuil atribui-lhe um significado místico (Breuil,1917,p.25).

Painel 9: Na zona mais a nascente fica um dos painéis mais expostos do abrigo. São representadas cinco figuras antropomórficas e dois grupos de linhas paralelas. Um dos grupos é constituído por sete linhas paralelas na parte superior do painel. O segundo grupo de linhas é menos nítido, fica na parte mais inferior do painel, e encontra-se dividido em dois grupos de cinco linhas paralelas.

Bibliografia: Martins, 2013, Oliveira, 2009; Oliveira & Oliveira, 2008, Gomes, 2002, 1989; Oliveira & Borges, 1998; Peixoto, 1997; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996; Pestana, 1987; Baptista, 1986; Santos, 1972; Ferreira, 1965, 1962; Castro & Ferreira, 1960-61; Júnior 1936, 1940; Pinto, 1932; Breuil, 1917, 1933, 1940; Correia, 1916; Hernandez & Pacheco, 1918, 1916.

Abrigo dos Louções

Descoberto pelos arqueólogos Octávio Veiga Ferreira e Luís Albuquerque e Castro, em Abril de 1960, enquanto procediam a trabalhos na Lapa dos Gaivões. Foi posteriormente publicada a sua interpretação do local na revista *Conimbriga* de 1960/61 (Oliveira,2009; Ferreira & Albuquerque, 1961).

O abrigo apresenta uma implantação discreta na encosta Sul da serra dos Louções por entre vários blocos quartzitos. A galeria, de pequena dimensão e com pouca profundidade em forma de rampa, de dentro para fora, impossibilitou ao longo do tempo a acumulação de camadas de sedimentos e restringiu o seu uso como espaço de ocupação humana por longos períodos.

As pinturas concentram-se na sua totalidade no teto. Todos os pictogramas são de cor vermelha, bem conservados, devido em parte a sua pouca exposição à luz solar. Aparecem representados diversos pictogramas definidos por escaliformes, remiformes e antropomorfos.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, 2008; Oliveira & Borges, 1998; Ferreira & Castro, 1961.

Igreja dos Mouros

Este abrigo foi divulgado pela primeira vez em 1960, pelos arqueólogos Luís de Albuquerque e Castro e Octávio de Veiga Ferreira (Oliveira, 2009; Castro e Ferreira, 1960-61). Implantado à semelhança dos abrigos vizinhos de Louções e Gaivões, na encosta Sul da serra dos Louções. A galeria está numa diáclase suficiente espaçosa para acolher no seu interior vários indivíduos. Em todas as paredes são visíveis marcas de fumo, possivelmente recentes.

As pinturas visíveis encontram-se todas na parede Sul, em posições favoráveis a receção da luz solar. Estão dispersas por quatro painéis:

Painel 1: Este painel fica imediatamente junto da entrada. Parecem estar representados dois antropomorfos, pouco nítidos. Possivelmente foram estas as figuras que Luís de

Albuquerque e Castro e Octávio de Veiga Ferreira terão assinalado como sendo uma cena de dança, envolvendo uma figura masculina e duas femininas (Oliveira, 2009; Castro e Ferreira, 1960-61).

Painel 2: Os desenhos são de difícil compreensão, parecendo que são digitados, e zoomórficos.

Painel 3: Pode-se tratar de um zoomorfo (?).

Painel 4: Por último, na zona mais reservada do fundo da galeria, está a quarta cena. Desenhada a branco é única figura desta cor, em todos os abrigos da Serra de S. Mamede.

Em 2012, no âmbito do projeto ARA desenvolvido por Jorge de Oliveira e Clara Oliveira foram realizadas duas sondagens neste abrigo que, para além dos materiais recolhidos permitiram realizar 2 datações de C14 obtidas a partir de carvões (cal BC 3080 a 3060 e Cal AD 1010 a 1170), calibradas a 2 *sigmas*. Foi também identificada a primeira escultura desta região, realizada numa das paredes laterais (Oliveira e Oliveira, 2013)

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, 2008; Oliveira, 2009; Castro e Ferreira, 1960 – 61

Abrigo Pinho Monteiro

Identificado em 1981 pelos arqueólogos Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes, recebeu o nome do primeiro em homenagem após a sua trágica morte. O abrigo Pinho Monteiro localiza-se na encosta Sul da serra do Cavaleiro. É constituído por uma ampla galeria, com 10m x 11m, aberta ao exterior, com boa iluminação. Com uma altura de cerca de dois metros, a galeria apresenta um conjunto significativo de pinturas no teto e nas paredes laterais. A dimensão do abrigo permitiu a acumulação de uma profunda camada de sedimento.

No sítio foram realizadas duas campanhas de escavação, a primeira ocorreu em 1982 dirigida por Mário Varela Gomes, onde se exumou algum espólio de pedra lascada (raspadores sobre lasca em sílex e em quartzo, alguns com encoche, furador sobre lasca de dorso abatido e com retoques alternados), movente de mó, carvões, pequeno fragmento de vaso cerâmico, fabricado manualmente. Recentemente houve uma segunda campanha em 2010-2013, dirigida por Jorge de Oliveira e Clara Oliveira, com abertura de uma nova sondagem no prolongamento da anterior, onde se recolheram alguns “materiais líticos, lamelas, lâminas e um geométrico que apontam para uma

ocupação deste abrigo desde o Neolítico mais antigo”. Destes trabalhos foi possível recolher amostras de carvão para datação por C14 que atestam duas ocupações distintas deste espaço, uma no Paleolítico (Cal BC 9250 a 9100) e outra no Mesolítico (Cal BC7570 a 7460), calibradas a 2 sigmas (Oliveira e Oliveira, 2013)

Os painéis parecem ter diferentes cronologias, os mais antigos foram realizados com tinta vermelho - alaranjada, tendo, posteriormente, sido sobrepostos por figuras e manchas de cor vermelho escuro (Gomes, 1982).

A esta primeira fase é atribuída uma cronologia do Calcolítico inicial, aparecendo nesta fase além de pictogramas solares radiados, um conjunto variado de antropomorfos, esquemáticos: com braços e pernas em arco, além de figuras em I. Num segundo período (atribuível à Idade do Bronze) remontarão pontuações e traços, bem como uma figura ictifálica e cornúpeta, ostentando um báculo, associada à qual se divisa uma outra, com corpo bi-triangular e cabeça coroada por um gorro cónico, representada de pé sobre um quadrúpede muito esquemático (interpretada como divindade oriental). Existem também representação de astros (estrelas) e digitados (Idem, Ibidem). As datações recentemente obtidas permitem equacionar outros cenários cronológicos para este conjunto.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira, 2009; Pestana, 1987; Gomes,1985; Oliveira e Oliveira, 2013.

Cerro das Lapas

Dois pequenos abrigos na serra Chugueira. Foram identificadas pinturas no seu interior, pelo projeto ARA. (Oliveira & Oliveira, 2009; Martins, 2013). Não nos foi possível visitar os abrigos no âmbito deste trabalho.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013; Oliveira, 2009.

Louções 4

Foram localizados dois antropomorfos, num pequeno abrigo no topo maciço quartzítico da serra dos Louções. Com um amplo domínio visual, sobre a planície no sopé e nas imediações do povoado da idade do Bronze final / Ferro dos Louções. A localização ocorreu em 2009 no decorrer de trabalho do projeto ARA. Não nos foi possível visitar o local no âmbito deste trabalho.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013.

Outeiro das Pratas

Outeiro das Pratas corresponde a um afloramento quartzítico de grandes dimensões a poucas centenas de metros da vila da Esperança. Atualmente encontra-se dentro de um turismo rural. As pinturas identificadas encontram-se num pequeno abrigo. Não nos foi possível visitar o lugar no âmbito deste trabalho (Oliveira & Oliveira, 2009; Martins, 2013).

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009.

Abrigo do Monte Novo

O pequeno abrigo está no topo rochoso da serra de Monte Novo, com ampla visibilidade sob a peneplanície norte alentejana. O terreno caracteriza-se por uma caída rápida em pendente, quase na vertical, em algumas partes do enorme maciço rochoso. A galeria totalmente aberta e de espaço limitado (espaço limitado à ocupação por duas pessoas) apresenta no seu interior marcas de fumo no teto, certamente de fogueiras ocasionais de pastores e caçadores feitas ao longo do tempo.

A figura única de um antropomorfo de cor vermelho claro foi colocada na parte exterior da entrada, facilmente visível.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009.

Pedra Torta

Identificado em 2009, o abrigo da Pedra Torta encontra-se numa fragua, junto de uma galeria ripícola criada pela ribeira de Manguens. Num pequeno nicho de difícil acesso do rochedo existe digitados em vermelho claro (Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009).

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009.

Pego do Inferno

Descoberto em 2009 no decurso de trabalhos de prospeção na área a cargo do projeto ARA (Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009).

Trata-se de um abrigo natural sob um esporão sobranceiro ao rio Abrilongo, localizado mesmo na fronteira de Portugal com Espanha. No teto em xisto existe um conjunto de representações pictóricas, principalmente antropomorfos. As figuras apresentam tonalidades que vão do vermelho ao laranja (Idem, Ibidem). O local pelas suas características serviu desde a pré-história como refúgio, refira-se que até no século XX,

o abrigo serviria de casa a um fora da lei, e mais recentemente de esconderijo a refugiados da guerra civil espanhola e contrabandistas. Não nos foi possível visitar o local no âmbito deste trabalho.

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira & Oliveira, 2013, Oliveira, 2009.

6.2. Breve análise.

É nos contrafortes quartzíticos das serranias da freguesia da Esperança, que se localiza o mais significativo conjunto de sítios pré-históricos com arte pictórica de Portugal. Com um total de dez sítios identificados até ao momento.

O primeiro sítio a ser descoberto há um século atrás, foi o abrigo dos Gaivões, pelos arqueólogos espanhóis Aurélio Cabrera y Gllardo e Eduardo Hernández-Pacheco y Esteban. A notoriedade deste primeiro achado possibilitou chamar a atenção sobre a freguesia de várias gerações de investigadores, que levaram às posteriores descobertas dos restantes abrigos com pinturas - Abrigos de Louções (1957); Igreja dos Mouros (1960); abrigo Pinho Monteiro (1981), Pego Inferno (2009); Cerro das Lapas (2009); Louções 2 (2009); Outeiro das Pratas (2009); Pedra Torta (2009); Monte Novo (2009); Pego do Inferno (2009).

Desde a sua descoberta nos inícios do século XX, que os abrigos das serras dos Louções e do Cavaleiro passaram a constituir-se como uma importante referência a nível nacional e internacional para o estudo da arte pré-histórica.

Graças aos trabalhos de prospeção de superfície e investigação realizados principalmente nos últimos anos por investigadores da Universidade de Évora estamos já em condições de oferecer um panorama bastante completo da disposição geográfica e contextos da arte rupestre “*esperancense*”.

Os abrigos com pinturas da Esperança, à semelhança do que acontece nos abrigos vizinhos espanhóis, apresentam um padrão de implantação espacial com elementos em comum. Foi privilegiada a ocupação de lugares com uma ampla visibilidade (exceção para o Pego do Inferno), permitindo dominar visualmente grandes extensões de terreno em redor, zonas de passagem entre montanhas ou vias de comunicação naturais. Outra característica comum é a sua proximidade a cursos de água e a nascentes, e a sua preferência geológica, todos nos maciços quartzíticos.

Igualmente relevante parece ser a seleção dos locais que oferecem algum grau de refúgio dos elementos naturais. Nos abrigos dos Gaivões, Monte Novo, Cerro das Lapas,

Louções, Outeiro das Pratas e abrigo dos Louções, as reduzidas dimensões do espaço e as condições de inabitabilidade que apresentam impossibilitavam a sua ocupação por largos períodos de tempo, seriam assim somente lugares de ocupação ocasional de caçadores e pastores. No entanto, o abrigo Pinho Monteiro, Igreja dos Mouros e Pego do Inferno possibilitaria a presença de um grupo alargado de indivíduos, por períodos mais ou menos longos, como é demonstrado pelas recentes datações obtidas que comprovam múltiplas utilizações destes espaços até ao período contemporâneo - refugiados da guerra civil espanhola no abrigo Pinho Monteiro (Gomes, 1985; Oliveira, 2009; Oliveira e Oliveira, 2013).

Para a realização das pinturas constata-se que não foram aproveitadas todas as superfícies dos abrigos que aparentemente se encontravam disponíveis. Não foi ocupado a totalidade dos espaços, mas existiu aparentemente um privilégio no aproveitamento de um tipo de superfície em detrimento de outra. A posição das pinturas leva-nos a acreditar que existia uma seleção prévia tanto dos abrigos como das paredes a serem pintadas. Estes critérios de seleção possivelmente tinham em conta que as pinturas pudessem ser facilmente observadas pelos espetadores, que tivessem maior conservação ou mesmo que se adaptassem a “um programa iconográfico” pré-estabelecido. O melhor exemplo da preocupação na organização espacial dos pictogramas é o abrigo dos Gaivões. Aqui as pinturas encontram-se dispostas na parte superior do teto convergindo num painel que se encontra na parte central do interior do abrigo. No sítio da Igreja dos Mouros as pinturas estão colocadas num nível em que se destacam com a luminosidade matinal, convergindo na parede poente onde se encontra a pintura a branca.

Os pigmentos utilizados foram certamente predominantemente de origem mineral e, de proveniência local. Destacando-se o uso do óxido de ferro, com qual se obteve a tonalidades vermelho/roxo, que existe em abundância na região sobre forma de hematites e ocre. As tonalidades negras obtinham-se do manganés e a branca empregava-se o calino (Nuevo, Martín, Oliveira & Oliveira, 2010; Giraldo, 1997). As substâncias utilizadas na elaboração das pinturas eram submetidas a tratamentos prévios, variados, que permitiam obtenção de diferentes tonalidades. Assim, a preparação de pigmentos deve ter passado por uma escolha da matéria-prima e das técnicas adotadas, sugerindo que o critério relevante de seleção seria a cor (obtida diretamente do pigmento natural ou, eventualmente, após a sua manipulação). O uso de diversos processos de transformação e preparação dos pigmentos revela que seria atividade dispendiosa de tempo e conhecimento na comunidade. A localização das matérias-

primas, a técnica de extração e os métodos de preparação de cada tipo de pigmento seriam conhecimentos que possivelmente não estariam difundidos por todos os membros do grupo. A ação de transformação de uma matéria natural pressupõe uma abordagem conceptual inicial, onde o objetivo final está já pré-definido. Os motivos representados são muitos variados, mas podemos integra-los em três grandes categorias – antropomorfos, zoomorfos, figuras esquemáticas variadas por vezes de significado incerto.

Antropomorfos: Aparecem em formas mais naturalistas em que é representada a cabeça, tronco, membros (superiores e inferiores) e por vezes é exibido o falo.

Nos abrigos da Esperança a figuração humana representa uma percentagem significativa das pinturas. Mas é no abrigo dos Gaivões onde existe um maior número e uma acentuada variabilidade nas representações humanas, estando presente em todos os painéis. Na igreja dos Mouros, abrigo dos Louções e Pego do Inferno as esquematizações humanas são representadas de forma mais uniforme. No abrigo Pinho Monteiro, os antropomorfos existentes têm formas mais simples e abstratas, por comparação com os restantes sítios. Associado aos antropomorfos parece ter sido representado elementos de vestuário, armamento ou mesmo, cenas de pastoreio e cinegéticas. Para além dos antropomorfos existem ainda inúmeros zoomorfos representativos da fauna, mas de difícil interpretação quanto à espécie representada, o que coloca diversos problemas de interpretação, tanto mais que nem sempre o seu grau de conservação nos permite obter uma leitura integral da figura.

7. Povoamento da Idade do Bronze.

Os dados sobre o povoamento da Idade do Bronze no concelho de Arronches são, à semelhança do que se passa em outros concelhos, bastante escassos.

Na Base de dados Endovélico encontram-se registados apenas dois, o Abrigo Pinho Monteiro que, de acordo com a informação possui uma ocupação do Calcolítico e outra da Idade do Bronze e, o Abrigo de Vale de Junco/ Lapa dos Gaivões, também referenciada com os mesmos períodos de ocupação sendo que neste último a atribuição cronológica se baseia numa das pinturas existentes.

Existe ainda um terceiro sítio, não referenciado na base de dados Endovélico, mas publicado desde os finais do séc. XX (Oliveira *et al*, 1986). Trata-se de um povoado, Nave Fria, que se localiza no topo de um cabeço que se destaca na paisagem nas proximidades do Abrigo Pinho Monteiro.

No decurso deste trabalho foram identificados dois novos sítios que pela implantação e tipo de materiais existentes à superfície nos parece enquadrar-se na Idade do Bronze.

7.1. Povoados da Idade do Bronze.

Abrigo Pinho Monteiro

O abrigo Pinho Monteiro localizado na serra do Cavaleiro/Cabaça foi identificado em 1981 pelos arqueólogos Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes. Às representações pictóricas mais recentes existentes nas paredes e teto são atribuídas cronologias da Idade do Bronze (Gomes, 1985).

Bibliografia: Martins, 2013; Oliveira, 2009; Oliveira e Oliveira, 2013; Pestana, 1987; Gomes, 1985.

Montinho 1

O povoado Calcolítico (?) / Idade do Bronze do Monte do Montinho está localizado em torno de um grande afloramento granítico, perto da linha de caminho-de-ferro. O local destaca-se na paisagem envolvente, o que lhe permitiria usufruir de boa defensibilidade. A mancha de materiais é composta principalmente por cerâmica manual, lascas de quartzo e seixos talhados tendo sido identificados dois elementos de mó (dormentes).

Bibliografia: Inédito.

Safa

O povoado da Safa apresenta boa defensabilidade natural e uma elevada visibilidade sobre a paisagem envolvente, principalmente sobre o rio Caia. Na encosta Sul do outeiro existe grande quantidade de cerâmica manual e alguma escória de fundição. Na várzea, a Sul da elevação que se encontra dentro do regolho da albufeira do Caia, foram identificados fragmentos de cerâmica manual, lascas de quartzito, seixos talhados e percutores.

A meia encosta a elevação apresenta uma plataforma artificial que poderia corresponder a uma linha de muralhas que a circundavam. O sítio aparenta ter tido um período de ocupação bastante alargado, podendo corresponder a um povoado fortificado Calcolítico com continuidade /ocupação até ao Bronze Final/Ferro.

Bibliografia: Inédito.

Nave Fria 2

O povoado da Nave Fria 2 foi identificado em 1996, no decurso da elaboração do inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Implanta-se no topo da serra da Nave Fria, elevação que se destaca bem na paisagem. O seu campo visual prolonga-se para sul, em direção à vila de Arronches e à planície envolvente, permitindo uma fabulosa implantação defensiva.

Com maiores marcas de ocupação na zona Oeste, o povoado teria uma muralha que aproveitaria os afloramentos e que se estendia em forma elipsoidal em todo o topo. Foram registados bordos, fundos e carenas de cerâmica manual sem decoração, um percutor, uma mó (dormente vaivém) e lascas de quartzito.

A presença de cerâmica da Idade do Ferro no lado Este permite admitir que a cronologia do povoado seja Bronze Final, com continuidade de ocupação durante a 1ª Idade do Ferro.

Bibliografia: Oliveira, Bairinhas e Balesteros, 1996.

7.2. Breve análise

A Idade do Bronze é um período cronológico pouco estudado na região norte alentejana, existindo ainda grandes lacunas na caracterização do povoamento, principalmente no que respeita à identificação dos pequenos sítios localizados em áreas abertas, que

caraterizam o Bronze inicial, já identificados e caraterizados em outras regiões do Alentejo, mas que aqui são ainda quase desconhecidos. Em relação aos povoados fortificados de altura do Bronze final estão melhor caraterizados, conhecendo-se na região vários exemplos, mas foram pouco estudados.

O presente trabalho também poucas novidades acrescenta ao pobre panorama regional, sendo mesmo um dos períodos cronológicos com menos sítios atribuíveis neste levantamento. No total foram registados cinco sítios com ocupação na Idade do Bronze: Montinho, Safa, Nave Fria 2, Abrigo Pinho Monteiro e o Abrigo de Vale de Junco/Lapa dos Gaivões.

Os dois novos povoados encontrados (Montinho, Safa) têm os típicos padrões de implantação para esta época, em pequenas elevações sem grande destaque na paisagem, em lugares dominados por grandes afloramentos graníticos que certamente permitiam aumentar a capacidade defensiva dos povoados. Em ambos os casos existe um domínio claro sobre zonas férteis de vales de aluvião. Também em ambos parece ter existido um prolongamento de ocupação do Calcolítico para a Idade do Bronze inicial.

O sítio da Nave Fria 2 que já se conhecia anteriormente é um típico povoado fortificado em altura do Bronze final, com marcas de ocupação posterior, na 2ª Idade do Ferro. Está em cota acima dos 500 metros e tem um amplo campo visual sobre a paisagem envolvente. A sua posição é claramente estratégica no controle da passagem para o interior da Serra de S. Mamede.

8. Povoamento da Idade do Ferro

Da totalidade do território alentejano, certamente será o distrito de Portalegre aquele que apresenta uma maior carência de dados sobre os modelos de povoamento durante todo o Iº milénio a.C. Essa ausência de dados resulta do desinteresse que a região mais a norte do Alentejo foi votada, sobre este período arqueológico em concreto principalmente nas últimas décadas.

Os dados atualmente existentes para este período cronológico resultam de breves referências a achados isolados, como foi o caso da recente descoberta da epígrafe de Arronches (Carneiro, Encarnação, Oliveira & Teixeira, 2008), ou os achados no início do século XX de tesouros áureos de Alegrete e Urrea, e de estudos antigos sobre três grandes povoados da idade do Ferro em altura da região, que são o Castro de Segóvia (Fabião,1998; Gamito, 1981,1982) Cabeço de Vaiamonte (Arnaud & Gamito,1977, 1985; Boaventura e Mataloto, 2011) e do Baldio (Gamito, 1996, 1981; Arnaud 1971).

Mas é fundamentalmente na consulta das cartas arqueológicas existentes de alguns concelhos do distrito que se obtém uma maior massa de informação sobre a localização dos lugares de povoamento da Idade do Ferro (Oliveira, Pereira & Pereira, 2012; Rocha, 2011, Carneiro, 2005).

Com os escassos registos arqueológicos existentes, podemos entender o povoamento da Iº Idade do Ferro na região norte alentejana como o resultado de um lento processo de transformações dentro das comunidades locais do Bronze final (Carneiro, 2005; Mataloto, 2004; Gomes, 1998). As alterações foram originadas a partir de duas correntes culturais divergentes, uma vinda do litoral de origem mediterrânica e outra do interior peninsular. Essas influências tiveram como resultado o colapso das redes de ocupação dos grandes povoados de altura do Bronze final e a sua substituição por povoamento em espaço aberto (Fabião,1993).

Nas escavações realizadas nos três povoados fortificados de altura da região (Segóvia, Vaiamonte e Baldio) permitiram perceber que só tardiamente irão beneficiar dos contactos mediterrâneos, continuando os povoados fortificados do Bronze final a sofrer influências do interior peninsular. A cerâmica aí produzida, continua a ser maioritariamente manual, cozida em ambiente redutor, apresentando cores escuras. Os testemunhos materiais não permitem perceber se durante Iº Idade do Ferro mantiveram ocupação (Gomes, 1998; Fabião, 1993; Gamito, 1981).

Com o aparente abandono dos povoados em altura, as populações instalaram-se em casais rurais, em pequenas plataformas próximas de um curso de água e com bons solos agrícolas nas imediações. Esses pequenos casais rurais são ainda muito mal compreendidos, conhecendo-se poucos sítios no distrito de Portalegre.

O sítio deste período melhor estudado é o pequeno casal do monte de Pascoais, em Fronteira (Carneiro, 2002). Os trabalhos efetuados no sítio registaram a presença de grande quantidade de material de construção visível à superfície, na maioria ímbrices mas com ausência de tégulas. A cerâmica comum era maioritariamente ainda cerâmica manual.

A fase final da Idade do Ferro é marcada na região pelo regresso aos modelos de povoamento em altura, com a reocupação de povoados fortificados do Bronze final, anteriormente abandonados. Este regresso é entendido pelos investigadores como a consequência da deslocação e instalação de populações estrangeiras do interior peninsular na região, ou mesmo processo transformação das estruturas das populações locais. Continua, neste período, a existir poucos testemunhos de materiais exógenos na região nesses povoados. (Carneiro, 2002; Fabião, 1993).

8.1. Povoados da Idade do Ferro do Concelho de Arronches.

Baldio 1

O povoado fortificado do Baldio situa-se numa elevação destacada da margem direita do rio Caia, próximo do monte do Baldio. As estruturas concentrar-se-iam por entre os afloramentos graníticos de grande dimensão. O local destaca-se na paisagem, permitindo uma boa defensibilidade.

Foi identificado pela primeira vez em 1971, por José Arnaud, que posteriormente procedeu, no centro do povoado, a duas campanhas de escavação (1982 e 1984), com a arqueóloga Teresa Gamito. Os resultados obtidos, nas escavações foram publicados num artigo na revista *Vipasca n°5*, de 1996. As sondagens possibilitaram perceber que o sítio teve um longo período de ocupação, com níveis de materiais associados ao Calcolítico, Idade do Bronze e os extratos mais recentes datam da segunda Idade do Ferro. As estruturas escavadas apresentavam uma forma retangular, com um revestimento de barro no pavimento e estavam acompanhadas nos níveis mais recentes por cerâmica comum, cerâmica fina com decorações estampilhadas em alguns casos, com motivos em palmetas círculos e em “SS”. De uma forma esporádica, surgem cerâmicas de paredes

finas do século I a.C. e um fragmento de cerâmica pintada de tipo ibérico. A ausência de materiais tipicamente romanos como *tegulas e imbrices*, pode ser um indicador do abandono do local em época romana (Gamito, 1996). A presença de uma fornalha e de grande quantidade de escória, (ainda hoje visível ao visitar-se o local), são indicadores de uma forte atividade mineira e mesmo da transformação “*in situ*” dos minerais de ferro e cobre (*idem*).

Bibliografia: Gamito, 1996, 1982; Arnaud, 1971.

Safra/ Safara

Localizado na elevação mais destacada a Sul da vila de Arronches, o povoado Safra/ Safara (topónimo consoante a fonte), destaca-se pelos seus enormes afloramentos graníticos, que de forma natural criam uma defesa que certamente favoreceu a sua ocupação em períodos proto-históricos.

O povoado apresentaria uma muralha de forma elipsoidal, conservando no lado Norte um talude com cerca de 3 metros de altura que acompanharia a linha de muralhas. Na parte mais a Oeste ainda restam alguns troços da muralha, encoberta pela densa vegetação.

A abundante cerâmica fragmentada e pouco rolada, parece indiciar uma ocupação prolongada do sítio. Registou-se ainda a presença de cerâmica manual com grande quantidade de materiais não plásticos, possivelmente do Calcolítico, para além de cerâmica de torno com pastas finas, bordos em “SS”, asa de ânfora bética da Idade do Ferro. E, de forma discreta, existem algumas tégulas indicando que ao contrário do castro do Baldio 1, Safra/Safara manteve em época romana uma efetiva ocupação, certamente favorecida pela proximidade à via romana. Parece crível que a fortaleza tenha servido de estrutura de apoio à estrada, ou mesmo tenha tido funções militares de controlo de passagem.

Bibliografia: Gomes, 1992.

Pedra do Medo 1

Com caraterística semelhantes ao castro de Safra foi identificado neste trabalho, o sítio da Pedra do Medo 1. O sítio fica em redor de um conjunto enorme de blocos graníticos, que se destacam da paisagem envolvente, criando uma espécie de “*ilha de rochas*” sobre a planície envolvente. O seu estranho topónimo pode estar associado tanto às

galerias criadas pelas rochas, mas também pela abundante quantidade de cerâmica, que certamente despertou curiosidade do imaginário dos habitantes locais.

No lado Sul do rochedo encontra-se um redil para animais que possivelmente usou um muro pré-existente (?) em torno do qual existe cerâmica comum de torno e manual, fragmento de ânfora, cerâmica fina, peso de tear tudo passível de atribuir à Idade Ferro/ Período Romano.

Bibliografia: Inédito

Nave Fria 1

Implantado acima dos 500 metros de altura, num dos topos da serra do Monte Novo, próximo do lugar da Nave Fria e da capela do Rei Santo. Foi identificado em 1994, no decorrer da elaboração do “*Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede*” (Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996).

O povoado da Nave Fria apresentaria duas linhas de muralhas, que rodeariam todo o topo da serra, e que, devido às características morfológicas do terreno tomariam a forma de uma “*cela*”, elemento característico de muitos povoados deste período no sudoeste peninsular.

Foram realizadas várias visitas ao local tendo sido registada a presença de cerâmica em quantidade na zona mais a nascente, principalmente na pendente. Foi sobretudo cerâmica comum, de torno, sem decoração, cerâmica de pasta fina de cor clara e o que pareceu ser os fragmentos de *tegulae*, junto do geodésico.

Bibliografia: Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.

Louções 1

Sobre os abrigos de arte rupestre de Lapa dos Gaivões, Abrigos dos Louções e Igreja dos Mouros, encontra-se o povoado proto-histórico dos Louções. O povoado aproveita a zona central da serra dos Louções, junto de grandes afloramentos quartzíticos que serviriam de defesa natural.

À semelhança dos restantes sítios da Idade do Ferro identificados no concelho, apresenta elementos de continuidade do Bronze final para a 1ª Idade do Ferro e uma discreta utilização no período romano republicano, sugerindo um rápido abandono logo após a conquista romana.

As estruturas ainda existentes encontram-se bastante danificadas pelas atividades agrícolas e mais recentemente por saqueadores, que sabendo da existência do sítio

arqueológico tem vindo a pôr à mostra algumas estruturas. Os muros são em pedra seca, com plantas retangulares e circulares e com esporádicos fragmentos de tijolo (possivelmente de época romana). Por entre os muros revolvidos recentemente aparecem fragmentos de cerâmica manual de perfil em “SS”, decoração com “ornatos brunidos”, mamilo alongado, fundos planos, percutores e elementos de mós manuais. Refira-se ainda a descoberta de uma estela com elementos antropomórficos no povoado, pelo arqueólogo francês Henri Breuil (Oliveira, 2009).

Bibliografia: Oliveira, 2009; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.

Monte do Coelho

Epigrafe pré- romana encontrada nas proximidades do monte do Coelho, junto da margem esquerda da ribeira da Venda. Trata-se de uma laje de grauvaque, cuja superfície foi previamente alisada. Com as seguintes dimensões (cm) - 88 x 75 x 3,5 (espessura mínima) - 14 (exp. máxima). Nela está escrito: [- - - - -] XX • OILAM • ERBAM HARASE • OILA • X BROENEIAE H OILA • X • REVE AHARACVI T • AV [...] IEATE • X • BANDI HARACVI AV [...] 5 MVNITIE CARIA CANTIBIDONE • APINVS • VENDICVS • ERIACAINV[S] OVOVIANI [?] ICCINVI • PANDITI • ATTEDIA • M • TR PVMPI • CANTI • AILATIO”

Possível tradução: Para (...) vinte (...). Um cordeiro de erva para Harase. Dez cordeiros para Broineia H(arácia). Dez cordeiros para Reva Aharácuo. Dez T (?) AV (?) IEATE para Banda Harácuo. AV (?) para Múncia Caria Cantibidone. Os ovelheiros Apino, Vendico, Eriacaino. Revelai-nos a vossa vontade por um sinal. Gravamos esta oração de júbilo (tradução de: Carneiro, Encarnação, Oliveira & Teixeira, 2008).

Bibliografia: Carneiro, Encarnação, Oliveira & Teixeira, 2008.

Furadas 2

Localizado num afloramento rochoso de média dimensão, próximo do monte das Furadas existe um possível santuário rupestre da Idade do Ferro. No topo aplanado, virado ligeiramente a nascente, na zona central, estão três pias de forma ovoide, às quais se tem acesso através de cinco degraus escavados diretamente no rochedo. Num rochedo próximo, mais a poente está uma outra pia de forma perfeitamente circular e uma rocha com diversas covinhas. As reduzidas dimensões das pias parecem indicar uma funcionalidade ritual e não propriamente servindo de lagares de pisa de uva ou azeitona.

Bibliografia: Inédito.

8.2. Breve análise.

Com o finalizar do presente trabalho podemos registar a presença no território de Arronches de sete sítios arqueológicos com ocupação da Idade do Ferro e uma epígrafe pré-romana.

Estes resultados são possivelmente escassos e mesmo fragmentários, pois na sua maioria são apenas registos de superfície obtidos através da prospeção. Mas não deixam de confirmar algumas realidades já conhecidas da arqueologia para a região no que diz respeito à Idade do Ferro.

Assim, os povoados de altura do concelho estão localizados em pontos estratégicos, com boas condições de visibilidade e de defesa, todos eles em cotas altimétricas próximas dos 300 metros ou acima.

A sua localização na região não seria alheia à riqueza mineral da região, onde existem jazidas de ferro e a única de estanho a Sul do Tejo (Gamito, 1996; Fabião, 1993). São igualmente pontos chaves no controlo do acesso ao interior da serra de S. Mamede, implantando-se em zona de passagem de rotas de ligação entre o norte-sul e o interior-litoral da Península Ibérica (Fabião, 1993).

O domínio sobre as passagens de acesso ao interior da serra de S. Mamede parece ter bastante importância, com clara correspondência na sucessão de povoados fortificados que se posicionam em zonas dominantes sobre locais de bom acesso ao longo dos contrafortes Sul da serra. Os povoados de Louções 1 e Nave Fria 1 tem o seu paralelo ao longo do concelho de Portalegre, conhecendo-se aí os povoados de Pego do Inferno, Botelheira, Ferrenha/Cabeça e Pico (Lopes, 2009; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996). Todos estes sítios parecem respeitar uma lógica de implantação territorial bastante organizada, possivelmente de natureza militar que futuros estudos poderão confirmar.

Os povoados de altura localizados no concelho de Arronches apresentam marcas de ocupações anteriores, principalmente durante o Bronze final, sendo espectável que as linhas de muralhas que ainda hoje em dia são visíveis através de fotografia aérea, tenham a sua origem durante esse período da idade do Bronze. Mas, em alguns dos povoados, a ocupação poderá ser ainda mais antiga, visto ter sido registado no povoado do Baldio 1, um nível de cerâmica calcolítica nas escavações aí realizadas em 1982 e

1984 (Gamito, 1996), e nas visitas ao povoado da Safra para realização deste trabalho ficou o registo de cerâmica pré-histórica (possivelmente calcolítica).

Em todos esses povoados a cultura material existente do Bronze final remete para uma matriz cultural continental, sendo raros ou mesmo inexistentes os indícios de contatos com o ambiente mediterrânico (Gamito, 1996). Por outro lado, estes sítios não possibilitam localizar com precisão o início da Idade do Ferro, uma vez que não se conhecem vestígios bem definidos anteriores aos séculos IV-III a.C.

Há semelhança do que está documentado em outros sítios deste período cronológico na região, como seja, os povoados fortificados de Cabeço de Vaiamonte e Segóvia, ou sítios localizados na elaboração das cartas arqueológicas dos concelhos de Fronteira e Marvão, houve uma posterior reocupação em plena segunda Idade do Ferro (Oliveira, Pereira & Pereira, 2012; Carneiro, 2005; Fabião, 1993).

A descoberta da epígrafe pré-romana do Monte do Coelho, em 2008, possibilitou ampliar o conhecimento sobre o povoamento pré-romano de toda a região norte-alentejana. A inscrição em caracteres latinos, mas de língua lusitana, foi encontrada numa rocha de grauvaque local próximo da vila de Arronches. Faz, segundo a tradução, alusão a um ritual religioso pré-romano. Nela são mencionadas as divindades do panteão lusitano, *Banda, Reva e Broenia*, às quais são ofertadas os sacrifícios de cordeiros pelos ovelheiros ofertantes, chamados de *Apino, Vendico e Eriacaino*. A presença da epígrafe nesse local permite conjecturar a existência de um importante santuário indígena, que em alguns períodos do ano, ou até permanentemente, serviria para a comunidade local indígena prestar culto aos seus deuses (Carneiro, Encarnação, Oliveira & Teixeira, 2008). A utilização dos caracteres latinos na epígrafe será indicador que o culto indígena se terá mantido pelo menos nos primeiros tempos da ocupação romana da região.

Não foram encontrados mais dados no terreno que possam complementar a existência da epígrafe nesse sítio.

Durante este levantamento foi encontrado no monte das Furadas um pequeno santuário rupestre associado à Idade do Ferro no topo aplanado de uma rocha virada a nascente. É composto por três pias de forma ovoide, às quais se tem acesso através de cinco degraus escavados diretamente no rochedo.

9. A ocupação romana

Com a fixação das primeiras comunidades latinas no território da Lusitânia iniciou-se o processo de aculturação das comunidades locais a uma matriz cultural comum, marcada pelo controle do poder político (Fabião, 1993). O processo de romanização da sociedade nativa vai ser rapidamente aplicado depois de feita a pacificação do território. É no início do Império, durante o século Iº d.C. que ocorre a fixação de grandes contingentes populacionais latinos na Lusitânia, recebendo o apoio direto do imperador Augusto.

O soberano favoreceu igualmente a criação de novas cidades como *Emerita Augusta* e *Pax Iulia* e promoveu simultaneamente reformas profundas de caráter político-administrativo na província. As reformas permitiriam adotar uma nova configuração político administrativa, procedendo-se à divisão da província romana da Lusitânia em três *conventus*, cujas capitais eram *Augusta Emerita* (Mérida), *Pax Iulia* (Beja) e *Scallabis* (Santarém).

Os *conventus* romanos correspondiam a circunscrições territoriais, administrativas e jurídicas, que foram criadas durante a regência do Imperador Augusto. Por sua vez, cada *conventus* integrava diversas *civitates*. A *civitate* era uma circunscrição político-administrativa vasta, com uma cidade capital e outros aglomerados urbanos secundários, aos quais os romanos chamavam de *vici*. Os limites de cada *civitas* eram bem definidos e por vezes as suas fronteiras com marcos (*termini augustales*) ou monumentos. Os *termini augustales*, que se erguiam numa estrada, quando se passava de uma a outra *civitas*, continham normalmente os nomes das *civitates* demarcadas (Alarcão, 2005). Esses marcos são fundamentais para a compreensão administrativa do território lusitano. A definição das fronteiras administrativas romanas é fonte de inúmeras dúvidas e de ativos debates nas últimas décadas, não existindo dados suficientes que possam traçar com exatidão as fronteiras internas da província da Lusitânia, em particular as delimitações *conventuais* e das diferentes *civitates*. Os elementos epigráficos e as fontes escritas são escassas e muitas das vezes imprecisas, possibilitando a existência de inúmeras dúvidas sobre o território norte alentejano e, neste caso em particular, sobre o território do atual concelho de Arronches.

O *conventus pacensis*, sediado em *Pax Iullia* (Beja) ocuparia uma extensa área territorial, do rio Tejo ao Algarve, delimitado a ocidente pelo Atlântico e a oriente possivelmente a fronteira passaria em grande parte pelo percurso do rio Guadiana. As maiores dúvidas registam-se a nível da fronteira nordeste desconhecendo-se os seus

corretos limites fronteiriços, podendo nessa região o território conventual de *Emerita Augusta* se prolongar para além do rio Guadiana até ao concelho de Elvas, Campo Maior, Vila Viçosa e Estremoz, como defendem alguns autores (Carneiro, 2011). Portanto é de considerar que o território de Arronches se encontraria no limite noroeste do *conventus* de *Pax Iulia*, apesar da maior proximidade a *Emerita Augusta*, fato que poderá ser revisto com a descoberta de algum novo dado.

Dúvidas existem igualmente na atribuição do território atualmente do concelho de Arronches a uma *civitate*. A sua localização a cerca de 25 km da *Ammaia* permite supor que pertenceria ao território administrativo dessa cidade. Mas a sua localização na encosta sul da serra S. Mamede e a fundação tardia da *Ammaia* (finais do século I a.C.) assim como a possível existência de uma outra *civitate* mais próxima ainda não identificada, levanta dúvidas sobre a sua administração.

Mas, o processo de romanização do território vai ter antes de tudo um impacto significativo na paisagem rural e na relação entre o homem e a natureza. O homem não se limita a adaptar-se ao espaço envolvente, age sobre ele, modela-o e transforma-o (Carneiro, 2004).

Na sequência do presente trabalho de prospeção e de um conjunto amplo de dados bibliográficos, foram registados um total de 119 sítios de cronologia romana, correspondendo 47 sítios à tipologia de casal, 12 de *Villa*, 23 ocorrências de materiais isolados ou dispersos, 10 povoados, 7 estruturas habitacionais, 7 manchas de materiais, 5 necrópoles, 3 pontes, 3 minas, 2 via, 1 coluna, 1 escorial, 1 cruzeiro em silharia romana.

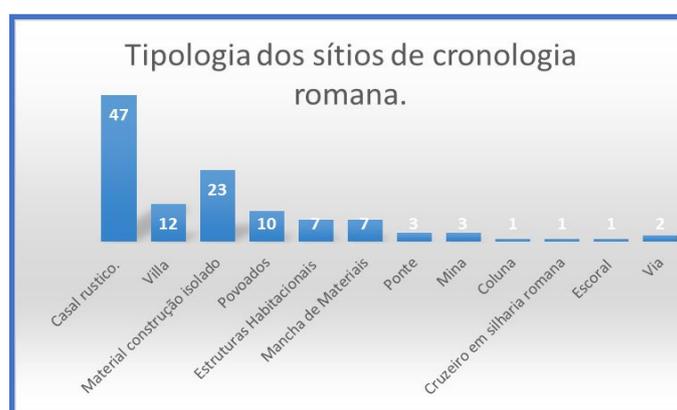


Gráfico 2 - Distribuição dos sítios romanos localizados pelas tipologias.

A análise dos dados possibilitou distinguir claramente perfis específicos de povoamento, em função da potencialidade económica e estratégia oferecida pelas envolventes onde os sítios arqueológicos se inserem. Esta possibilidade de definirmos áreas setorizadas de

exploração, motivadas pelos recursos económicos específicos, permite analisar isoladamente bolsas específicas de sítios. Assim foi possível definir quatro subáreas de povoamento: 1) povoamento no norte do concelho; 2) povoamento ao longo da via romana; 3) povoamento na parte central do concelho e 4) povoamento no regolfo da albufeira do rio Caia (Carneiro, 2011; Lopes, 2009).

9.1. Povoamento romano no Norte do concelho.

Começamos primeiramente por analisar o povoamento no norte do concelho, que corresponde na quase totalidade à área ocupada pela atual freguesia da Esperança.

Neste território os solos são pobres, de relevos acidentados e com extensas zonas de vegetação densa de matagal. Uma área periférica, afastada das principais vias de comunicação e das grandes unidades de povoamento, que supostamente afastaria a ocupação romana. Fato não confirmado pelos dados, já que foi possível identificar doze sítios de cronologia romana.

9.1.1. Sítios romanos do Norte do concelho de Arronches.

Vale de Junco 1

O casal/necrópole romano do Vale de Junco localiza-se no sopé da serra dos Louções, junto a uma linha de água, a 500 metros do abrigo com arte rupestre da Lapa dos Gaivões. Regista-se à superfície uma mancha dispersa de materiais de construção com cerca de 300m², constituída por *tegulae*, *imbrices*, tijolos e cerâmica comum, e lajes de xisto de média dimensão. Uma fonte oral menciona a descoberta no local de sepulturas na década de 50 do século XX, que continham, no seu interior, espólio cerâmico.

O arqueólogo Leite Vasconcelos noticiou em 1929, em artigo publicado no *Archeologo Portuguez* nº XV a descoberta no local de uma estela funerária, uma lança em ferro e de um escopro em bronze (Vasconcelos, 1929, pp.173-176).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009; Pinto, 2001; Vasconcelos, 1929.

Monte Novo 1

Pequeno casal romano que está situado na base da serra de Monte Novo numa ligeira elevação na margem esquerda da ribeira de Ouguela. A maior quantidade de material de

construção romana (*tegulae*) encontra-se concentrada num marouço. As cerâmicas estão bastante fragmentadas e roladas.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Monte Novo 2

A mancha de cerâmica, de pequena dimensão, fica situada numa vertente suave, na margem esquerda da ribeira de Ouguela. Os poucos vestígios superficiais compõem-se de *tegulae*, tijolo e cerâmica comum. Os materiais estão muito rolados. Pela dimensão da dispersão de material podemos supor a existência de um pequeno casal ou cabana, tardo-romano.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Algarves

O sítio romano do monte dos Algarves fica na margem direita do rio Abrilongo, numa área de aluvião, encaixada no vale fluvial que faz de fronteira com Espanha. Na encosta portuguesa do rio estão três valas utilizadas provavelmente na exploração mineira do local. Fontes orais referem o facto de existirem numerosas galerias nas elevações circundantes, recentemente aterradas.

No decorrer da prospeção na área, foi registada cerâmica comum de cronologia incerta, perto do rio e uma possível *tégula* próximo do atual monte. Com este conjunto reduzido de dados, podemos atribuir provisoriamente a este local a categoria de mina, possivelmente romana, com método de exploração similar às que existiriam na região de Nisa, nas margens do rio Tejo.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Regato dos Algarves

Implantado próximo de um palheiro, o pequeno casal romano de Regato dos Algarves apresenta à superfície restos de várias estruturas em pedra. Em torno das estruturas existe uma mancha concentrada de materiais romanos (*tegulae*, *lateres* e cerâmica comum). Fonte oral refere a descoberta de uma sepultura na proximidade possuindo “*uma moeda e alguns vasos*” e de uma vala que fazia a ligação entre as minas do monte dos Algarves a este local.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.

Pratas

O sítio arqueológico de Pratas foi identificado em 1996 durante os trabalhos de inventariação do património arqueológico do PNS Mamede (Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996). É referido neste levantamento a existência de estruturas habitacionais de cronologia romana no local. Não foi possível visitar o sítio no decorrer deste trabalho. Bibliografia: Lopes, 2009; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.

Louções 2

Louções 2 é um pequeno casal tardo-romano implantado a meia encosta, na margem esquerda da ribeira de Oguela. O sítio arqueológico está muito afetado pelas lavouras profundas, devido à sua localização numa vinha. A mancha de materiais é constituída por *tegulae* e cerâmica comum, com cerca de 200 m².

Bibliografia: Lopes, 2009.

Monte Velho das Ligeiras

O casal romano do monte Velho das Ligeiras está implantado numa pequena elevação virada a Noroeste ladeada por linhas de água e com ampla visibilidade. No local ocorrem materiais dispersos por cerca de 100m², destacando-se a presença de *dolium*, materiais de construção, *tegulae* e *latere*. Está depositada no alpendre do monte uma mó (*mola manuaría*).

Bibliografia: Lopes, 2009.

Barrada 1

O casal romano Barrada 1 implanta-se em elevação sobranceira à margem esquerda do Caga-no-ninho, lugar com boa visibilidade mas sem grande destaque. Verifica-se uma concentração de materiais junto de cinco maroiços, constituída por uma mancha de cerâmica de construção (*imbrices* em profusão e algumas *tegulae*), cerâmica comum (alguma manual), um bordo de *dolium*.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Barrada 2

Registou-se grande quantidade de escória na margem direita do rio Abrilongo, junto da confluência da ribeira do Caga-do-ninho e do rio Abrilongo. O sítio arqueológico encontra-se parcialmente dentro do regolfo da albufeira do Abrilongo. Associado à

escória existem alguns (escassos) fragmentos de cerâmica comum. Possivelmente corresponderá a um pequeno casal romano onde existiria trabalho de fundição de material ferroso.

Bibliografia: Inédito

Vale da Brava 1

Casal romano implantado em área plana, próximo da ribeira de Manguens. À superfície encontram-se *tegulae* e cerâmica comum muito dispersa. O sítio foi descoberto e publicado pela primeira vez no inventário de 1996 no património arqueológico do Parque Natural da Serra de S. Mamede, sendo descrito como estruturas habitacionais (Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.).

Bibliografia: Lopes, 2009; Oliveira, Bairinhas & Balesteros, 1996.

9.1.2. Breve análise.

O povoamento de época romana no Norte do território seria essencialmente constituído por pequenos casais rurais, onde se praticaria uma agricultura de subsistência complementada pela pastorícia e, em alguns dos casos, pela exploração de pequenos filões minerais. Privilegiaria preferencialmente a fixação em ligeiras elevações nas margens das principais linhas de água (ribeira de Oguela, rio Abrilongo e ribeira de Manguens).

As suas referências materiais limitam-se à presença de pequenas manchas de materiais de construção que rodam aproximadamente os 100 m², constituído por tijolo, *tegulae* e *imbrices*, pouco densas, mas em bom estado de conservação. A cerâmica comum existente à superfície é pouco abundante, apresentando na maioria dos casos, pastas pouco depuradas e formas pouco cuidadas, todas de produção local.

Os vestígios superficiais indicam que seriam estruturas modestas com uma aparente ausência de elementos de monumentalidade e de luxo. Não foi registada a presença de qualquer fragmento de cerâmica importada.

A análise superficial permite distinguir dois conjuntos de sítios com as estratégias de exploração económicas do território distintas:

Um primeiro conjunto de sítios ao qual pertenceriam Monte Novo 1, Monte Novo 2, Pratas, Louções 2, Monte Velho das Ligeiras e Vale da Brava 1. Estes sítios seriam, muito provavelmente pequenos casais rústicos, comuns a grande parte do território

alentejano. Constituir-se-iam como explorações unifamiliares que se dedicariam à obtenção da sua subsistência nos fracos solos agrícolas das franjas das serras de Monte Novo e Louções. A pobreza dos solos envolventes dificultaria certamente a produção agrícola, que seria complementada pela pecuária de ovinos e caprinos. Um elemento característico na implantação destes pequenos sítios é a sua proximidade à confluência de linhas de água, que permitiria o aproveitamento das galerias ripícolas no abastecimento de água às explorações.

Nas construções ainda conservadas e visíveis à superfície, verifica-se que foi feito uso de materiais locais como o quartzito e o xisto e não foi identificada a presença de qualquer tipo de “opus”.

Um segundo grupo de sítios romanos da freguesia, nos quais se incluem Algarves, Regato dos Algarves, Barrada 1 e Barrada 2, distinguem-se dos anteriores, pelos abundantes sinais de exploração mineira e transformação do metal. O sítio do Monte dos Algarves seria mesmo uma mina do tipo *ruina montium*, que exploraria os filões minerais duas margens do rio Abrilongo (Carneiro, 2011). Os dados recolhidos e as informações obtidas do proprietário do terreno permitem estender a exploração mineira por uma extensa área, onde existiriam várias pequenas galerias.

A partir dos Algarves partiria uma vala em direção ao sítio do Regato dos Algarves, que poderia servir de canal de decantação das areias da mina, e que certamente estará na origem do topónimo de “*regato dos Algarves*”.

Refira-se que as minas do monte dos Algarves não seriam casos únicos na região, existindo a Sul a mina do monte da Tinoca e a mina do monte do Balôco.

Este modelo alternativo de casais, especializados na exploração de filões de minerais, mais ou menos superficiais, teria continuidade no território de Espanha e para Oeste em direção ao concelho de Portalegre. Esta atividade pode estar representada nos topónimos associados a minas, em toda região. (Carneiro, 2011).

O sítio arqueológico de Vale de Junco parece ser a ocupação romana de maior expressão material em toda a freguesia. Situa-se perto de uma pequena ribeira, que em grande parte do ano mantém um caudal constante proveniente de uma nascente. Atualmente é aproveitada numa fonte de mergulho. O casal compunha-se de dois núcleos destintos, um primeiro com mais vestígios superficiais, que seria uma necrópole de inumação, e um segundo corresponderia possivelmente a estruturas habitacionais (Pinto, 2001; Vasconcelos, 1929).

9.2. Povoamento na zona central do concelho.

Na extensa área geográfica compreendida entre as franjas da serra S. Mamede e o rio Caia, o povoamento romano assume características distintas da área mais a Norte. Por esse facto designei esta parte do território como a segunda subárea de povoamento – povoamento na zona central.

Este território é marcado pelo suavizar da paisagem, apenas alterado pela passagem das linhas de água ou das pequenas elevações que não ultrapassam os 350 metros. A vegetação também se altera, dominada pelo coberto de sobro e azinho e por amplos campos de pastoreio e cerealíferos. Apresenta condições naturais favoráveis aos modelos de exploração intensivos usados nos latifúndios agrários romanos, o que permitiu, aqui, o surgimento de *villae*.

9.2.1. Sítios romanos do território central do concelho.

Mosteiros 1

O sítio dos Mosteiros corresponde a um cruzeiro que reaproveita cinco silhares romanos que servem de base a uma cruz em granito. Encontra-se colocado junto da via de acesso ao átrio da igreja dos Mosteiros. Igualmente no largo da igreja estão dispostos em redor de uma oliveira, mais três silhares igualmente romanos que servem de assentos. A sua proveniência é desconhecida, a única referência arqueológica no local reporta-se à descoberta de uma sepultura com tampa sem qualquer inscrição, dentro da qual foi encontrada grande quantidade de cinza negra e um fragmento de um *ungentarium*, na década 60 (Alarcão, 1968). A ausência de mais vestígios na área não permitem tirar mais conclusões sobre a existência ou não de importante sítio romano no local.

Bibliografia: Carneiro, 2011 2008; Lopes, 2009; Alarcão, 1968.

Capela

A *villa* romana do monte da Capela foi encontrada e identificada na sequência de trabalhos de prospeção, nos finais da década de 90 do século XX. No local foram efetuadas escavações arqueológicas dirigidas pela arqueóloga Isabel Pinto, sendo que, foram estas as únicas escavações ocorridas no território do concelho, dedicadas exclusivamente ao período romano.

O resultado das duas campanhas saldou-se pela identificação de uma estrutura de banhos privados da *villa*, composto por um compartimento, do *frigidarium* ou *tepidarium*, e um outro compartimento que corresponderia ao *caldarium*. A estrutura apresentaria uma planta em abside.

Além da estrutura de banhos foi recolhida abundante cerâmica comum, fragmentos de *dollia*, materiais de construção de diferentes tipos e dimensões, material osteológico, um prego e fragmentos de estuque com pinturas de cor vermelha e verde. À entrada do monte da Capela encontram-se dispostas algumas colunas e bases de colunas, recolhidas pelo proprietário aquando dos trabalhos de lavoura, bem como terá sido encontrado, na mesma área, um fragmento de um mosaico policromo.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009; Pinto, 1998, 2001.

Silveira

O casal romano do monte da Silveira está implantado numa área plana da margem direita da ribeira de Arronches, próximo de uma *charca*. A mancha de dispersão de materiais não ultrapassa os 300m², constituída principalmente por cerâmica de construção (*tegulae* e *imbrices*), cerâmica comum e registou-se também a existência de dois pesos de tear e um bloco de granito.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Alto da Silveira

O sítio do Alto da Silveira apresenta uma incharacterística implantação no topo de um esporão rochoso sobre a margem direita da ribeira de Arronches, com um bom grau de defensibilidade e uma boa visibilidade, sobre a ribeira de Arronches. Permite indicar para as estruturas uma utilidade de carácter militar, como seja, um posto de vigia ou até mesmo um fortim. Os materiais cerâmicos presentes no local são principalmente cerâmica de construção com *tegulae* e tijolos, e alguma cerâmica comum bastante fragmentada.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Zuzarte 1

Perto do moinho do Zuzarte na margem direita da ribeira de Arronches a meia encosta foi registada uma pequena mancha de materiais cerâmicos atribuíveis ao período tardo-romano. É composta essencialmente por fragmentos de cerâmica comum e algumas

tegulae. Devido a lavouras profundas para a plantação de montado de sobre o local encontra-se bastante destruído.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Ronceiras

O pequeno casal romano está situado numa plataforma a cerca de 200 metros da margem direita da ribeira de Arronches. Devido ao seu bom estado de conservação é possível identificar, à superfície, uma estrutura com cerca de 8m² no topo da plataforma. Em redor da mesma existe muita cerâmica de construção fragmentada (*tegulae* e *imbrices*) e cerâmica comum, dispersos por uma área com cerca de 200 m². Em um maroiço que se localiza a cerca de 100 metros estava depositada uma mó (*mola manuária*).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Bacharel

A mancha de materiais cerâmicos de construção está no topo da elevação sobranceira ao atual monte do Bacharel. As *tegulae* encontram-se bastante roladas, fragmentadas e dispersas. O local encontra-se bastante alterado pelos trabalhos agrícolas.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Coutada do Povo

A *villa* da Coutada do Povo fica a meia encosta, com uma ligeira inclinação a Sul/Sudeste, próxima de duas linhas de água. A mancha de materiais encontra-se dispersa por uma área de cerca de 2 hectares. É constituída principalmente por *tegulae*, *imbrices* e *lateres*. No muro de propriedade existente no lugar foi reciclada grande quantidade de cerâmica de construção da *villa*. Para além da cerâmica de construção e cerâmica comum, registou-se fragmentos de ânforas béticas, *terra sigillata* gálica e hispânica, uma coluna de granito e quatro silhares.

O sítio foi descoberto por Leite de Vasconcelos, que no ano de 1929, publica no Arqueólogo português um artigo onde descreve: “*Ao poente da vila de Arronches, na Coutada do Povo, onde existem alicerces de casas antigas, e se descobrem ao cavar, pilares de mármore, ladrilhos muito grossos de barro, apareceu em 1899 em lanço de mosaico policromico (Pavimentum, ou opus, vermiculatum) de que a dona da hospedaria em que nos alojamos me ofereceu um pedacinho, de 0,124m de*

comprimento, que vai desenhado na fig. 49 e de que outro fragmento disseram que com a figura de veado, fora levado para o museu de Elvas.

O pedacinho aqui figurado tem tesselas de três cores: branco, vermelho (ou avermelhada) e azul (ou azulado). Duas series de tesselas azuis formam ângulo, em que está incluso outros compostos de tesselas vermelhas (com falha de uma); dentro d estes há um triângulo de tesselas brancas, com um azul no centro. Fora do primeiro ângulo vêm-se tesselas vermelhas e azuis coladas paralelamente a um dos lados, ao lado encontravam – se também uma serie de tesselas, mas só resta uma de cor branca. A existência do mosaico e das outras velharias faz crer que na Coutada do Povo, houve uma Villa ou quinta romana.” (Vasconcelos, 1929, p:180).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009; Alarcão, 1988; Saa, 1959; Vasconcelos, 1929.

Martim Tavares

A *villa* romana fica nas imediações do monte Martim Tavares, implantada numa plataforma artificial que se destaca ligeiramente da paisagem envolvente. Com uma área de cerca 2 hectares, a mancha de materiais é composta principalmente por material de construção (*tegulae, imbrices e lateres*) e em menor quantidade cerâmica comum de pasta acastanhada, fragmentos de ânfora (*Dressel 20*) e cerâmica cinzenta. São ainda identificáveis restos de estruturas de planta retangular. A cerca de 400 metros da grande mancha de materiais encontra-se uma coluna em granito, que pertenceria à *villa*. Fontes orais atribuem ao local o nome de N^a Senhora da Aparecida referindo a possível existência de uma antiga ermida, onde se fazia uma romaria pascal.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Passões 1

O sítio de Passões 1 apresenta apenas uma mancha de materiais, de pequenas dimensões, mas bastante concentrada com *tegulae* e tijolos. Localiza-se na margem esquerda da ribeira do Almo.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Vinha do Desembargador

O sítio romano da Vinha do Desembargador aparenta ser um casal, localizado a meia encosta, virado a nascente junto da margem esquerda da ribeira de Arronches.

Apresenta uma mancha de cerâmica, com cerca de um hectare, com cerâmica construção e comum, alguns fragmentos anfóricos e pedras, que certamente pertenceriam às estruturas.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Rebolo

Concentração de *tegulae* e cerâmica comum em torno de uma malhada, na margem direita da ribeira do Almo. Os materiais encontram-se bastante rolados e dispersos.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Horta do Açude

Trata-se de um achado isolado - coluna romana, em granito, com cerca de 70 cm de comprimento disposta na entrada de uma casa no sítio da Horta do Açude. A sua proveniência é desconhecida, mas a proximidade ao sítio romano da Vinha do Desembargador, a cerca de 200 metros, permite supor que tenha sido trazida desse lugar.

Bibliografia: Inédito.

Passões 2

O sítio de Passões 2 fica a meio de uma encosta com ligeira inclinação a Noroeste, que é cortada a Norte pela ribeira do Almo. A mancha de cerâmicas, com cerca de 200m² é constituída por tijolos, *imbrices*, *tegulae*, concentrada em redor de pedras quartzíticas revoltas. A presença das pedras faz supor terem pertencido a estruturas habitacionais.

Bibliografia: Inédito.

Moinho dos Frades

O casal romano/ medieval do Moinho dos Frades localiza-se no cimo de uma singular plataforma de planta circular, destacando-se da paisagem envolvente. Dispersa por todo o topo existe uma concentração de *tegulae*, em torno de algumas pedras e lajes de xisto. Identificou-se também cerâmica vidrada de cronologia medieval/moderna.

Bibliografia: Inédito.

Algueireirinhas

No monte das Algueireirinhas fontes orais referiram a descoberta de uma sepultura no decurso de trabalhos agrícolas, da qual foi-lhe “retirada o *espólio e destruída*” (Carneiro,

2011). A necrópole ficaria localizada numa zona baixa próxima do cruzamento das estradas aí existentes. O sítio da necrópole não foi encontrado apesar dos trabalhos de prospeção desenvolvidos no local.

Bibliografia: Carneiro, 2011.

Abrantes

Casal romano localizado próximo de estrada de ligação entre Arronches- Portalegre, numa área plana da margem esquerda da ribeira da Venda. Os materiais (*tégulae* e tijolos romanos) surgem em torno de três maroiços; todo o material se apresenta muito rolado.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Freirinha 1

Casal rural romano situado no topo de uma elevação próxima do monte da Freirinha. O local é assinalado pela presença de estruturas modernas agrícolas (recinto para animais) que tem nas suas paredes algumas *tégulae* e tijolos romanos.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Canada

Casal rural romano implantado no topo de uma ligeira elevação, perto da estrada municipal que faz a ligação de Arronches aos Mosteiros. Dispersas por uma área de 300m² encontram-se *tegulae*, *imbrices*, cerâmica comum, *dolia*, escória e um pequeno peso de lagar.

Bibliografia: Inédito.

9.2.2. Breve análise.

A região central do concelho Arronches, que compreende, a totalidade da freguesia de Mosteiros e a parte Norte da freguesia de Nossa Sr^a da Assunção, é marcada por uma alteração nas estratégias de implantação dos sítios, em período romano.

O elemento mais significativo desta alteração resulta do aparecimento das *villae*, que parece que desempenharam nesta área um papel de polos centralizadores, em torno das quais se instalariam ocupações de menor dimensão, os casais.

As *villae* privilegiaram na sua instalação elevações ligeiras mas com bom domínio visual, com uma distância de cerca de um ou dois quilómetros em relação às linhas de água de maior dimensão. Os elementos arqueológicos encontrados associados às *villae*, tanto na *villa* do monte da Capela, como na do Coutado do Povo, indicam que seriam estruturas com alguns elementos de conforto e luxo, como seja existência de banhos, mosaicos ou estatuária em mármore.

Em compensação os casais procuram estar mais perto das ribeiras de maior caudal, localizados a não mais de 500 metros das margens. Os elementos materiais que apresentam à superfície caracterizam-se por serem manchas reduzidas, com escassos materiais de construção (*tegulae e imbrices*).

9.3.Sítios romanos ao longo da via XV

Pereiras 1

A *villa* romana das Pereiras 1 localiza-se numa ligeira elevação próximo do monte das Pereiras, lugar assinalado por uma malhada em ruínas, que utilizou nas suas estruturas muitos materiais do antigo sítio romano. O topo da elevação onde se implanta foi artificialmente alterado de forma a criar uma plataforma, onde estariam as estruturas habitacionais da *villa*. Na parte mais elevada estão a descoberto paredes em *opus signinum*, em redor das quais se concentram abundante quantidade de cerâmica de construção romana. Nas paredes da malhada estão visíveis silhares de grande dimensão. Além de cerâmica de construção identificaram-se cerâmicas comuns e fragmentos de *dolium*.

Bibliografia: Carneiro, 2011;2009; Lopes, 2009; Saa, 1959.

Granja

A *villa* romana do monte da Granja situa-se a meia encosta, com uma plataforma de implantação que se ergue acima da pendente, protegida a Norte e virada ligeiramente a Nascente. Atualmente a área encontra-se inserida numa exploração suína, o que tem provocado o acelerado processo de destruição do sítio arqueológico, com o extremo revolvimento do solo. Foram mesmo os animais os responsáveis pela “*escavação*” de uma estrutura de planta retangular de grande dimensão, que se apresenta a descoberto, com cerca de 3000 m².

Os revolvimentos do solo estão a destruir os contextos arqueológicos, onde são visíveis abundantes cerâmicas de construção, cerâmicas comuns, fragmentos de *dolium* e de ânfora da zona Tejo/ Sado (Carneiro, 2011), escória e blocos de silharia. Junto do tronco de um sobreiro, aflora um pavimento em *opus signinum*.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Porto de Manes 2

A necrópole romana/ alto-medieval (?) do Porto Manes é, certamente, um dos mais importantes sítios arqueológicos do concelho. É constituída por sepulturas de inumação, dispostas em fiada com orientação aproximada Este-Oeste. Estavam a descoberto no dia da sua descoberta sete sepulturas, todas elas compostas por blocos de xisto azul, associado a pedras de quartzito, *tegulae* e cerâmica comum tardo-romana/ medieval.

A singular importância do lugar advém da perpetuação da memória do lugar no seu topónimo, pois Manes corresponde às almas dos entes queridos falecidos. O lugar merecerá um futuro estudo.

Bibliografia: Inédito.

Pereiras 2

Mancha de cerâmicas de construção (*tegulae*) e cerâmicas comuns dispersas em uma elevação suave adjacente ao monte das Pereiras. A sua proximidade à *villa* da Pereiras 1 faz supor que este sítio corresponda a estruturas da *pars rustica* do latifúndio.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Campino

O sítio romano do monte do Campino corresponderá provavelmente a uma dependência da *villa* da Granja. Situa-se na zona plana perto de linha de água apresenta uma dispersão de cerca de 5000 m², onde se encontra principalmente cerâmica de construção e blocos de granito. Junto das casas do monte, estão depositados silhares de granito e duas bases de coluna.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Torre

O sítio arqueológico do monte da Torre apresenta uma monumental construção no alto de uma pequena elevação, que localmente designam de "*a Estalagem*". Possui planta

retangular de 25x18m e uma altura próxima aos 3,5m. A estrutura principal divide-se em dois compartimentos, o maior apresentaria um telhado de duas águas e uma janela virada a Oeste. O anexo mais pequeno tem duas janelas, uma virada a Norte e outra a Poente, ambas as estruturas são em tijolo. O edifício é certamente de período moderno, mas possivelmente está construída sobre um importante sítio de período romano. Na sua construção foram utilizados materiais de construção romanos reaproveitados (*tegulae* e silhares de granito).

Na coleção de um particular guardam-se, do sítio, mós e aras epigrafadas. A sua proximidade à via romana e a existência de um possível *diverticulum*, fazem supor que a construção fosse um *mansio*, romano.

Diferentes fontes bibliográficas referem a importância em época romana do sítio da Estalagem: Mario Saa (Saa, 1956, Tomo II, p.145) menciona “*Vestustos sinais romanos*” André Carneiro refere “*correspondente a uma possível villa; ainda hoje, junto ao monte, se encontram mós, e a construção arruinada é designada como “estalagem”*” (Carneiro, 2008:74). O mesmo autor reafirma posteriormente “*é complexa a proposta funcional para este sítio: não parece corresponder, pela implantação e ausência de sinais mais distintivos, a uma villa; a óbvia relação com a via advoga uma possível mansio, embora as aras constituam um referente importante.*” (Carneiro, 2011, n° 02.24, p.24, vol.2).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009; Saa, 1956.

Cabanas

Em elevação situada a Leste do monte das Cabanas, em pleno olival, próximo da estrada que liga Arronches- Monforte, detetou-se à superfície fragmentos dispersos de cerâmica de construção romana muito fragmentada, bem como alguma cerâmica doméstica romana/moderna em fragmentos de pequenas dimensões. Abunda a pedra miúda e algumas pedras rudemente aparelhadas. Na parte mais alta da elevação parecem aflorar estruturas.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Alfeirão

Foi identificada uma pequena mancha de cerâmica de construção romana e uma mó no olival que se encontra na proximidade do monte Alfeirão. Mario Saa, em 1959, indicou a existência de uma “*oficina de cerâmica*”, cujos restos calcinados mantinham em

montões, defronte da casa do lavrador. Esta indicação parece ter correspondência com a realidade visto que o centro da dispersão dos materiais encontrados parece coincidir com as atuais estruturas da casa agrícola e da horta muralhada.

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Alarcão 1988; Saa, 1959.

Monte de El-Rei 1

Foi identificada uma pequena e dispersa mancha de cerâmica de construção romana (*tegulae* e tijolo), nas imediações Leste do monte d'El Rei. O arqueólogo Mário Saa afirmou ter encontrado aí "*restos de construções romanas e sinais de um povoado*" (Carneiro, 2008, p.74).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Alarcão 1988; Saa, 1959.

Quinta

O sítio romano do monte da Quinta corresponderá a uma *villa* romana, que se situaria onde se implanta atualmente a horta do monte. Os vestígios no local são abundantes: concentração de cerâmica de construção (*tegulae*, tijolos), dois pesos de lagar e muros surgindo à superfície. O tanque da horta parece ter alvenaria romana (Carneiro, 2011).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009.

Belmonte

No sítio de Belmonte foram identificados silhares nas paredes de divisão de propriedade, e uma mancha dispersa de cerâmica de construção na encosta virada a Norte. No topo encontra-se uma lagareta escavada no afloramento granítico. O lugar de Belmonte é citado por vários autores referindo-se a existência no lugar de uma ocupação romana de alguma relevância. O autor que faz uma descrição mais completa foi Mário Saa em 1956, onde diz: "*No monte de Belmonte, que é junto do sinal geodésico de Safra [Safara, onde está o povoado] e na berma da Calçada, acha-se, por entre enredadas fragas de granito, singular dispersão de fragmentos de telharia romana, alicerces, paredes e sepulturas, por vezes degraus sobre as rochas*" (Saa, ap. de Carneiro, 2011, p: 25, vol.2).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Alarcão 1988; Saa, 1959.

Tapada do Diogo

Pequena mancha de ocupação romana a Sul do monte da Tapada do Diogo. Os vestígios aí identificados foram: cerâmica de construção (*tegulae*) e pedras afeiçoadas de granito ao longo de uma parede da propriedade, no topo da elevação. Pela quantidade de material e pelas características, possivelmente corresponderiam a pequeno casal rural ou devido à sua proximidade à via, ser uma *mutation*.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Escarninhas 1

O sítio da Escarninhas 1 corresponde a uma ponte romana sobre o rio Caia, da qual apenas se conserva silharia de grande dimensão dispersa pelo leito do rio. Atualmente as pedras encontram-se encobertas por densa vegetação ribeirinha.

Entre as várias fontes bibliográficas que fazem referência à ponte, merece particular importância a descrição feita pelo pároco de S. Bartolomeu nas memórias paróquias de 1758 que refere “*na ditta ribeyra (de Caya) se acha huma ponte por nome Ponte Velha – cuja antiguidade se não sabe, porem suponsse foram feita no tempo, que os Romanos habitaram as Espanhas, dizem que fora feita pello Emperador Trajano com huma calçada que se diz hia direita a Madrid que pella mesma freguezia se descobrem em alguns parttes muita parte da calçada: esta a ditta ponte aruinada que tam somente tem tres arcos, e segundo parece era de extraordinária grandeza; a factura della de pedra de cantaria e está por numero encaxando humas pedras e noutras sem que houvessem materiaes alguns segundo se descobrem nos tres Arcos, que ainda presentemente conserva, igualmente eram os alicerces a correspondencia da factura da mesma pontte, passa a dita Ribeyra como já disse pello meyo dos Baldios...*” (apud Carneiro, 2008, p.74).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Alarcão 1988; Saa, 1959.

Porto de Escarninhas

O sítio romano de Porto das Escarninhas corresponde a uma área de dispersão de materiais romanos (cerâmica comum, *tegulae*, *imbrices*, *dolia*, pesos de tear e fragmentos anfóricos), com cerca 1000 m², junto da zona onde se erguia a ponte romana da Escarninhas. Segundo informações prestadas pelo atual proprietário há notícia de ter sido encontrada, em finais do século passado ou inícios deste, uma necrópole de sepulturas feitas de tijolo cobertas por lajes de granito. O espólio eventualmente

encontrado ter-se-á entretanto perdido. Alarcão noticia esse facto em “*Roman Portugal*”. O arqueólogo André Carneiro aponta para a possibilidade do lugar ter servido de *mansio* (Carneiro, 2011).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Pinto, 2000; Alarcão 1988; Saa, 1959; Azevedo, 1896.

Pisão 2

Ponte medieval / romana na margem direita do rio Caia, composta por um tabuleiro estreito, do qual se conserva ainda parte do pavimento em calçada. Elevado ao centro. Três arcos de passagem, sendo o central de maiores dimensões. Construído com recurso a blocos de pedra, tijolo e argamassa. Liga as duas margens de linha de água sem curso ativo, na margem esquerda do rio Caia. Tabuleiro de 160cm, ombreiras de 30cm. No prolongamento da ponte desenvolve-se um troço de calçada com cerca de 200 metros, que corresponderiam a parte de uma via de maiores dimensões.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Escarninhas 2

O sítio romano das Escarninhas 2 está implantado num outeiro com boas condições de visibilidade sobre o vale fluvial do rio Caia. Pelos elementos arqueológicos que se encontram à superfície corresponderia a uma *villa* romana.

Na parte mais elevada encontram-se estruturas em pedra, de granito, bem aparelhadas e com argamassa (*opus signinum*), associadas a cerâmica de construção (*tegulae*, *imbrices* e tijolos), tijolos de terma (?). Igualmente em torno das estruturas existe cerâmica comum, pesos de tear e de pesca, cerâmica de paredes finas e fragmentos de ânforas béticas. A meia encosta encontra-se um silhar de grandes dimensões (4 metros de comprimento).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Paiva 1

Localizado numa elevação na confluência de duas linhas de água de pequena dimensão. No local aparecem, de forma concentrada em torno de um afloramento rochoso, fragmentos de cerâmica construção e comum romana e um fragmento de *terra sigillata* hispânica.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Rabasca 1

O sítio Rabasca 1 corresponde a uma mancha de dispersão de *tegulae* e tijolo romano ao longo de linha de cumeada, a Norte do monte. Os materiais ocorrem numa área de aproximadamente dois hectares. Não foi possível identificar um centro para a dispersão.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Rabasca 2

Pequeno casal romano que ocupa o topo de uma ligeira elevação sobre a margem esquerda da ribeira da Soeira. Encontra-se à superfície cerâmica de construção (*tegulae* e imbrices) e cerâmica comum. A presença de um alinhamento de pedras pode indiciar a presença de estruturas.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Rasquilha 2

Sítio romano localizado em vertente suave, virada a sudeste, próximo do monte da Raquilha. Tem uma área de cerca de 0,5 hectare, onde se encontram *tegulae* muito roladas.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Mina do Baloco

Mina antiga do qual existe um poço com cerca de 5 metros de profundidade que permitiria o acesso a uma galeria. A presença de *tegulae* em torno da mina pode indicar uma associação cronológica.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Revelhos 1

O monte dos Revelhos encontra-se numa zona elevada com boa visibilidade e rodeado de bons solos agrícolas. Em 1895, Leite de Vasconcelos noticia a descoberta de um cippo com uma inscrição - *“O Sr. Vitorino de Almada, descrevendo no seu copioso dicionário intitulado concelho de Elvas, vol. II, o Museu anexo à biblioteca municipal de Elvas, publica a pag. 279 a seguinte inscrição que lá existe num cippo. L I B I I R A I I Provido da Herdade de Revelhos, concelho de Arronches. Na pedra não faltava letra nenhuma, como tive ocasião de verificar quando há anos estive no museu elvense.*

Aquela inscrição deve interpretar-se LIBERAEA, pois é muito vulgar o uso epigráfico de II por E, LIBERAE. LIBERAE é um dotivo de Libera, um dos nomes da deusa a Persorpina, e significa por tanto: A Libera é «consagrada à deusa Libera ou Persorpina». Pode parecer estranho assim um simples nome divino, desacompanhado de nome de dedicante, e das formas de consagração, mas conhecem – se vários exemplos análogos a este.”(Vasconcelos, 1895:244)

Esta descoberta epigráfica remete para a possível existência de um local cultual à deusa Prosérpina, importante divindade romana. Refira-se igualmente a existência nesse local de uma pequena ermida dedicada a S. Bartolomeu, mártir cristão dos princípios do cristianismo, muitas vezes associado a importantes sítios de período romano e alto-medievais.

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009; Alarcão, 1988; Saa, 1959; Pires, 1901; Azevedo, 1897; Vasconcelos, 1895.

Valada 1

O casal rural romano da Valada localiza-se na margem direita da ribeira de Revelhos, em área protegida a Norte e Oeste por uma elevação. Os materiais concentram-se em torno de um maroiço a meia encosta, são principalmente de *tegulae* e tijolo romano.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009

Monte do Rico

Necrópole romana que ficaria nas imediações do Monte do Rico. Foi identificada em 1953, por Abel Viana, que procedeu a uma escavação de duas sepulturas (*in* Alarcão, 1988). Não foi localizada no decorrer dos trabalhos de prospeção.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009, Pinto, 2000, Alarcão, 1988.

Chamorra 1

O casal romano da Chamorra 1 encontra-se em zona plana perto da ribeira do Chamorra. Embora profundamente revolvido por trabalhos agrícolas é possível observar abundantes restos de *tegulae*, duas mós manuais, pesos de tear e algumas pedras de construção.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Chamorra 2

Mancha de materiais cerâmicos romanos, numa elevação próxima do monte da Chamorra. Entre a cerâmica comum existem algumas lajes de xisto de pequena dimensão.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Azinhhal 1

O sítio romano do Azinhhal 1 fica em uma encosta ligeira sobre a ribeira do Caga-no-ninho, linha de água subsidiária do rio Abrilongo. No topo da encosta existe uma pequena plataforma artificial, onde se concentra a mancha de cerca de 2000 m² de cerâmica construção romana, formada principalmente por tijolos e *tegulae*.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Azinhhal 2

Pequena concentração de cerâmica romana em uma encosta suave virada a Nordeste, junto da margem direita da ribeira do Caga-no-ninho. Mancha de cerâmica de construção (*imbrices e tegulae*) muito circunscrita e concentrada em cerca de 100 m².

Bibliografia: Lopes, 2009.

Azinhhal 3

Vestígios cerâmicos dispersos ao longo de uma elevação na margem direita da ribeira do Caga-no-ninho. Constituídos fundamentalmente por tijolos e *tegulae*.

Bibliografia: Lopes, 2009.

Sancha 1

Junto do caminho de acesso para o monte da Sancha, estão dois maroiços com uma mancha de cerâmica de construção romana em seu redor. Num dos maroiços existe um grande silhar e vários blocos graníticos toscamente talhados. A cerâmica identificada era constituída principalmente por cerâmica de construção (*tegulae, imbrices* e tijolos), mas também se registou a presença de fragmentos de *dolium* e bojos e asas de ânfora. A proximidade ao sítio da Sancha 2 permite interpretar este sítio como uma dependência desse.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Sancha 2

Situada em plataforma artificial no topo de uma elevação com boa visibilidade a Norte e Este, nas proximidades de uma pequena linha de água e do monte da Sancha. Numa área de cerca de um hectare, existe abundante cerâmica de construção (*tegulae*, *imbrices* e *lateres*), cerâmica comum doméstica, *dollia*, fragmentos de mós e ânforas. Observa-se no terreno um socalco topográfico regular, talvez esteja relacionado com possíveis estruturas ainda conservadas. No local também se encontram cinco silhares romanos de média dimensão. Sob os maroiços vê-se um troço de muro aflorando. Com estes indicadores materiais podemos estar perante uma *villa* romana, em bom estado de preservação.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Monte Branco 1

Mancha de materiais de construção romana, de pequena dimensão, circunscrita às proximidades de dois maroiços, nas proximidades do monte Branco.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Monte Branco 2

O sítio do monte Branco 2 fica numa plataforma artificial na margem direita da ribeira das Enfermarias em local de boa visibilidade. Em cerca de 0,5 hectares existe, de uma forma concentrada, cerâmica de construção romana (*tegulae*, *imbrices* e tijolo romano). Os materiais estão muito rolados.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Monte Branco 3

Pequeno sítio romano no topo de uma elevação virada a sudeste, na margem direita da ribeira das Enfermarias. Com uma área de dispersão de cerca de 0,5 hectares encontra-se visível abundante cerâmica de construção (*tegulae*, tijolo) e cerâmica comum. Percebem-se alicerces bem conservados no centro da dispersão.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Calaça

Mancha de cerâmica de construção e comum romana concentrada junto de um maroiço próximo do monte da Calaça. O sítio romano ficaria muito próximo da via romana, facto que estará na origem do topónimo do lugar “Calaça”, possivelmente uma corruptela de calçada (Carneiro, 2008).

Bibliografia: Carneiro, 2011, 2008; Lopes, 2009.

Corredora

O sítio romano da Corredora corresponde a um pequeno casal rural que se implanta numa ligeira elevação a Sul do monte. Os vestígios de superfície não ultrapassam os 400 m² constituídos por cerâmica de construção (*tegulae*) e comum. Encostado a uma parede do monte estão dois blocos graníticos bem aparelhados. O topónimo “Corredora” estará igualmente associado a calçada romana que passaria próximo.

Bibliografia: Inédito.

Soeira 2

No monte da Soeira estão depositados dois silhares romanos. Um deles está colocado na frontaria, que serviria de assento, o segundo está na parede de uma pocilga. Desconhece-se a proveniência dos silhares, mas pelas suas dimensões pertenceriam a uma estrutura de grandes dimensões que existiria nas proximidades.

Bibliografia: Inédito.

Granja do Peral 1

Casal romano implantado numa encosta suave, a Sul do monte da Granja do Peral. No sítio registou-se uma pequena mancha de cerâmica de construção romana (*tegulae* e tijolos) associada a estruturas habitacionais que surgem junto de um maroiço. Refira-se ainda a existência de um grande silhar romano.

Bibliografia: Inédito.

Taipas

Sítio romano do monte das Taipas fica situado numa zona plana a Norte do monte. No terreno identificou-se uma mancha de cerâmica de construção (*tegulae, imbrices e tijolos romanos*) e cerâmica doméstica. Os materiais encontram-se dispersos por área de cerca de 0,5 hectare.

Bibliografia: Inédito.

Granja do Peral 2

O sítio da Granja do Peral está localizado numa elevação a Este do monte da Granja do Peral. No local, foi identificada uma mancha com uma área aproximada de 1.500m² de cerâmica comum e de construção romana, e ainda um peso de tear e *dollia*.

Bibliografia: Inédito.

Revelhos 2

O sítio de Revelho 2 corresponde a um conjunto extenso de indicadores de ocupação romana da uma área de cerca quatro hectares, a nascente do monte de Revelhos. No trabalho de prospeção foram identificados: uma base de coluna em rocha calcária, uma coluna em granito, uma dezena de silhares de média e grande dimensão, dois pesos de lagar, e uma mancha de cerâmica de construção romana com cerca de 0,5 hectare.

Bibliografia: Inédito.

Revelhos 6

Mancha de cerâmica de construção e doméstica junto do caminho de acesso ao monte de Revelhos. Os vestígios apresentam-se muito rolados e concentrados em torno de dois maroiços. Além das *tegulae* e tijolo foram identificadas asas e bordos de cerâmica comum.

Bibliografia: Inédito.

Sequeirinha 2

Dois silhares e um peso de lagar romanos encontram-se depositados num maroiço perto da estrada nacional que liga Arronches-Campo Maior. Parece tratar-se de um achado isolado uma vez que não se identificaram outros elementos que se lhe possam associar-se. Possivelmente poderá ter sido trazido do monte de Revelhos que se encontra a poucas centenas de metros.

Bibliografia: Inédito.

Quinta do Marouço 1

Mancha de dispersão de materiais romanos numa zona de cumeada, perto da Quinta do Marouço. O sítio desfruta de boa visibilidade sobre Arronches. No local registou-se apenas a existência de *tegulae* e tijolos romanos muito rolados. A área que ocupa não

atinge o meio hectare. Pela densidade e dimensão podemos considerar estar perante um pequeno casal romano.

Bibliografia: Inédito.

Quinta do Marouço 2

Sítio implantado numa plataforma exposta a Norte, sensivelmente a meio encosta, com linha de água na base, os vestígios estão junto a um maroiço. A mancha de materiais é constituída por cerâmica de construção romana (*imbrices* e *tegulae*), cerâmica comum e dois pesos de lagar. A nascente fica uma estrutura moderna/contemporânea para abrigo de animais que parece incorporar, nas suas paredes, materiais romanos (*tegulae* e silhares).

Bibliografia: Inédito.

Carrefe.

Sítio localizado na margem esquerda da ribeira da Amendoeira numa área com ligeira inclinação a Sul. Detetaram-se fragmentos de *tegulae*, tijolo romano, fragmentos de *dolia*, dois pesos de tear. Próximo, existe um poço e um chafariz que aparenta terem na sua constituição materiais romanos (silhares e tijolos romanos).

Bibliografia: Inédito.

Barrocais 1

Presença de estruturas e materiais de construção romanos numa plataforma no topo de uma ligeira elevação. Pelas suas dimensões e características matérias, este sítio poderá corresponder a um casal rural romano.

Bibliografia: Inédito.

Barrocais 2

O sítio de Barrocais está no topo de uma elevação que não se destaca muito na paisagem e que tem na sua base um caminho antigo que conduz ao monte do Carrefe. Com uma mancha dispersão de cerca de 500 m² de área, corresponderá a um pequeno casal rústico tardo-romano. Além da grande quantidade de tijolos e *tegulae* de grande dimensão existe uma plataforma artificial com estruturas em pedra a aparecerem.

Bibliografia: Inédito.

Monte de El -Rei 3

Pequeno sítio de cronologia romano, implantado numa plataforma artificial a meia encosta, virada a Sul e próximo da via romana XV. A mancha de cerâmica circunscreve-se a cerca de 100 m, constituída por *tegulae* e um fragmento de *dollia*. Existem estruturas visíveis de pedra granítica sem utilização de argamassa. O casal romano parece estar bastante destruído pelas lavouras.

Bibliografia: Inédito.

9.3.2- Breve análise.

A passagem do caminho romano pelo concelho de Arronches encontra-se bem documentada na obra de “ *As grandes vias da Lusitânia* ” do arqueólogo Mário Saa. O autor alentejano que na década de cinquenta do século passado percorreu os caminhos romanos da Lusitânia descreve pormenorizadamente o troço da via XV do Itinerário romano de Antonino Pio no território de Arronches, referindo “ *Entre Assumar e a dita ponte [Ponte das Escarninhas] a trajetória é directa, constituindo uma longa série de segmentos, rectos, unidos entre si por ângulos obtusos, muito abertos. É esta a característica principal da Calçada, em toda a sua extensão (apud Carneiro,2008, p.74).* Além da descrição da estrada, Mário Saa, faz nota da descoberta de sítios nas imediações, facto que possibilitou o registo de inúmeros sítios romanos no concelho. Os dados por ele obtidos mostravam uma realidade de grande riqueza arqueológica associada ao caminho, que posteriormente se veio a confirmar no trabalho de revisitação da obra, pelo arqueólogo André Carneiro, em 2008 (Carneiro, 2008).

O povoamento ao longo do caminho romano parece corresponder a um alinhamento sequencial de sítios, com um certo espaçamento entre si. Em todos os sítios os indicadores de grande monumentalidade ou conforto estão pouco presentes (Carneiro, 2011).

A grande maioria dos sítios localizados próximo do traçado do caminho seriam *mutationes e mansio*, locais onde se fazia o repouso e abastecimento dos viajantes, assim como dos animais de montada e tiro. Estes sítios apresentam-se no terreno como pequenas manchas de cerâmica de construção e comum, que não ultrapassam o 0,5 hectares, sem a presença de cerâmicas importadas e de luxo, visíveis à superfície. Com estas características foram localizados os seguintes sítios: Pereiras 3; Monte de El Rei 1 e 3; Tapada do Diogo; Porto Escarninhas, Revelhos 1;Calaça; Corredora; Monte Branco 1.

O sítio do monte da Torre possivelmente seria uma *mansion*, tanto é que ficou até ao presente, conhecido com o topónimo de *Estalagem*. Mas a monumentalidade das construções ainda existentes, assim como os materiais recolhidos pelo proprietário indicam que seria um lugar de grande importância, merecendo o sítio um destaque à parte em relação os anteriormente enumerados.

Distanciados ligeiramente do caminho estariam um segundo grupo de sítios romanos, que corresponderiam a unidades de exploração agrícola de média/grande dimensão, que aproveitariam o abastecimento e escoamento de produtos que a via propiciava. Praticar-se-ia uma agricultura de regadio (hortas) e sequeiro, complementada pela pastorícia. É igualmente de supor que a sua economia fosse complementada com venda de serviços e de produtos aos viajantes e aos estabelecimentos de apoio. Com estas características assinalei os sítios de Pereiras 1; Pereiras 2; Taipas 2; Quinta; Belmonte; Quinta do Maroiço 1 e 3; Soeira; Rabasca 1 e 2; Sancha 1 e 2; Valada; Chamorra 1 e 2; Granja do Peral 1 e 2.

Nesta parte do concelho merecem ainda destaque quatro sítios, pelas suas dimensões: Granja, Campino, Escarninhas 2 e Revelhos 2. Estes sítios seriam certamente *villae de otium* de grandes dimensões, que se encontravam a média distância do caminho.

A existência de caminhos secundários importantes que fariam a ligação ao itinerário principal parece bem clara no terreno, pela existência de uma sequência de sítios em alinhamento ao longo do caminho antigo desde a igreja de N^a S. Rosário – Carrefe, Barrocais 1 e 2 no Sul do concelho em direção ao lugar das Pedras do Medo. E a Norte do Caia parece ter existido um outro caminho, que fazia uso das pontes de Pisões 1 e 2, e passava ao lado da necrópole de Porto de Manes.

9.4. Povoamento romano no regolfo da Barragem do Caia.

O povoamento romano nas margens e regolfo da barragem do Caia apresenta características muito próprias e distintas das restantes subáreas de povoamento anteriormente mencionadas. De fato, os dados indicam que o povoamento romano se organizava em torno de povoados, que pelos materiais existentes à superfície se mantiveram ocupados até à Alta Idade Média.

9.4.1. Os Sítios romanos no regolfo da barragem do Caia.

Zambujal 1

A necrópole tardo-romano/alto medieval do monte do Zambujal é constituída por cinco sepulturas escavadas num afloramento granítico da margem direita do rio Caia. Três das sepulturas têm uma forma antropomórfica, outras duas, mais pequenas, apresentam uma forma ovalada. A sua disposição não é uniforme, duas delas têm uma orientação a poente, as restantes três orientam-se a nascente. Além das sepulturas existem algumas covinhas nas rochas em redor. Em torno dos afloramentos existe ainda grande concentração de cerâmica de construção de período romano (*tegulae*) e cerâmica comum.

Bibliografia: Carneiro 2011; Lopes, 2009; Pinto, 2000.

Zambujal 2

Não me foi possível visitar o sítio arqueológico por este se encontrarno interior da horta contígua ao monte do Zambujal. André Carneiro descreve na sua visita ao local em 2011: "*Sob as construções do volumoso monte com igreja anexa, os indicadores estão sobretudo na encosta voltada a nascente, no que é hoje uma horta. Os materiais que periodicamente são postos a descoberto pelo trabalho da enxada estão em muito bom estado: tijoleiras de pavimentos, *tegulae* e *imbrices*, de excelente qualidade de fabrico, e alguma cerâmica comum. Nos muros que rodeiam a casa encontram-se, no pano de construção, pedras de granito trabalhado (estranho ao contexto local) que certamente provém do sítio. Para mais estas pedras apenas de encontram no lanço de muro junto ao sítio romano. Da mesma forma, e apesar de caiada, as juntas da esquina da igreja têm uns grandes blocos de granito que certamente serão do sítio romano, que então teria alguma volumetria*"(Carneiro, 2011, nº 02.43.p: 30 vol.2)

Bibliografia: Carneiro, 2011.

Zambujal 3

Numa área aberta voltada para o rio Caia, temos uma mancha de *tegulae*, *imbrices* e fragmentos de recipientes de armazenamento (*dolium*), dispersos por cerca de 400 m².

Pelas características dos materiais estaremos na presença de um pequeno casal rústico romano.

Bibliografia: Inédito.

Menisa 2

Junto das malhadas que se encontram a Sul do monte de Menisa, aparece de uma forma esporádica, cerâmica comum, possivelmente romana e *tegulae*. Igualmente no lado Norte do monte, perto de um maroiço foram identificadas duas *tegulae*.

Bibliografia: Inédito.

Horta Nova

Ocupando um pequeno alto, junto da foz da ribeira das Furadas e na margem esquerda do rio Caia, encontra-se um casal romano. Devido aos efeitos erosivos da água da albufeira do Caia vêem-se várias estruturas, de planta retangular que pertenceriam a diferentes compartimentos. Os compartimentos oscilam entre os 50 e 200 metros quadrados.

Encontram-se dispersos no local, pesos de tear, fundos e bordos de cerâmica doméstica, de construção (*tegulae* e *imbrices*), *dollia* e bojos de ânforas, dentro e em torno das estruturas. O modelo construtivo parece respeitar modelos romanos.

Como refere André Carneiro, " *Ao contrário de outros sítios seus vizinhos, este parece ser plenamente imperial. Dada a presença de espaços votados a actividade de transformação, e espólio representativo, poderá ser um casal (ou um pequeno povoado?) de cariz agropecuário.*" (Carneiro, 2011, 30, vol.2).

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Furadas 4

Sepultura antropomórfica escavada no cimo de um afloramento granítico, próxima da ribeira da Agulha. Com 1,60m de comprimento e 0,40 m de largura.

Bibliografia: Inédito.

Reguengo 1

Implantado em zona plana no interior do regolfo da barragem do Caia, o sítio de Reguengo corresponde a uma grande povoado romano/alto medieval. A área de ocupação é grande, em ambas as margens da pequena ribeira da Agulha. A mancha mais

ou menos constante de cerâmica de construção e comum tem maior concentração junto de um alinhamento extenso de blocos graníticos sem preparo ou talhe, que formam um cordão de forma retangular. Esta estrutura fica perto da antiga igreja de Lameiras datada do século XVI ou XVII que se encontra atualmente totalmente em ruínas, e que chegou a ser sede de paróquia. À medida que se percorre a margem da ribeira na direção a Sul e o rio Caia as marcas de existência de estruturas enterradas na areia aumenta, com presença de manchas delimitadas de cerâmica comum e construção romanas. Num afloramento sobranceiro encontra-se um conjunto de lagaretas escavadas num rochedo de grandes dimensões.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Reguengo 2

Povoado tardo-romano localizado dentro do regolfo da barragem do Caia que habitualmente se encontra parcialmente submerso. Por entre os grandes afloramentos graníticos, está uma plataforma sobre o leito da ribeira, onde são visíveis restos de estruturas de habitação de planta retangular, com áreas individuais delimitadas entre os 50 e os 100 m². Toda essa zona está a descoberto uma grande mancha de cerâmica de construção (*tegulae*, tijolos e *imbrices*), cerâmica comum, *dolium* e ânfora. A meia encosta existe uma necrópole, que se orienta a nascente, com três sepulturas visíveis.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Reguengo 3

Troço de via romana em muito bom estado de conservação, que passaria pelo povoado Reguengo 1 em direção aos povoados do Reguengo 2 e Freiras 1. O caminho terá cerca de 3 Km. Em algumas das partes apresenta-se escavado na rocha e delimitado por pedras, nas laterais. É possível que em partes do troço, o piso se componha de uma camada de cascalheira, sobreposta de um lajeado. Depositado num maroiço a 300 metros do caminho está um miliário, em granito, sem inscrições.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009, Carneiro, 2008.

Freiras 1

Extenso povoado tardo-romano implantado numa encosta ligeira virada a Sudeste, sobranceira ao regolfo da barragem do Caia. O sítio arqueológico encontra-se quase na totalidade dentro do regolfo da albufeira.

Na zona mais a Nascente implanta-se uma necrópole da qual são visíveis três sepulturas. Uma delas conserva a tampa, uma grande laje. As sepulturas são marcadas pela presença de cerâmica comum de aspeto grosseiro, fragmentos de *dolium* e de *tegulae*. Na parte mais alta existe uma estrutura que apresentaria uma planta retangular.

A cerca de 80 metros, na direção a Poente, começa o que parece ser a zona habitacional, onde de uma forma anárquica se misturam construções habitacionais com sepulturas. Aparecendo nesta zona uma sepultura com estela na cabeceira e uma outra sepultura escavada na rocha.

Entre as várias estruturas habitacionais destaca-se uma que terá uma área de cerca de 35 m², de planta quadrangular e aparelho construtivo de grande qualidade. As restantes parecem ser recintos de enormes dimensões a meia encosta que alterna as pedras aparelhadas, com blocos grosseiros e pouco trabalhados que por sua vez se apoiam nos afloramentos.

Toda a área de ocupação é marcada por cerâmica de construção e comum de período romano. Como refere o arqueólogo André Carneiro acerca do sítio, *"Trata-se de um sítio com realidades difíceis de interpretar, dada a variedade de modos de construir e de estruturas ao longo do espaço, havendo ainda a contiguidade habitações/necrópole. Área muito extensa, ocupando todo o rebordo Sul e Oeste da península, com uma grande variedade de estruturas e de ambientes, e amplas diacronias, quer na zona funerária (sepulturas de inumação em cista/sepulturas escavadas na rocha) quer nas áreas habitacionais (compartimentos rectangulares com métodos de construção romanos e alinhamentos megalíticos em curva)."* (Carneiro, 2011,p. 32 vol.2)

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009, Carneiro, 2008.

Contenda

O sítio da Contenda 1 é um povoado tardo-romano com possível continuidade de ocupação durante a época medieval, que está implantado em ambas as margens da ribeira das Enfermarias. Apresenta um grande número de estruturas visíveis à superfície, entre elas uma grande estrutura, na margem esquerda da ribeira, com um alicerce de 12 metros de comprimento. Junto desta encontra-se uma pedra de lagar.

Na margem direita da ribeira está uma plataforma que se destaca pela existência de uma estrutura de contenção (recinto) onde se erigiam habitações. A cerâmica apesar de não ser muito abundante encontra-se em bom estado de conservação. As *tegulae* e

cerâmica comum pontuam a zona e aparece vidrado melado podendo indicar ocupação islâmica do local.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Grunha

O povoado Tardo Romano / Medieval Islâmico da Grunha localiza-se numa pequena elevação sobre a ribeira das Enfermarias atualmente no interior do regolfo da albufeira do Caia e que nos períodos de menor cota da barragem forma uma pequena ilha.

Na parte mais elevada da “ilha” encontra-se uma estrutura de planta retangular com cerca de 40 x 30 metros, e com alicerces modernos bem definidos do que parece ter sido uma reutilização de uma estrutura preexistente. À volta desta estrutura existe abundante cerâmica de construção romana, principalmente *tegulae*. Nas cotas mais baixas aparece fundamentalmente cerâmica comum e de armazenamento romana (*dollia*) e vidrado islâmico (verde - manganês e melado).

Bibliografia: Inédito.

9.4.2. Breve análise.

Com uma notável homogeneidade na cultura material visível à superfície, assim como nos modelos construtivos dos sítios e da dimensão da área ocupada, podemos ser tentados a definir com estando e perante uma só realidade arqueológica. Fato é que os sítios do Caia são uma realidade complexa, mas com poucos paralelos estudados em Portugal. Certo é que em nenhum dos sítios do Caia se encontram indicadores de conforto, monumentalidade ou riqueza, tradicionalmente associados à sociedade romana. Mesmo as estruturas a descoberto apresentam poucos cuidados na escolha dos materiais empregues, assim como uma completa ausência de regras urbanísticas mais próximas do mundo alto-medieval. Mas a passagem de uma via que ligaria todos estes sítios, assim como a possibilidade da existência de um nó viário (*Ad Septem Aras*) nas imediações permitiria a estes lugares estarem inseridos nas dinâmicas do mundo romano (Carneiro, 2011). As cerâmicas aí encontradas também são tipicamente romanas.

O sítio do monte das Freiras é aquele que apresenta uma maior rusticidade, pois aproveita maioritariamente afloramentos rochosos como estruturas, servindo estes de apoio direto às estruturas, sem que para isso, tenha havido um qualquer preparo dos rochedos. Havia uma clara desorganização espacial, com dificuldade em perceber os

limites de cada espaço. A cerâmica comum que aí se encontra foi fabricada com pastas grosseiras e mal depuradas, apenas junto da necrópole se achou fragmentos de cerâmica finas com pasta de qualidade. Neste povoado existe uma necrópole de inumação associada a estruturas de planta retangular.

O sítio da Horta Nova é aquele que apresenta um método de construção tipicamente romano, usando pedras fincadas exteriormente e o miolo preenchido de pedras mais pequenas e terra, sem recurso, neste caso, a argamassas. Ao contrário de outros sítios vizinhos, este parece ser plenamente imperial. Possivelmente um casal de cariz agropecuário (Carneiro, 2011; Lopes, 2009).

A necrópole do monte do Zambujal é uma tradicional necrópole escavada na rocha da Alta Idade Media, que conserva no seu entorno indicadores de ocupação romana.

Os sítios do monte da Contenda e Grunha parecem ter mantido uma ocupação em período árabe, já que foi registada nesses dois lugares grande quantidade de cerâmica vidrada.

10. Sítios e Estruturas de Época Medieval e Moderna.

No decorrer dos trabalhos de campo foram encontradas estruturas etnográficas, estruturas de caráter religioso e militar, que pela sua importância histórica, como na preservação da identidade local merecem serem abordadas neste trabalho.

O maior conjunto de estruturas registadas são de caráter religioso, num total de seis ermidas com diferentes cronologias, que vão do século XV ao XVIII. Todas elas seriam sedes de paróquias rurais atualmente extintas, votadas ao abandono.

Outro grupo de estruturas corresponde às de caráter etnográfico como sejam os chafurdãos, redizes e lagares. Estas estruturas estão um pouco disseminadas por todo o território, mostrando a importância do mundo rural na vivência dos habitantes do concelho.

Por último, as duas atalaias do monte das Escarninhas e Baldio que representam estruturas militares, demonstrando a importância da região na história definição da território nacional.

10.1. Lista de estruturas e sítios localizados.

Capela da Venda

A capela da Venda fica anexa ao monte com o mesmo nome. Situa-se numa elevação do lado direito da estrada nacional que liga Arronches a Portalegre. Mantém a traça original, com uma nave que termina num altar em abóbada, totalmente revestido a frescos. As figuras representadas nos frescos são características da pintura mural do Alentejo, nos séculos XVII/ XVIII. Anexo ao templo existe uma pequena sacristia, em avançado estado de ruína. Refira-se que a totalidade do monumento está em perigo de ruir, inclusive as pinturas da cúpula apresentam infiltrações.

Bibliografia: Inédito.

Atalaia do Baldio

Atalaia do século XVII pertencente ao complexo defensivo das Linhas de Elvas (Guerra da Restauração). A estrutura construída em granito local conserva-se em bom estado. O teto é abobadado, em tijolo, e serve de suporte a um terraço. Em redor da estrutura existe uma pequena mancha de cerâmica de construção e vidro moderno.

Bibliografia: Inédito.

Chafurdão do Baldio

Estrutura de arquitetura popular em falsa cúpula que serviria para abrigar animais (porcos?). Apresenta uma falsa cúpula formada por cinco arcos de volta perfeita, em silharia bem trabalhada. O revestimento da estrutura é feito por lajes de xisto e terra compactada. A estrutura tem uma planta retangular com as seguintes dimensões: 2,20x4m e 1,40m de altura. Têm duas entradas, a de maior dimensão está virada a Nascente, e possivelmente seria a principal. A segunda entrada, mais pequena, está na parte Sul da estrutura, conserva uma inscrição grafitada na pedra de trave, que não foi possível decifrar.

Bibliografia: Inédito.

Cascalheira

No sítio da Cascalheira perto da estrada ligação entre Arronches – Nave Fria, estão alicerces de uma estrutura de planta retangular (5m × 4m). As paredes da estrutura seriam em pedras quartzíticas e xistos locais. Conserva-se em bom estado o piso em tijolo e lajes de xisto. Em redor da estrutura existe uma pequena mancha de cerâmica vidrada e de construção, que se poderão atribuir a uma cronologia moderna/ contemporânea. Fontes orais atribuem existência de uma antiga capela no local.

Bibliografia: Inédito.

Areias 2

Recinto de planta circular que serviria como abrigo de animais. Conserva uma entrada virada a nascente. Toda a estrutura é em granito existindo em algumas zonas argamassadas. No lado norte existe uma pia de média dimensão. Em torno do recinto há abundante telha mourisca.

Bibliografia: Inédito.

Chafurdão da Sequeirinha 1

O chafurdão da Sequeirinha fica numa área plana próximo do monte de Revelhos, visível da estrada N371, que faz ligação entre Arronches e Campo Maior. A construção circular, de falsa cúpula, foi executada em xisto e granito. Com cerca de 5 metros de

diâmetro e 3,20m de altura. O teto encontra-se parcialmente destruído devido a uma figueira que nasceu no seu interior. Tem a entrada virada a nascente.

Bibliografia: Inédito.

Reguengos 5

Em elevação sobranceira à ribeira da Agulha estão cinco lagaretas escavadas num afloramento granítico de grande dimensão. As estruturas pouco fundas, estão contíguas entre si, conservando a parte de piso, orifício de escorrência e canal de decantação.

Bibliografia: Carneiro, 2011; Lopes, 2009.

Senhora do Carmo 1

A Ermida da Sr.^a do Carmo situa-se num outeiro aplanado sobranceiro à ribeira dos Duques a 10 km a Sudeste da vila de Arronches. O edifício é composto por uma nave e capela-mor justaposta, ambas abobadadas, uma sacristia e duas outras dependências. Conservam no seu interior frescos e a pia batismal tombada e fraturada junto da entrada. As pinturas correspondem à típica arte popular religiosa alentejana do século XVIII e XIX. O monumento religioso está em avançado estado de ruína, sendo no seu interior bem visíveis as marcas de vandalismo.

Bibliografia: Inédito.

Senhora do Carmo 2

Sepultura escavada no granito, implantada no topo de uma elevação perto da ermida da Sr.^a do Carmo. Apresenta uma forma retangular com cerca 1,80 m de comprimento e 60 cm de largura. A cabeceira está orientada a poente e apresenta um apoio de cabeça.

Bibliografia: Carneiro, 2011.

Perdigão

Mancha significativa de cerâmica medieval/ moderna próximo do geodésico do Perdigão. A mancha com cerca de 1,5 hectare é formada por cerâmica de construção (tijolo e telha), cerâmica comum de roda, vidrado melado e faiança. Estes materiais pertenceriam a um casal rural medieval /moderno.

Bibliografia: Inédito.

Ermida de S. Isidro

Ermida situada na margem direita do rio Caia, a três quilómetros a sudeste de Arronches, detém algumas pinturas nas paredes, encontrando-se totalmente em ruínas. O monumento será uma construção inicial do século XVI com acrescentos no século XVIII. Perto da ermida deu-se uma batalha da Guerra Peninsular no início do século XIX.

Bibliografia: www.cmarronches.pt.

Ermida da Sr.^a do Rosário

Pequena construção típica da igreja rural do século XVII. Fica situada a 5km de Arronches junto da via-férrea. A fachada é ladeada por dois cunhais de pedra talhada e rematados por pirâmides. Vê-se à esquerda uma pequena sineira. O pórtico tem a verga lavrada com motivos geométricos. O interior, de uma só nave, apresenta um teto forrado de tijoleiras ao gosto alentejano, internamente pintada de azul e branco com profusão de motivos florais. Acompanha o meio da nave um arco de volta redonda. Além do altar-mor tem dois altares laterais, com arcos pintados, datados de 1870. Em frente do edifício da igreja ergue-se um cruzeiro de granito, cuja base assenta sobre uma coluna com uma cruz em ferro.

Bibliografia: www.cmarronches.pt.

Atalaia das Escarninhas

Atalaia de planta quadrangular, implantada no topo de uma elevação bem destacada na paisagem, sobranceira a pequenos cursos de água. Em redor da fortificação existe uma pequena mancha de cerâmica moderna (comum e vidrado). O monumento corresponderá a uma fortificação edificada durante a guerra da Restauração no século XVII.

Bibliografia: www.cmarronches.pt

Ermida de S. Bento

Trata-se de uma pequena ermida situada junto da aldeia dos Mosteiros. Recentemente restaurada, o monumento do século XVIII, apresenta uma porta e postigos de granito e a capela-mor em forma cúpula. Existem fontes orais que referem a descoberta de sepulturas em redor. Apresenta alguns frescos recentemente recuperados. A construção

existente do século XVIII foi possivelmente edificada por cima de uma igreja mais antiga do século XV.

Bibliografia: www.cmarronches.pt.

Zambujal 4

Lagar no interior de um pequeno afloramento rochoso. Depositado debaixo de uma rocha foi achado uma pedra de lagar, uma pia de decantação e vários fragmentos de cerâmica de armazenamento. No afloramento existem manchas de fumo que poderão ter sido causadas pelo fogo utilizado na decantação do azeite.

Bibliografia: Inédito.

Horta da Bestarda

Perto do sítio da Horta da Bastarda encontram-se ruínas de uma estrutura de planta circular, possivelmente um chafurdão em avançado estado de destruição. Devido à vegetação que cobria as paredes não foi possível compreender as reais dimensões da estrutura, mas possui um diâmetro de cerca de seis metros e uma altura de dois metros. Nas paredes foram utilizados xistos e quartzitos locais prensados em terra e argila.

Bibliografia: Inédito.

Baldio 5

Estrutura a meia encosta perto do monte do Baldio. No local, à superfície, são visíveis restos de cerâmica de construção e comum, telha e tijolo. A área é muito reduzida e apresenta uma densidade de materiais algo reduzidos. Poderá corresponder a uma casa, da qual só restam as fundações. Os alicerces, em blocos de granito bem talhados, tem 6,3m x4,5m. A entrada seria virada a sul. Desconhece-se a sua funcionalidade podendo ter servido como abrigo de pastor ou ate mesmo ser um casal rústico Medieval/Moderno.

Bibliografia: Inédito.

11. Considerações finais

Os resultados obtidos neste trabalho permitem-nos perceber que o concelho de Arronches é possuidor de um significativo património arqueológico. No entanto grande parte dele encontra-se numa situação de desconhecimento e abandono. Até ao presente os únicos sítios arqueológicos do concelho que têm merecido um verdadeiro interesse público na sua proteção foram os abrigos com arte rupestre da freguesia da Esperança, com a classificação do abrigo dos Gaivões com o estatuto de monumento nacional desde 1970 (Decreto n.º 251/70, DG, I Série, n.º 129, de 3-06-1970), e do abrigo Pinho Monteiro classificado de Imóvel de Interesse Público desde 1986 (Decreto nº 1/86, de 3 de Janeiro, Decreto n.º 1/86, DR, I Série, n.º 2, de 3-01-1986).

A realização deste trabalho procurou colmatar algumas lacunas na localização do património arqueológico de Arronches, contribuindo de uma forma modesta, não só para a compreensão histórico arqueológica do concelho, como também para criar as bases para a realização de um projeto muito mais abrangente como é a carta arqueológica do concelho de Arronches.

Partimos para o campo com 105 sítios arqueológicos que se encontravam dispersos por fontes tão diversas como: a base de dados do Portal do Arqueólogo (Endovélico/DGPC), onde se obteve, informação sobre 45 sítios arqueológicos, distribuídos por 16 tipologias: Antas (11); Achados isolados (8); Abrigos/Grutas (4); Estações de ar livre (3); Vestígios (3), Habitat (3); *Villae* (2); Vias (2); Indeterminados (2); Povoado (1); Fortificação (1); Sepultura (1); Recinto (1), Ponte (1), Depósito (1) e Vestígios de Superfície (1).

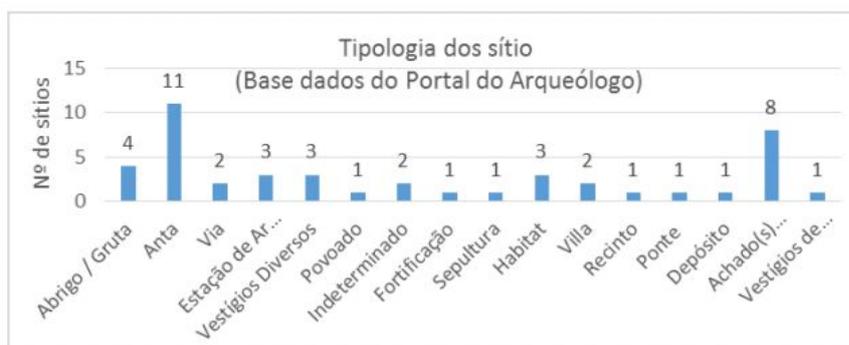


Gráfico 3 - Distribuição dos sítios por tipologias da Base dados do Portal do Arqueólogo respeitante ao concelho de Arronches.

Os restantes sítios encontravam-se referidos na bibliografia, sendo de destacar a obra de Mario Saa, os trabalhos realizados por André Carneiro, Jorge de Oliveira, Emílio Moitas e Clara Oliveira.

Após o término da prospeção, foram identificados e relocados 178 sítios, arqueológicos e etnográficos, sendo 73 inéditos. A freguesia com maior número de ocorrências foi a freguesia de Assunção, com 132 sítios, seguindo-se a freguesia da Esperança com 25 e por último a dos Mosteiros, com 21 sítios arqueológicos.

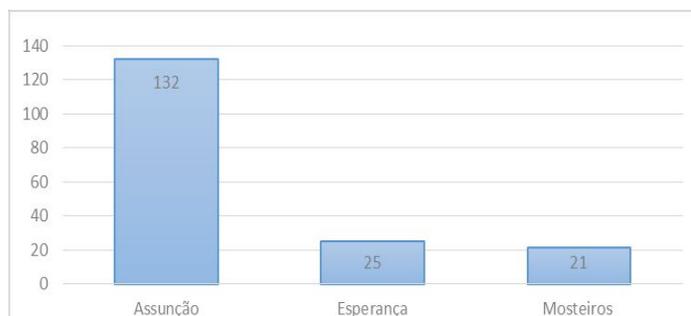


Gráfico 4 - Distribuição de sítios por freguesias do concelho.

A freguesia da Assunção que corresponde à quase totalidade do território centro-sul do concelho totaliza 74 % das ocorrências. Este grande desequilíbrio percentual existente entre a freguesia de Assunção em relação às outras duas freguesias do concelho poderá dever-se-á aos seguintes fatores:

- O primeiro fator, é a grande área que ocupa, 204,51 km², dos 314,65 km² que compõem o território concelhio.
- Um segundo fator é a sua localização geográfica no Sul do concelho. É nessa área do concelho onde se concentram os melhores solos agrícolas, os maiores recursos hídricos e onde os relevos são significativamente mais suaves.
- Um terceiro fator deve-se á passagem da via romana, elemento que fez com que se tivessem registado grande número de sítios romanos e pós-romanos ao longo do seu percurso.
- Quatro fator deve-se à existência de melhores acessibilidades e visibilidade do terreno, o que nos permitiu uma melhor prospeção.

No norte do concelho, a freguesia de Esperança registou 14% dos sítios. Correspondendo quase a metade deles a abrigos com arte rupestre. Igualmente significativo nesta região a existência de pequenos casais romanos junto das linhas de água mais relevantes (ribeira Ouguela e Manguens).

Com uma percentagem menor de ocorrências das três freguesias que compõem o concelho de Arronches, a freguesia dos Mosteiros registou a existência de 21 sítios correspondendo a 12 % do total. Com destaque para a existência do maior conjunto

megalítico do concelho, visto ser aí que se localizam as antas de Sarnadas, Fartos e as duas da Nave Fria.

Em termo de distribuição cronológica verificamos que existe um grande destaque para os sítios de cronologia romana. As ocorrências desse período correspondem a 50 % do total. Numa análise mais atenta dos dados, observa-se que estes valores refletem em grande medida o maior número de informações bibliográficas existentes.

Na segunda posição com 26 %, ficam os sítios de cronologia Neolítico – Calcolítico (Pré-história recente), que corresponde aos espaços de *habitat*, povoados e monumentos megalíticos.

Com cerca de 6% dos sítios registados ficaram os sítios de cronologia pós-glacial, correspondente aos abrigos com arte rupestre, e estruturas de época moderna. Os restantes cronologias ficaram todas abaixo dos 5%.

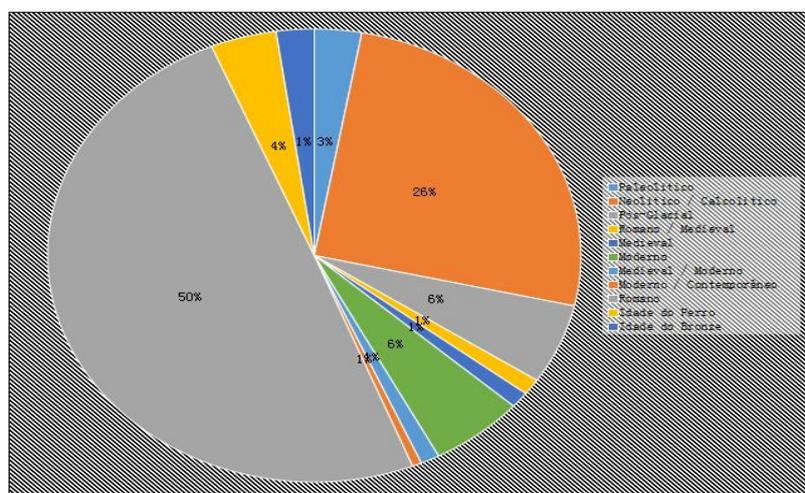


Gráfico 5 - Distribuição dos sítios por período cronológico.

Mediante os dados obtidos na prospeção podemos salientar a grande incidência de sítios do período romano no concelho de Arronches, dispersos um pouco por toda a área do território. Com particular incidência na faixa central do concelho ao longo das margens do rio Caia. Em termos de tipologia, trata-se de sítios bastante variados, podendo corresponder a pequenos casais rústicos, vias, minas e *villae*. No regolfo da albufeira do Caia, os sítios registados correspondem a grandes povoados de cronologia tar-do-romana de grandes dimensões que tem continuidade nos concelhos vizinhos de Elvas e Campo Maior.

Para os períodos anteriores verificámos que este se concentra sobretudo na faixa central do concelho, coincidindo em grande medida com o curso do rio Caia e a área granítica. Os extensos povoados concentram-se em torno de grandes afloramentos graníticos e/ou

em zonas de meia encosta, virados principalmente a Sul. Além da deteção dos espaços de *habitat* pré-históricos, realizou-se a realocização dos monumentos funerários já conhecidos anteriormente, permitindo perceber que o seu estado de conservação se tem mantido inalterado.

A análise global dos sítios arqueológicos conhecidos agora no concelho permite-nos traçar, em termos futuros, linhas de investigação mais seguras percebendo-se quais são os sítios com maior potencial científico mas também quais os que se encontram mais ameaçados ou mesmo destruídos.

12. Bibliografia

ALARCÃO, Jorge Manuel N. L. (1968) - Vidros Romanos de Museus do Alentejo e Algarve, *Conímbriga*, Coimbra, 7, pp. 7-40.

ALARCÃO, Jorge (1973) – Portugal Romano, 33º Volume da Coleção «*Historia Mundi*», Editorial Verbo, Lisboa.

ALARCÃO, Jorge (1988) – Roman Portugal, Warminster: Aris & Phillips, 1988, 4º vol. – Vol. 2 (fasc.3): Évora, Lagos, Faro.

ALARCÃO, Jorge (1990) – Portugal das Origens à Romanização, *direcção In Joel e Marques, A. H. Oliveira, Nova Historia de Portugal*, Vol. 1, Lisboa, Ed. Presença.

ALMEIDA, Nelson (2002) - Primeiros dados sobre a pré-história antiga no Nordeste alentejano, *Arqueologia do Norte Alentejano, Comunicações da 3ª Jornadas*, Edições Colibri, CM Fronteira, Lisboa, p.35-46.

ALMEIDA, Nelson (2007) - As ocupações paleolíticas no Nordeste alentejano: uma aproximação geoarqueológica; *Revista Portuguesa de Arqueologia* volume 10 número 2, p. 7-16.

ALMEIDA, Nelson (2014) - O Paleolítico Médio das Portas de Ródão, A margem esquerda (Nisa - Portugal), *Contributo para a sua caracterização cronoestratigráfica*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Arqueologia,ÉVORA [texto policopiado].

ARNAUD, José Morais (1970) – Os povoados pré e proto-históricos romanizados de Baldio (Arronches) e serra de Segóvia (Elvas): notícia preliminar, *Atas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, Junta Nacional de Educação.

ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1974-1977) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul: 1- Cabeço de Vaiamonte – Monforte, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3ª série, 7-9, p.165-202.

AZEVEDO, Pedro A. de (1897) - Notícias archeológicas colhidas em documentos do século XVIII, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. 3, nº 9-11, pp. 249.

BARRADAS, Luís (1925-26) - Paleolítico de Elvas, *O Arqueólogo português*, VOL, XXVII, Lisboa, p. 182-183.

BAPTISTA, António Martinho (1986) - Arte rupestre pós-glaciária, Esquematismo e Abstração, *História da Arte em Portugal*, vol. 1, Publicações Alfa, pp. 31-55.

BERNARDES, João Pedro (2007) - A ocupação romana na Região de Leiria, *Promontório Monografia nº 6*, Faro.

BREUIL, Henri (1917) - *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près de Arronches (Portalegre)*, *Terra Portuguesa*, Lisboa, 13-14, Fev. -Março, pp. 17-26.

BREUIL, Henri (1919-1920) - *La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)*, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. 24, 1919-1920, pp.47-55.

BREUIL, Henri (1933) – *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique, II Bassin du Guadian*, Imprimerie de Lagny, Lagny sur Marne.

BREUIL, Henri (1940) – *Quelques Observations sur les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique*, separata de Actas do I Congresso do Mundo Português, vol. 1, Porto, pp.11.

BOAVENTURA, Rui (2006) - Os IV e III Milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.9, nº2, Lisboa, IPA, p.61-73.

CALADO, Manuel (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal*, Alandroal, Câmara Municipal do Alandroal.

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) – *Carta Arqueológica do concelho do Redondo*, Redondo, Câmara Municipal de Redondo.

CALADO, Manuel (2006) - Territórios da Pré-História em Portugal. *Alentejo*. ed. 1. *Arkeos*. Tomar.

CALADO, Manuel, ROCHA, Leonor (2007) - As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central, a evolução do povoamento, Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo : Actas de las jornadas de arqueología del Museo de Cáceres / Enrique Cerillo Cuenca, Juan M. Valadés Sie / coord. por Enrique Cerrillo Cuenca, Juan Manuel Valadés Sierra, 2007, ISBN 978-84-9852-028-6, págs. 29-46

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2012) - O tempo das Pedras: Carta arqueológica de Mora, Câmara Municipal de Mora.

CARDOSO, João Luís (2002)- *Pré-história de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa.

CARDOSO, J. (1961) - Os solos em Portugal, sua classificação, caracterização e génese. 1 - Sul do rio Tejo. Lisboa.

CARDOSO, Luís P^a (1747) – *Diccionario geográfico, ou noticia histórica de todos as cidades, villas, lugares, e aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e*

Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas. Lisboa, Officina Regia Silviana, 1747, volume I, pp.642.

CARNEIRO, André (2004) – *Povoamento romano no atual concelho de Fronteira*, Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Fronteira.

CARNEIRO, André (2005) – *Carta Arqueológica de Fronteira*, Câmara Municipal de Fronteira, Edições Colibri, Lisboa.

CARNEIRO, André (2008) - *Itinerários Romanos do Alentejo uma releitura de «As grandes vias da Lusitânia, o itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*, CCDR, Colibri Artes Gráficas, Lisboa.

CARNEIRO, André (2009-2010)- *A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto.* *Hispania Antiqua* nº 33-34, pp. 237-272.

CARNEIRO, André (2011) – *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana: Lugares, Tempos e Pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia*, Universidade de Évora, Évora [texto policopiado].

CARNEIRO, André; ENCARNAÇÃO, José d'; OLIVEIRA, Jorge de; TEIXERA, Cláudia (2009) – *Uma Inscrição Votiva em Língua Lusitana*, *Palaeohispanica*, nº8, pp. 167-178.

CASTRO, Luís de Albuquerque e, FERREIRA, Octávio da Veiga (1960-61) – *As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções*, *Conimbriga*, vol. II-III, 1960-61, pp. 203-229.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCIA ARRANZ, José Júlio, coord. (2005) - *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura, vol.1, Arte Rupestre en el Parque Natural de Monfrague: El sector oriental*, Mérida, Junta de Extremadura, 283p.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCIA ARRANZ, José Júlio (2006) - *El Risco de San Blas, Albuquerque, Guías Arqueológicas de Extremadura*, nº 6, Badajoz, Consejería de Cultura, p.21.

CONCEIÇÃO, Cláudio (1827) - *Gabinete historico: que a Sua Magestade fidelissima o Senhor rei D. João VI. em o dia de seus felicissimos annos 13 de maio de 1818*, Volumes 11-12.

CORREIA, Virgílio (1916) – *Pinturas Rupestres da Sra. da Esperança (Arronches)*, *Terra Portuguesa*, nº5, ano I, Lisboa, Junho 1916, pp.158.

CORREIA, Virgílio (1917) - *Arte pré-histórica*, *Terra Portuguesa*, Lisboa, Tip. do Anuário Comercial, nº12, 13 e 14/ Janeiro a Março de 1917.

COSME, João (2005) - *O foral Manuelino de Arronches*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Arronches.

DAVEAU, Suzanne (1980) - *Espaço e Tempo. Evolução do Ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos Pré-Históricos*, Clio, Lisboa, vol.2 p. 13-37.

DINIZ, Mariana.; CALADO, Manuel. (1997) - *O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano*. *Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora. 2, p. 23-31.

DINIZ, Mariana (2000) – *Neolitização e megalitismo: arquiteturas do tempo no espaço*. In GONÇALVES, V. (ed.) - *“Muitas antas, pouca gente?” Atas do I Colóquio*

Internacional sobre Megalitismo. (Trabalhos de Arqueologia, 16), Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 105-116.

DINIZ, Mariana. (2001) - O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 4:1, p. 45-59.

DINIZ, Mariana (2004) – O Neolítico em Portugal: investigações recentes, problemas e perspectivas. Um contributo. *Arqueologia e História*. Lisboa. 55, p. 35-42.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José d'; OLIVEIRA, Jorge de, CARNEIRO, André , TEIXEIRA, Cláudia, (2008,) - “Uma inscrição votiva em língua lusitana”, *PalHispania* 8, pp .167-178.

FABIÃO. Carlos (1993) - O Passado Proto-histórico e a Romanização, Mattoso, J. (Dir.) *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 76-299.

FABIÃO, Carlos Jorge Soares (1998) - O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português. Lisboa.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1962) – Pinturas Rupestres em Portugal, *Revista Engenho*, nº 17/ 1-4, Janeiro – Março, Lisboa, 1962, pp. 1-14.

FERREIRA, Octavio da Veiga (1965) - Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança), *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, serie III, no 9, Lisboa, p.5

FERREIRA, Octávio da Veiga (1965) – Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança), *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, serie III, nº9, Lisboa, pp. 275-277.

GAMITO, Teresa Júdice (1981) – Os Romanos no Sudoeste da Península, *Historia*, nº 29, Lisboa, pp. 32-43.

GAMITO, Maria Teresa Júdice (1981) - A propósito do castro de Segóvia (Elvas): resistência a Roma no sudoeste peninsular. *In História*. Lisboa. vol. 29, p. 32-43.

GAMITO, Maria Teresa Júdice (1982) - A Idade do Ferro no sul de Portugal. Problemas e perspectivas. *In Arqueologia*. Porto. 6, p. 65-78.

GAMITO, Teresa Júdice (1996) – O Estanho de Aluvião e a Metalurgia do Bronze no Castro do Baldio (Arronches, Portugal), *Vipasca*, nº5, Aljustrel, pp. 29-50.

GIRALDO. Hipólito Gollado (1997) - Arte Rupestre en Extremadura Investigación, Conservación y Puesta em Valor, NORBA-ARTE, XVII.

GOMES, Mário Varela (1982). Atentado contra o património – Lapa dos Gaiões – Distrito de Portalegre – Arronches, *Informação Arqueológica*, Lisboa 1987, Instituto Português de Património Cultural, vol.8 – 1982, pp. 184-185.

GOMES, Mário Varela (1985) – Abrigo Pinho Monteiro – 1982, *Informação Arqueológica*, nº 5 IPPC – Departamento de Arqueologia.

GOMES, Mário Varela (1989) – Arte Rupestre e contexto Arqueológico, *Almansor Revista de Cultura*, nº 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp. 225- 247.

GOMES, Mário Varela (1990) – O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal, *Revista ICALP*, Vol. 22 e 23, Dezembro de 1990 / Março de 1991, pp. 125-177.

GONÇALVES, F; ASSUNÇÃO, C. Torre de; COELHO, A.V. Pinto (1978) - *Carta*

Geológica de Portugal na escala de 1: 50. 000: noticias explicativa da folha 33 Assumar, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

GONÇALVES, F., ASSUNÇÃO, C. Torre de; COELHO, A. V. Pinto (1972) - *Carta geológica de Portugal na escala de 1:50.000: notícia explicativa da folha 33C Campo Maior*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

HELENO, Manuel (1956) – O professor Henri Breuil, *O Arqueológico Português*, Lisboa, 2ª serie, 3, 1956, pp. 239-246.

HERNÁNDEZ – PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1916) – Pinturas Prehistoricas y dolmens de la Región de Albuquerque según Datos y Dibujos de Aurélio Cabrera, *Boletín de la Real Sociedad Española de História Natural*, Vol. XVI.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA E GEOFISICA (1991) - Normas Climatológicas da região de “Alentejo e Algarve” correspondendo de 1951 -1980. O clima em Portugal. XLIX. Lisboa. INMG. XLIX 4ª.

JORGE, Vitor de Oliveira (1972) – Jazidas 1 e 2 do Monte da Faia (rio Caia, Portalegre): Notícia preliminar, *O Arqueólogo Português*, 3ª serie, IV, 1972, pp. 79-102.

LEISNER, G; LEISNER, Vera (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlin, Walter de Gruyter.

LOPES, António (2009) - Povoamento romano no atual concelho de Arronches. *Trabalho de Seminário apresentado ao Departamento de História da Universidade de Évora*, no prelo.

MARTINS, Andrea (2013) - A pintura rupestre esquemática, em Portugal. Muitos sítios, mesmas pessoas?, *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 495- 505.

NUEVO, M.J.; MARTIN Sanchez; OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge (2010) - In situ energy dispersive X-ray fluorescence analysis of rock art pigments from the 'Abrigo dos Gaivões' and 'Igreja dos Mouros' caves (Portugal), X-Ray Spectrometry, Wiley Online Library

OLIVEIRA, Clara (2009) - Percursos da Investigação Arqueológica no Norte Alentejano: o caso do complexo de Arte Rupestre da freguesia da Esperança, dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente, Universidade de Évora, 2010 (texto policopiado).

OLIVEIRA, Jorge de, OLIVEIRA, Clara (2013) – Abrigo Igreja dos Mouros – Esperança – Arronches, no contexto da Arte Esquemática da Serra de S. Mamede. Arqueologia em Portugal 150 anos. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 507-514.

OLIVEIRA, Jorge de (2011) – Trabalhos arqueológicos na Coudelaria de Alter. Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3ª Jornadas, Lisboa. Edições Colibri/C. M. Fronteira, pp.45-61.

OLIVEIRA, Jorge de.; PARREIRA, João. (2007); *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*, Colibri ed.1, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge de; MOITAS, Emílio; OLIVEIRA, Clara (2005) - Megalitismo no Concelho de Arronches, *Actas das III Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Fronteira.

OLIVEIRA, Jorge de (2006) – Património arqueológico da Coudearia de Alter. E as primeiras comunidades agropastoris. Edições Colibri/ Universidade de Évora.

OLIVEIRA, Jorge de (2003) – A Arte Rupestre no contexto megalítico Norte Alentejano, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, Ed. Electrónica.

OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Cármen (1996) – Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán*, nº6, Câmara Municipal de Marvão, pp. 43-61.

OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998) – Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán*, nº 8, Câmara Municipal de Marvão, pp. 193-202.

PEIXOTO, Ana (1997) – A Lapa dos Gaivões – Arronches, *Ibn Maruán*, nº7, Câmara Municipal de Marvão, pp. 265-291.

PESTANA, Manuel Inácio (1984) - Arte Rupestre, do conjunto pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro, agora descoberto, *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº3, Março.

PESTANA, Manuel Inácio (1987) – Arte Rupestre da Freguesia da Esperança (concelho de Arronches), *Actas das 1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo de S. Mamede.

PINTO, Isabel (2000) – Povoamento rural romano do atual concelho de Arronches (Portalegre, Alto Alentejo, Portugal): a amostra disponível. *Actas do 3^a Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. IV, Porto, ADECAP, pp.441-452.

PINTO, Rui Serpa (1932) – O Abrigo Pré-histórico de Valdejunco (Esperança), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, nº5/3, Porto, pp. 245-246.

PIRES, António Thomaz (1901) - Catálogo do Museu Archeológico de Elvas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série:6, p. 209-236.

PROSPER, Villar B. M. Prosper, F. Villar, (2009) - “*Nueva inscripcion lusitana procedente de Portalegre*”, *Emerita* 77.1, pp. 1-32.

RAPOSO, Luís (1993-1994) – Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e sua contribuição para a Pré-história Portuguesa, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, 11/12, 1993-1994, pp. 223-290.

REIS, Maria Pilar (2000) – *Las Terras y Balnea Romanos de Lusitania*, *Studia Lusitana*, 1º, Mérida.

RIBEIRO, José Cardim (2010) - Algumas considerações sobre a inscrição em “Lusitano” descoberta em Arronches, *Serta Palaeohispanica J. de Hoz*, *Palaeohispanica* 10 (2010), pp. 41-62.

RIBEIRO, José Cardim (2015) - *La Inscripción lusitana de Arronches*, Lusitania Romana, Origem de dois Povos; Museo Nacional de Arte Romana, Mérida, 2015.

ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.

ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; BRANCO, Gertúdes. (2013) – *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.

RODRIGUES, Maria da Conceição (1975) – *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*, Lisboa, Junta Distrital de Portalegre.

RODRIGUES, Sergio (1996) - Contributo para o estudo das industrias líticas do vale do rio Caia (Alto Alentejo - Portugal), Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras Universidade do Porto. [texto policopiado].

SAA, Mário (1956 – 1959) - *As Grandes Vias da Lusitânia: o itinerário de António Pio* (Vol. 1 -2), Lisboa: Sociedade Astória, Lisboa.

SANTOS JUNIOR, Joaquim (1936) - Arte Rupestre, *Naturália*, Lisboa, Janeiro-Março, pp. 19-29.

SANTOS JUNIOR, Joaquim (1940) - Arte Rupestre, *Actas do Iº Congresso do Mundo Português/ Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso da Pré e Proto História de Portugal*, Vol. 1, Lisboa, pp. 327-376.

SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) – Pré-História em Portugal, Lisboa, Editorial Verbo.

SILVA, António Carlos; PERDIGÃO, José (1998) – Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos, Arraiolos, Câmara Municipal de Arraiolos.

SILVA, Carlos Tavares (1993) - Pré-História de Portugal, Universidade Aberta, Lisboa.

VASCONCELLOS, José Leite de (1919-1920) – Objetos Paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe. Henri Breuil, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Vol. 24, 1919-1920, pp. 56-58.

VASCONCELLOS, José Leite de (1927-1929) (a)– Antiguidades do Alentejo, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Vol. 28, 1927-1929, pp. 158-160.

VASCONCELLOS, José Leite de (1927-1929) (b) – Antiguidades do Alentejo, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Vol. 28, 1927-1929, pp. 173-176.

ZILHÃO, J. (2000) - *From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula*. En T. Price (ed.), *Europe's First Farmers*. Cambridge: Cambridge University Press.